



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Vazios Devolutos
Reinterpretações arquitectónicas em quarteirões do
centro da cidade de Guimarães

João Manuel Martins Lima Dias

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura
(Ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutora Ana Rita Martins Ochoa de Castro

Covilhã, Outubro de 2013

À minha pequena.

Advertência

A presente dissertação encontra-se escrita ao abrigo do Acordo Ortográfico Língua Portuguesa de 1990.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, começo por deixar um sincero agradecimento à minha orientadora e agora amiga Professora Doutora Arquitecta Ana Rita Martins Ochoa de Castro, por todo o apoio, dedicação, disponibilidade, paciência, amabilidade e confiança transmitidos ao longo deste trabalho.

À Professora Doutora Arquitecta María Candela Suarez e ao Professor Doutor Arquitecto Jorge Ramos Jular, pelos quais nutro grande carinho e amizade, agradeço todo o conhecimento e disponibilidade transmitidos durante o curso.

A todos os professores, em especial ao Professor Doutor Arquitecto Miguel Santiago, pelo suporte e amizade desenvolvidos ao longo dos cinco anos de curso.

Ao Dr. Domingos Bragança, actual Presidente da Câmara Municipal de Guimarães e amigo, pela disponibilidade no fornecimento de informação sem a qual teria sido impossível realizar este trabalho.

Ao Carlos Mesquita, director do Cineclub de Guimarães, pela prontidão e disponibilidade demonstradas nas conversas e no material fotográfico acerca da Cidade.

Aos meus amigos de infância, Pedro, Mica, Sofia e Joana, que ao longo da nossa longa amizade sempre me acompanharam e me apoiaram em tudo.

A todos aqueles que sabem que os apelido de amigos, descobertos na U.B.I., em especial ao André, à Luciana, ao João André, à Rita, à 'Cristina Acelera', ao Quinas, ao '21', ao Júlio, à Margarida e ao Rafa, agradeço o companheirismo, respeito e amizade por mim sempre demonstrados.

À minha família, que desde o início até ao fim estiveram a meu lado, apoiando-me com todos os recursos disponíveis.

À Pati, agradeço tudo. Pela cumplicidade, ajuda incansável, amor, suporte nos momentos mais difíceis, sem a qual este trabalho não teria sido possível realizar.

Por fim, em registo especial, quero agradecer aos melhores pais do mundo, que sobre todas as dificuldades e adversidades da vida, nunca deixaram de depositar toda a confiança em mim e por desde tão cedo terem apostado 'prego a fundo' na minha formação.

Resumo

“Nenhuma restauração se deve empreender, nem se deve autorizar, sem que previamente se defina, bem precisa e bem nitidamente, qual o fim de utilidade social a que êsse trabalho se consagra” (Ortigão, 1896).

Falar numa intervenção numa cidade milenar e histórica como Guimarães envolve: falar na sua gente, na conservação do seu património (essencialmente) urbano, na preservação estrita da sua identidade e autenticidade patrimonial, na continuidade das permanências essenciais de longo prazo (da cidade como monumento e na estrutura da sua morfologia), na conservação das suas qualidades formais actualmente sedimentadas (a arquitectura vernácula), mas também na integração de novos caminhos, novas oportunidades.

Os órgãos responsáveis pelo desenvolvimento de estratégias de reabilitação do centro histórico da cidade de Guimarães - primeiro protagonizadas por Nuno Portas, depois por Fernando Távora - defenderam a interdição do demolir para dar lugar ao betão, salvaguardando a imagem da cidade, e “obrigando-nos” hoje a [re]pensar as intervenções na área.

A protecção característica da área intramuros em que o centro histórico de Guimarães se insere transpõe-se para a forma como as ruas e os edifícios da envolvente se configuram. Os logradouros de quarteirões e vazios urbanos desta tão apertada malha urbana não são excepção, apresentando-se então fechados sobre si mesmos, rodeados de património nacional secular, e pontualmente em estado devoluto.

A presente dissertação tem como principais objectivos o estudo da distribuição, enquadramento e configuração de conjuntos formados por quarteirões e os seus intrínsecos “vazios devolutos” da área urbana pertencente ao centro histórico de Guimarães, assim como a elaboração de uma proposta de reinterpretação arquitectónica a desenvolver num quarteirão específico, que seja de elevada relevância para aplicações concretas futuras.

Palavras-chave

Guimarães, património, centro histórico, quarteirão, vazio devoluto, reinterpretação arquitectónica.

Abstract

“Nenhuma restauração se deve empreender, nem se deve autorizar, sem que previamente se defina, bem precisa e bem nitidamente, qual o fim de utilidade social a que êsse trabalho se consagra (...)” (Ortigão, 1896).

You can't speak in an intervention on an ancient and historic city as Guimarães without speaking: about its people, neither about its (mostly) urban heritage preservation, neither about strict preserving the identity and patrimonial authenticity, nor the continuity of essential long-term continuities (with the city as monument and on its morphological structure), not even on the conservation of formal qualities currently sedimented (vernacular architecture), but also be able to deal with the integration of new ways of thinking, new opportunities.

The responsible agencies for developing strategies on the Guimarães historic city center rehabilitation - first played by Nuno Portas, then Fernando Távora - defended the ban on demolition to make way for concrete, safeguarding the city image, and “forcing us” to [re]think today intervention in the area.

The characteristic protection of the intramural area on which the Guimarães historic city center is in, is translated to the way the streets and the buildings around appear. The block's playgrounds and the urban voids of this tight and special urban fabric are not exception, presented then closed upon themselves, surrounded by secular national heritage and punctually on vacant state.

This work has as main objective the study of the distribution, framework and configuration of sets formed by blocks and their intrinsic “empty vacant” from the urban area that belongs to the Guimarães historic city center, as well as the preparation of a proposal to develop an architectural reinterpretation of a specific block, that is highly relevant to future practical applications.

Keywords

Guimarães, heritage, historic center, block, empty vacant , architectural reinterpretation.

Índice

Parte 1	1
Introdução	3
Objectivos	4
Metodologia	5
Resultados esperados	6
Revisão da Literatura	6
Enquadramento do tema	7
Morfologia urbana - o quarteirão	
Introdução	8
Definições de quarteirão e vazio	8
Elementos morfológicos do quarteirão	10
Rua	10
Fachada	11
Edifício	12
Logradouro	12
Árvore e Vegetação	13
Evolução tipológica do quarteirão	14
Quarteirão Grego	14
Quarteirão Romano	15
Quarteirão Medieval	15
Quarteirão Renascentista/Barroco	16
Quarteirão Industrial	16
Quarteirão Vertical / Quarteirão do Modernismo	18
Síntese capítulo	19
Exemplos - 4 casos de apropriação do quarteirão	20
Introdução	21
Preservação - Quarteirão Império	21
Resguardo - Rue des Suisses	23

Teia - Fünf Höfe _____	25
Porta - Biblioteca, Lar e Espaço Público _____	28
Síntese Capítulo _____	31
Parte 2 _____	33
Guimarães _____	34
Desenvolvimento urbano	
Introdução _____	35
Área de Estudo _____	35
Evolução Histórica _____	35
950 a 1279 - 'A Bipolarização da Cidade' _____	36
1279 a 1498 - 'A Unificação Gótica da Cidade' _____	40
1496 a 1750 - 'A Qualificação Renascentista, Maneirista e Barroca da Cidade' _____	44
1750 a 1863 - 'A Reforma Rococó, Pombalina e Neoclássica da Cidade' _____	49
1853 a 1926 - 'A Expansão Eclética e Industrial da Cidade' _____	53
1926 a 1974 - 'A Ampliação e Renovação Moderno-monumental da Cidade' _____	57
Síntese Capítulo _____	61
Reabilitação urbana _____	62
Evolução do conceito	
Evolução do conceito de reabilitação _____	63
Revolução Industrial (século XVIII) _____	63
1933 - IV CIAM - Carta de Atenas _____	63
1951 - VIII CIAM - Reabilitação tecido urbano com memória _____	64
Actualidade _____	64
Estratégias de actuação _____	65
Guimarães _____	66
Situação actual	
Gabinete Técnico Local _____	67
Actualidade _____	68
Espaços verdes urbanos _____	68
Ruído _____	70

Estacionamento	71
Parte 3	73
Intervenção	74
Introdução	75
Quarteirões passíveis de serem intervencionados	76
Desenho nº 1 - Quarteirões passíveis de serem intervencionados	77
Quarteirão 'Central'	78
Localização	78
As Ruas	79
Alçado Rua Paio Galvão	80
Alçado Largo do Toural	81
Alçado Rua Santo de António	82
Alçado Largo Navarros de Andrade	83
Alçado Rua de Gil Vicente	84
Escolha do quarteirão	85
Situação actual	86
Desenho nº 2 - Situação actual do quarteirão	90
Estado de conservação	91
Edifícios devolutos / Limpeza do 'miolo' do quarteirão - demolições	91
Desenho nº3 - Construções a manter/a demolir	94
Desenho nº 4 - Resultado final da limpeza do 'miolo' do quarteirão	95
Proposta	96
Questões técnicas e materiais	99
Desenho nº 5 - Proposta - Planta piso térreo	101
Desenho nº 6 - Proposta - Planta piso subterrâneo	102
Desenho nº7 - Secção A-A' / B-B'	103
Desenho nº8 - Pormenor Construtivo	104
Conclusão	105
Bibliografia	106

Lista de Figuras

1. **Repensar o quarteirão - Caderno de esboços do autor;**
Fonte: Desenho elaborado pelo autor.
2. **Forma Urbis Lab;**
Fonte: <http://formaurbislab.fa.utl.pt>.
3. **Esquema representativo dos elementos morfológicos do quarteirão;**
Fonte: Desenho elaborado pelo autor.
4. **Elementos morfológicos do quarteirão - Rua;**
Fonte: Desenho elaborado pelo autor.
5. **Elementos morfológicos do quarteirão - Fachada;**
Fonte: Desenho elaborado pelo autor.
6. **Fachadas dos palácios sobre o rio Gilão em Tavira;**
Fonte: Lamas, José M. R. Garcia. (2011). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
7. **Elementos morfológicos do quarteirão - Edifício;**
Fonte: Desenho elaborado pelo autor.
8. **Elementos morfológicos do quarteirão - Logradouro;**
Fonte: Desenho elaborado pelo autor.
9. **Presença de vegetação no Central Park (Nova Iorque) e na Avenida dos Champs-Élysées (Paris);**
Fonte 1: http://www.bricoleurbanism.org/wp-content/uploads/2010/05/champs-elysees_normal-1_634x364.jpg;
Fonte 2: <http://www.architizer.com/blog/wp-content/uploads/2013/01/central-park.jpg>.
10. **O quarteirão Grego - Volume constante, vazios irregulares;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
11. **O quarteirão Romano - Construção em altura, aumento cénica;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
12. **O quarteirão Medieval - Aparecimento do logradouro como espaço complementar da habitação;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
13. **O quarteirão Renascentista/Barroco - Aparecimento de novo modelo, em anel;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
14. **O quarteirão Industrial - Necessidade de habitações, invasão do logradouro pela construção;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
15. **Plaza Real, Barcelona;**
Fonte: Fotografia do autor.
16. **O quarteirão Vertical e o quarteirão do Modernismo - Caricaturas do Superblock, autónomos;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
17. **Esquemas exemplificativos dos 4 casos de apropriação do quarteirão;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
18. **Passagem coberta, ligação Rua Garret/Travessa do Carmo;**
Fonte: Fotografia elaborada pelo autor.
19. **Quarteirão Império, intervenção e fluxos;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.

20. **Presença da intervenção no Quarteirão Rue des Suisses x Rue Jonquoy;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
21. **a) Vista do interior do quarteirão;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
b) Bloco habitacional + casa unifamiliar;
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
c) Pormenor bloco cozinhas e casas de banho habitação interior quarteirão;
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
22. **Planta intervenção, fluxos e permeabilidade;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
23. **Fachada 'Kunsthalle';**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
24. **a) 1 dos 5 pátios;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
b) 1 dos 5 pátios;
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
c) Percurso interior;
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
25. **Implantação com indicação dos percursos pedonais no piso térreo;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
26. **a) Demolições;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
b) Novas construções;
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
c) Percursos;
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
d) Blocos construídos;
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
27. **a) 'Fachada-porta';**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor a partir da fotografia de Revista El Croquis 'RCR ARQUITECTES 2003-2007', El Croquis Ediciones, Madrid, 2007.
b) Túnel de acesso ao interior do quarteirão, biblioteca no corpo elevado;
Fonte: Revista El Croquis 'RCR ARQUITECTES 2003-2007', El Croquis Ediciones, Madrid, 2007.
28. **a) Esquema implantação novo edifício;**
Fonte: Revista El Croquis 'RCR ARQUITECTES 2003-2007', El Croquis Ediciones, Madrid, 2007.
b) Planta implantação com envolvente;
Fonte: Revista El Croquis 'RCR ARQUITECTES 2003-2007', El Croquis Ediciones, Madrid, 2007.
c) Planta piso térreo;
Fonte: Revista El Croquis 'RCR ARQUITECTES 2003-2007', El Croquis Ediciones, Madrid, 2007.
29. **Fachada interior, com jardim interior no centro, corpo biblioteca à esquerda, lar de idosos à direita;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor a partir da fotografia de Revista El Croquis 'RCR ARQUITECTES 2003-2007', El Croquis Ediciones, Madrid, 2007.

30. **Implantação com indicação de fluxos e permeabilidade;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
31. **Evolução da forma urbana de Guimarães;**
Fonte: Esquemas elaborados pelo autor.
32. **Esquema representativo das transformações da cidade ao longo do tempo;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
33. **Esquema de ligação dos dois pólos da cidade, 'Vila Alta' e 'Vila Baixa', através da Rua de Santa Maria. A amarelo os dois pólos da cidade;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
34. **Interpretação cartográfica representativa da fase 1/6 da evolução urbana da cidade de Guimarães;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
35. **Esquema nova cerca. A linha castanha representa a nova cerca, os símbolos representam as portas de entrada na cidade;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
36. **Esquema cheios/vazios. A preto estão representadas todas as vias e praças da vila; por oposição, o que está a branco dentro das muralhas é malha habitacional ou terreno de cultivo;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
37. **Interpretação cartográfica representativa da fase 2/6 da evolução urbana da cidade de Guimarães;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
38. **Esquema cheios/vazios. A preto estão representadas todas as vias e praças da vila; por oposição, o que está a branco dentro das muralhas é malha habitacional ou terreno de cultivo;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
39. **Casas seiscentistas;**
Fonte: <http://www.flickr.com/photos/cgoulao/4207530662/>.
40. **Interpretação cartográfica representativa da fase 3/6 da evolução urbana da cidade de Guimarães;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
41. **Pormenor da planta da cidade de Guimarães, com foco na zona de couros. A preto estão assinaladas as construções dedicadas à indústria de curtumes;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
42. **Interpretação cartográfica representativa da fase 4/6 da evolução urbana da cidade de Guimarães;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
43. **Plano de Urbanização - Engº Manuel de Almeida Ribeiro, 1863;**
Fonte: Lamas, José M. R. Garcia. (2011). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
44. **Pormenor da planta da cidade de Guimarães, com foco na nova zona verde da cidade. A preto estão indicados os limites da malha habitacional em diálogo com a nova zona em questão; e a verde o Largo do Toural (cima) e a zona verde de S. Francisco (baixo);**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
45. **Interpretação cartográfica representativa da fase 5/6 da evolução urbana da cidade de Guimarães;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
46. **Esquema novas artérias da cidade. A traço-ponto, a nova linha de caminho-de-ferro; a vermelho os limites das novas artérias;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.

47. **Exemplo apropriação do interior do quarteirão. O círculo amarelo indica a localização da nova central de camionagem; a amarelo traço interrompido, estão indicados os acessos à mesma;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
48. **Interpretação cartográfica representativa da fase 5/6 da evolução urbana da cidade de Guimarães;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
49. **El Matadero, Madrid;**
Fonte: <http://www.flickr.com/photos/32179778@N00/6966562227/>.
50. **Ville Radieuse, Le Corbusier, 1924. À esquerda, esquema do conjunto; à direita, exemplo de uma rua corredor com espaços verdes entre os edifícios;**
Fonte 1: http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2013/08/52001cc3e8e44e6db000007_ad-classics-ville-radieuse-le-corbusier_corbusierville3millionsg.jpg;
Fonte 2: http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2013/08/51fadfbbe8e44ea2b0000010_ad-classics-ville-radieuse-le-corbusier_ville_radieuse_-1-.jpg.
51. **Edifício Bounjour Tristesse de Álvaro Siza Vieira, Berlim, 1982. À esquerda, fachada principal do edifício; à direita, diálogo do edifício com existente;**
Fonte 1: <http://www.flickr.com/photos/rucativaca/6138298934/>;
Fonte 2: <http://www.flickr.com/photos/iqbalaalam/4081857371/sizes/o/in/photostream/>.
52. **Laboratório da Paisagem, Cannatà e Fernandes, Guimarães. Antiga fábrica reabilitada como espaço público;**
Fonte 1: LFA_20120629_049.jpg;
Fonte 2: LFA_20120629_079.jpg.
53. **Diagrama representativo da evolução das estratégias de actuação em relação à reabilitação;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
54. **'Aqui nasceu Portugal', Alameda, Guimarães;**
Fonte: <http://www.flickr.com/photos/67355953@N08/6751867183>.
55. **Mapa dos Espaços Verdes Urbanos. As manchas verdes representam os espaços verdes, a linha preta representa o limite da 'zona classificada como Património Cultural da Humanidade';**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
56. **Mapa de Ruído. As machas de cor apresentam diversos valores de ruído, segundo a legenda;**
Fonte: Câmara Municipal de Guimarães.
57. **Mapa de estacionamento. A vermelho estão identificados os lugares de estacionamento. A mancha cinza e o limite da Área Classificada como Património Cultural da Humanidade pela UNESCO;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
58. **Estudos de cêrcea dos edifícios das ruas Paio Galvão, Gil Vicente, Santo António; e dos largos do Toural e de Navarros de Andrade, em Guimarães;**
Fonte: Esquismo sobre esquema do autor.
59. **Vista aérea da cidade de Guimarães. A branco estão representados alguns exemplos de quarteirão da cidade de Guimarães, a amarelo o limite da Área Classificada como Património Cultural da Humanidade pela UNESCO®;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
60. **Desenho nº 1 - Quarteirões passíveis de serem intervencionados;**
Fonte: Elaborado pelo autor.
61. **Vista aérea do Quarteirão 'Central';**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.

62. **Esquema representativo da evolução do quarteirão 'central' ao longo do tempo. Cada imagem representa uma época evolutiva da cidade (ver capítulo 'Guimarães - Desenvolvimento Urbano). A preto está indicada a malha construída, e a verde o miolo do quarteirão;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
63. **Esquema representativo das ligações entre os alçados das ruas constituintes do quarteirão;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
64. **Alçado Rua Paio Galvão;**
Fonte: Elaborado pelo autor
65. **Alçado Largo do Toural;**
Fonte: Elaborado pelo autor.
66. **Alçado Rua de Santo António;**
Fonte: Elaborado pelo autor.
67. **Alçado Largo de Navarros Andrade;**
Fonte: Elaborado pelo autor.
68. **Alçado Rua Gil Vicente;**
Fonte: Elaborado pelo autor.
69. **Esquema representativo das camadas constituintes do quarteirão: Edificado; Edificações construídas em antigos logradouros / apropriações; Logradouros (hortas, quintais);**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
70. **Esquema representativo dos caminhos de servidão actualmente existentes no 'miolo' do quarteirão. A traço interrompido amarelo estão indicados os caminhos que se servem do edifício para penetrar no interior. As manchas amarelas representam partes dos caminhos que se apresentam a céu-aberto;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
71. **Vista do interior do túnel do edifício nº 59 da Rua Gil Vicente;**
Fonte: Fotografia do autor.
72. **Vista a partir da Rua de Santo António, para o túnel do edifício nº36;**
Fonte: Fotografia do autor.
73. **a) - Vista do o interior do túnel do edifício nº14 da Rua Paio Galvão;**
Fonte: Fotografia do autor
b) - Vista a partir da Rua Paio Galvão para o túnel do edifício nº 8 da Rua Paio Galvão;
Fonte: Fotografia do autor.
c) - Vista do interior do túnel do edifício nº8 da Rua Paio Galvão;
Fonte: Fotografia do autor.
74. **Exemplo caminho de servidão a céu-aberto. Do lado esquerdo está a fachada traseira de uma apropriação feita pelo edifício nº 36 da Rua de Santo António;**
Fonte: Fotografia do autor.
75. **Interior das Galerias de Santo António (apropriação do edifício nº36 da Rua de Santo António). É usado apenas como passagem, apenas uma loja está em funcionamento;**
Fonte: Fotografia do autor.
76. **Interior de uma apropriação do edifício nº 59 da Rua Gil Vicente. Funciona actualmente como garagem de recolha de viaturas, mas principalmente como atalho pedonal entre as Rua Gil Vicente, a Rua Paio Galvão e a Rua de Santo António;**
Fonte: Fotografia do autor.
77. **Desenho nº 2 - Situação actual do quarteirão;**
Fonte: Elaborado pelo autor.

78. **Planta esquemática representativa do estado de conservação dos edifícios;**
Fonte: Câmara Municipal de Guimarães.
79. **Vista do interior do quarteirão, feita a partir da cobertura da apropriação feita pelo edifício nº 32 da Rua de Santo António. A camada com transparência e a preto e branco indica as construções do 'miolo' do quarteirão;**
Fonte: Fotografia do autor.
80. **Vista do interior de um dos ainda existentes logradouros, nº 40 da Rua de Santo António;**
Fonte: Fotografia do autor.
81. **Vista do interior do quarteirão, a partir do nº 6 da Rua Paio Galvão. Com incidência solar estão os edifícios pertencentes à construção original e perimetral do quarteirão;**
Fonte: Fotografia do autor.
82. **Vista do 3º piso do nº 53 da Rua Gil Vicente para o interior do quarteirão. Do lado esquerdo, o denominado 'Jardim dos Reformados', como exemplo de actual uso do logradouro como tal;**
Fonte: Fotografia de/e cedida por Carlos Mesquita.
83. **Vista axonométrica representativa da limpeza final do quarteirão;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
84. **Desenho nº3 - Construções a manter/a demolir;**
Fonte: Elaborado pelo autor.
85. **Desenho nº 4 - Resultado final da limpeza do 'miolo' do quarteirão;**
Fonte: Elaborado pelo autor.
86. **A imagem da esquerda, a preto, mostra a planta do piso térreo e as construções perimetrais, bem como o limite interior de divisão edificado/'miolo'. A imagem da direita, a preto, mostra a planta do piso subterrâneo (estacionamento), onde a linha limite é a mesma da planta do nível superior;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
87. **A imagem apresenta parte da proposta de tratamento urbanístico do piso térreo. Os edifícios cinzentos são os 'edifícios-tapete', a partir do qual (para dentro do quarteirão) se desenvolvem marcas no pavimento, que permitem a extensão do próprio edifício para o 'miolo' do quarteirão;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
88. **O esquema da esquerda mostra o offset feito com base na linha limite do 'miolo' do piso térreo. O esquema da direita mostra as adaptações feitas através do limite dos lugares de estacionamento;**
Fonte: Esquema elaborado pelo autor.
89. **Planta piso térreo da proposta;**
Fonte: Elaborado pelo autor.
90. **Desenho nº5 - Proposta - Planta piso térreo;**
Fonte: Elaborado pelo autor.
91. **Desenho nº 6 - Proposta - Piso subterrâneo;**
Fonte: Elaborado pelo autor.
92. **Desenho nº 7 - Secção A-A' / B-B';**
Fonte: Elaborado pelo autor.
93. **Desenho nº 8 - Pormenor construtivo;**
Fonte: Elaborado pelo autor.

I. Parte 1

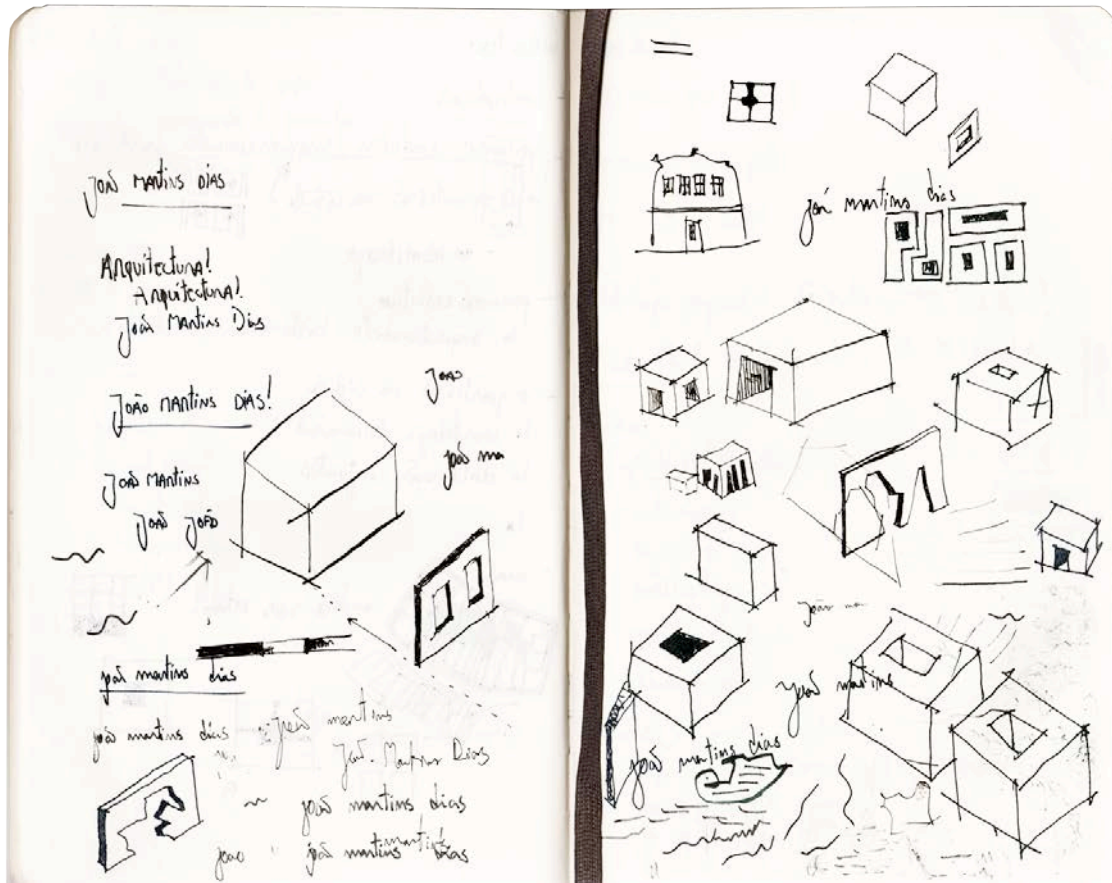


Figura 1 - Repensar o quarteirão - Caderno de esboços do autor.

1. Introdução

A presente dissertação tem como objecto de estudo o interior (miolo) dos quarteirões presentes na cidade de Guimarães. Em consequência do estado de conservação e da própria configuração dos espaços, esta dissertação pretende apresentar uma proposta estratégica de reinterpretação arquitectónica¹ para estes espaços.

A escolha do tema, deve-se não só às razões apresentadas anteriormente, mas também ao facto de o autor desta dissertação ser natural da cidade de Guimarães, o que motivou desde logo uma identificação com o objecto de estudo e uma vontade de resolver alguns dos problemas, mais facilmente identificável por quem vivencia diariamente a cidade.

O facto de repensar e reinterpretar uma pré-existência requer que o desenvolvimento seja feito com intenção de reflexão sobre a mesma. Assim, esta dissertação pretende contribuir para a reflexão em torno dos processos de regeneração urbana, debate crítico, através da apresentação de uma proposta estratégica operativa para a zona acima referida.

A presente dissertação pretende ainda ser um contributo para uma melhor leitura da malha urbana presente no centro histórico da cidade de Guimarães, através da apresentação destes espaços, bem como de novas ideias de experienciar e vivenciar os mesmos.

1.1. OBJECTIVOS

Face ao exposto, os principais objectivos da dissertação são:

1. Perceber a importância e o impacto dos vazios urbanos - principalmente o miolo dos quarteirões - no contexto urbano;
2. Analisar e identificar problemas actuais no tecido urbano, em concordância com as necessidades actuais dos habitantes;
3. Elaborar uma estratégia de intervenção num conjunto de quarteirões, com detalhe numa proposta de reinterpretação arquitectónica num quarteirão específico, que seja de elevada relevância para aplicações concretas no futuro.

Mais especificamente:

1. Identificar e proceder ao levantamento, na área de estudo a definir, quarteirões (cheios) e vazios neles presentes - miolo dos quarteirões;

¹ Aqui entenda-se reinterpretação arquitectónica como um projecto de 2 fases: uma primeira de interpretação do existente; e uma segunda de regeneração, dando resposta a necessidades pré-existentes, assim como introduz novos usos, não patententes na situação actual.

2. Catalogar os diferentes tipos de quarteirões e fazer a selecção de um grupo que, no seu conjunto, inclua um grupo exemplificativo dos quarteirões-tipo presentes no centro histórico, que sejam passíveis de ser intervencionados; e escolher **um quarteirão** que melhor se adequa à proposta que se tenciona desenvolver;
3. Elaborar uma estratégia de intervenção nos conjuntos anteriormente referidos, de forma a dar resposta aos problemas anteriormente detectados e que contenha no seu programa espaço público, diferentes tipos de equipamentos e usos variados nos vazios urbanos devolutos escolhidos (miolo);
4. Desenvolver detalhadamente o quarteirão escolhido, mencionado na alínea 3.

1.2. METODOLOGIA

A metodologia a ser aplicada assentará nas seguintes fases:

1. Recolha de informação in loco:
 - a) Permanente e directa relação com o local de estudo, através de visitas à cidade de Guimarães para recolha de todo o material disponível acerca do tema; contacto com entidades possuidoras de informação relevante ao tema; análises urbanas através de fontes primárias e secundárias;
 - b) Identificação e levantamento do tipo de quarteirão escolhido, através da visita ao mesmo, de desenhos técnicos, fotografias e de fichas de trabalho.
2. Desenvolvimento do corpo teórico desta dissertação:
 - a) Analisar, compilar e proceder ao tratamento de toda a informação recolhida, bem como a adição de pesquisas feitas através da leitura de monografias, bibliografias, publicações e internet, iniciando-se assim a ponte entre os objectivos e o corpo da dissertação;
 - b) Elaborar uma contextualização teórica à temática, através de variadas análises individuais, comparativas, etc.;
 - c) Elaborar estudos baseados em casos construídos, de forma a enriquecer a componente de estudo e aprendizagem da dissertação;
 - d) Analisar morfologicamente a parte da cidade em questão; bem como as actividades e usos presentemente patentes nos edifícios do quarteirão a intervir;
 - e) Relatar problemas actuais do tecido urbano.

3. Elaboração de proposta arquitectónica:

- a) Escolha de uma área de intervenção;
- b) Análise dos problemas detectados e definição do programa a incluir na proposta, de forma a dar resposta a estes;
- c) Elaboração de esquemas e diagramas juntamente com memória descritiva e justificativa da proposta, desenho detalhado das peças necessárias e concepção de modelos reais/virtuais necessários à melhor compreensão da proposta.

1.3. RESULTADOS ESPERADOS

A presente dissertação pretende ser um contributo para uma melhor leitura da malha urbana presente no centro histórico da cidade de Guimarães, através de estudos e da elaboração da proposta anteriormente explicitada.

Pretende-se também a introdução à requalificação destes espaços trazendo qualidade arquitectónica ao local; que a criação de espaço público funcione como impulsionador de mudança na área envolvente e abrangente da intervenção; que haja novas formas de apropriação cívica da cidade e que a proposta seja de relevância tal, que justifique uma posterior apresentação à Câmara Municipal de Guimarães com intenção de servir como ponto de partida para uma possível intervenção.

1.4. REVISÃO DA LITERATURA

Como demonstrado antes, a presente dissertação está dividida em 3 momentos de reflexão teórica, um primeiro de enquadramento ao tema teórico - o quarteirão -, um segundo, 4 casos de estudo sobre apropriações de quarteirão, e um terceiro sobre o desenvolvimento urbano da cidade de Guimarães.

A termo de revisão bibliográfica do primeiro momento de reflexão, este apoia-se em autores e bibliografias concretas acerca do tema - Fraçoise Choay (2010), José Lamas (2011), Sidónio Pardal (1998) - onde as opiniões pessoais dos arquitectos são explicitadas e comentadas pelo autor de forma a entender o que é a morfologia do quarteirão.

Em relação ao segundo momento, cada caso de estudo foi explorado e suportado ora nos fundamentos dos próprios arquitectos que desenvolveram os projectos - Gonçalo Byrne - ora em publicações de arquitectura referentes aos mesmos.

O último momento de reflexão, sobre o desenvolvimento urbano da cidade, foi totalmente baseado no livro “Guimarães Património Cultural da Humanidade” de José Mattoso (2002), por compatibilidade de pontos de vista, e explicitação clara da realidade histórica da cidade.

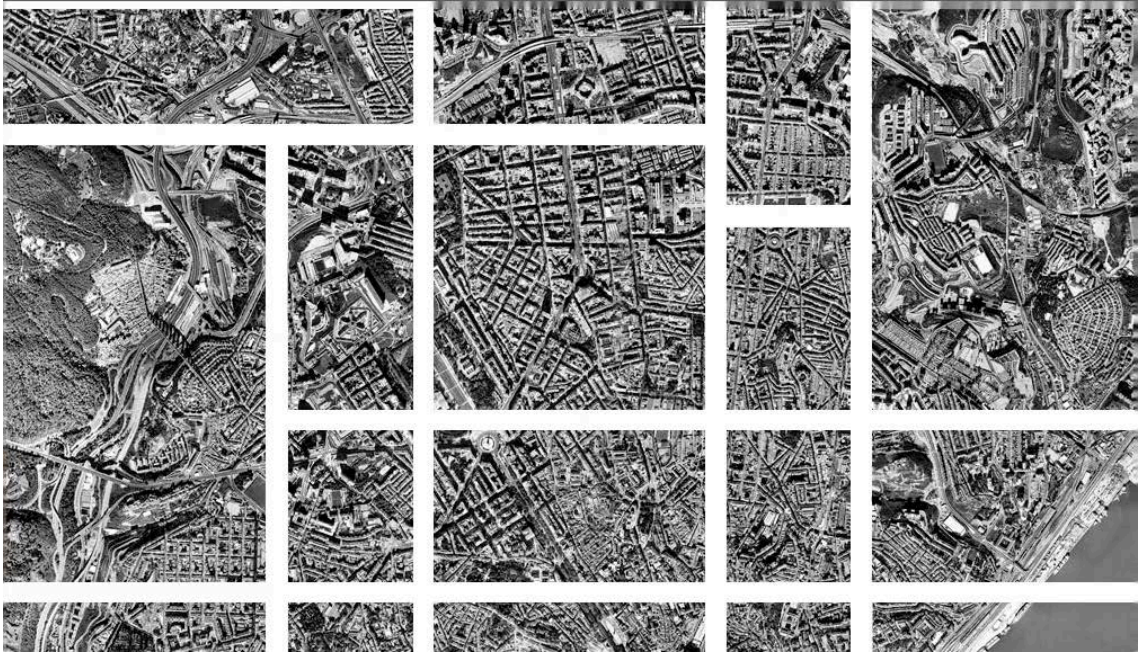


Figura 2 - Forma Urbis Lab.

2. Enquadramento do tema Morfologia urbana - o quarteirão

2.1. INTRODUÇÃO

O tema desenvolvido nesta dissertação centra-se na reflexão em torno da leitura e entendimento da imagem da cidade, com foco num elemento: o quarteirão.

Este capítulo tem como objectivo realizar um breve enquadramento teórico quanto à morfologia urbana, a questão do quarteirão. Com isto pretende-se apresentar uma reflexão acerca das definições e algumas das tipologias que ao longo do tempo ajudaram a definir o quarteirão. Para além disso apresenta também a definição de vazio e ajuda a conectá-lo com a definição do próprio espaço interior/intersticial do quarteirão. Pretende-se também identificar de que modo estas “manifestações silenciosas” estão presentes na malha de uma cidade e demonstrar que as cidades não são só constituídas pela massa construída. De seguida serão apresentados pontos de vista de diversos autores de forma a fazer uma contextualização de interesse relevante ao desenvolvimento do trabalho em curso.

2.2. DEFINIÇÕES DE QUARTEIRÃO E VAZIO

“De uma perspectiva puramente geométrica, o quarteirão é a célula de origem de todo o desenho urbano. Este define a rede viária através das suas faces, e a estrutura cadastral no seu miolo. Este último determina o ritmo do edificado no perímetro do quarteirão. Os seus loteamentos reflectem a relação de propriedade privada, e desta forma, reflectem também as relações na sociedade que os adoptou” (Krier, 2003).

No seu sentido mais lato, o **quarteirão** é uma unidade morfológica da cidade. Para Lamas (2011: 88) o quarteirão é um contínuo de edifícios agrupados entre si em anel, ou sistema fechado e separado dos demais; é o espaço delimitado pelo cruzamento de três ou mais vias e subdivisível em lotes para construção de edifícios. É também um processo geométrico elementar, e como tal começou a sua existência, a partir da qual começou a ganhar estatuto no desenho da cidade como unidade morfológica. Lamas (2011: 88) defende ainda que o quarteirão não é autónomo dos restantes elementos do espaço urbano (os traçados, ou as vias, os espaços públicos, os lotes e os edifícios); que é simultaneamente o resultado de regras geométricas de divisão fundiária do solo e de ordenamento do espaço urbano, e um instrumento operativo de produção da cidade tradicional. É esta dualidade que lhe confere o estatuto de elemento morfológico autónomo. Na maior parte dos centros históricos europeus, estes são elementos frequentemente utilizados em processos de reabilitação ou regeneração urbanas. Estas características fazem do quarteirão um ‘objecto’ passível de intervenção.

Lamas (2011: 90) defende também que o quarteirão é um resultado intersticial de traçados - daí a sua irregularidade formal - mas também um elemento morfológico gerador do espaço urbano, por repetição e multiplicação. Segundo Sidónio Pardal (1998: 77) o quarteirão tem um papel funcional na malha urbana, na medida em que confere compacidade ao tecido urbano, permitindo explorar as relações e as diferenças entre o seu interior e exterior, procurando com que a escala humana deste, não constitua uma

barreira nos percursos dentro da cidade. Existe então a necessidade de um correcto dimensionamento, assim como uma correcta distribuição programática aquando de uma intervenção num local como este, tornando-se para isso necessário o conhecimento dos seus elementos morfológicos, assim como a evolução ao longo do tempo de forma a proporcionar uma correspondência com as exigências da cidade contemporânea.

Ainda a termo de definição, para Choay (2010: 653), e segundo uma tradução livre do 'Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement', o quarteirão é uma fracção do território de uma cidade, dotada de uma fisionomia própria e caracterizada por traços distintivos que lhe conferem uma certa unidade e individualidade.

Trabalhar com um 'objecto' como o quarteirão implica perceber que este é compreendido por um cheio mas também por um **vazio** (o seu interior). Em 2007 no Seminário de Estudos Urbanos, do Instituto Universitário de Lisboa, o tema "vazios úteis" foi debatido, do qual resultaram actas das apresentações do mesmo. No artigo "Vazios Úteis- Cerzir a cidade" (Jorge, 2007) defende-se que o debate do vazio implica debater o significado da expressão, não só a nível do que consideramos como 'ausência', mas também no modo como tal se manifesta no contexto da cidade; que ao encarar um vazio, não o devemos fazer apenas como este sendo uma ausência de construção, aquilo que consideramos como cidade não se faz apenas de matéria palpável, ultrapassa a noção de físico e implica valores que não são contabilizados em termos de «matéria»: signos, significados e significantes que, embora apoiados num suporte físico, não existem pela mera sobreposição de tijolo. Assim, o significado de vazio não pode estar preso a uma ausência, mas sim afirmar-se e abarcar um contexto morfológico. Jorge (2007) relaciona o cheio/vazio como uma regra/excepção, respectivamente; e que a cidade consiste num conjunto em que a 'regra' é repetida com frequência, sem excluir a 'excepção', realçada pelo seu carácter diferenciado, mas que não o seria se por trás não houvessem uma 'regra'.

Podemos então identificar a cidade como uma sucessão de construção (cheio/regra) a qual é interrompida pela sua ausência (vazio/excepção). Aqui, o vazio é assumido como um desvio à regra, mas que por isso não poderá perder valor no conjunto urbano.

O interior (logradouro) dos quarteirões é um complemento deste, definido pelo seu perímetro interior e é comumente ofuscado pela 'imponência' da massa construída, característica da sua condição de resguardo. Esta hierarquia espacial bloqueia e esconde muitas vezes a potencialidade destes espaços. A presente investigação pretende precisamente demonstrar que esses espaços esquecidos nas malhas urbanas das nossas cidades podem ser de grande importância nas cidades actuais.

2.3. ELEMENTOS MORFOLÓGICOS DO QUARTEIRÃO



Figura 3 - Esquema representativo dos elementos morfológicos do quarteirão.

morfologia

(*morfo-* + *-logia*)

s. f.

1. Estudo das formas que a matéria pode tomar.
2. Aparência externa de um ser vivo. = CONFIGURAÇÃO, FORMA
3. [Gramática] Parte da Gramática que trata da forma e dos processos de formação das palavras.

A partir da definição de morfologia do Dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora ("Dicionário da Língua Portuguesa," 2004), podemos afirmar que os estudos sobre o quarteirão se ocupam do tecido urbano e dos seus elementos construídos através da sua evolução, transformação e dos fenómenos sociais que lhe deram forma. Segundo Lamas (2011: 77), há uma relação intrínseca entre o estudo morfológico da cidade e o edificado: com alguma prudência, através de analogias cuidadas, poderíamos comparar a linguagem arquitectónica e os elementos morfológicos dos edifícios com a linguagem literária, onde o texto e as palavras estão presentes. Estas articulam-se e posicionam-se para formar frases e ideias. Para transmitir uma ideia num texto existem várias possibilidades linguísticas, literárias, etc. Assim como os elementos morfológicos se relacionam com a arquitectura. Partindo do princípio que esta é quem dá forma às cidades, esta também 'ordena' o homem em relação às suas necessidades.

Considerando que os elementos constituintes de um quarteirão² são a rua, a fachada, o edificado e o logradouro (vazio do quarteirão), de seguida apresenta-se uma breve dissecação de todos estes elementos, em contexto e diálogo constante com o quarteirão. A acrescentar à lista de elementos acima mencionados, irá também ser analisada a árvore/a vegetação.

a) Rua

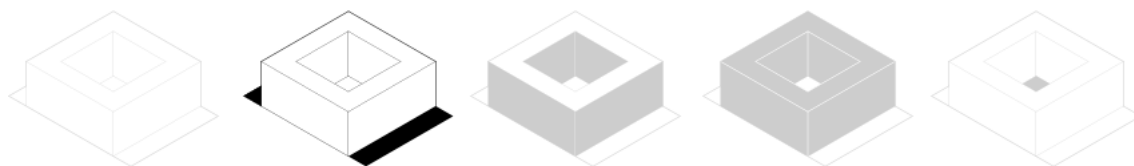


Figura 4 - Elementos morfológicos do quarteirão - Rua.

² Os teóricos do urbanismo (em especial José Lamas) consideram a rua, a fachada, o edificado e o logradouro como elementos do quarteirão, por estes estarem directamente relacionados com o quarteirão, não podendo este funcionar sem os mesmos.

É o elemento base da morfologia urbana. Tudo acontece em relação à **rua**. Le Corbusier (2008: 70) refere-se à **rua** como sendo um lugar onde o movimento e o estático se combinam.

Este é o elemento mais identificável no desenho da cidade e segundo Lamas (2011: 98) assenta numa geografia preexistente, regula a disposição dos edifícios e quarteirões e liga os vários espaços e partes da cidade (Lamas, 2011: 98). Relembrando os traçados das antigas cidades romanas, os dois eixos principais eram ruas (*cardus e decumanus*), dando ordem e forma a tudo o resto. Sidónio Pardal (1998: 94) dá elevada relevância à rua defendendo que esta é estruturante do tecido urbano, e, como tal, carece de uma demarcação própria no seu espaço, na sua extensão de desenvolvimento, transmitindo assim uma fácil leitura.

Quando relacionadas com o habitual quarteirão, as ruas funcionam como elemento principal de formação deste, mas também como o limite de alcance da sociedade a partir do espaço urbano a este mesmo e ainda como porta de entrada para o comércio praticado na zona perimetral do quarteirão. São também consideradas palco do ritmo, folia e velocidade urbanas. Para Aldo Rossi (2001: 124), é a rua que mantém a cidade viva, ao criar percursos, ligações e movimento. Ainda sobre a relação da rua com o quarteirão, Pardal (1998: 76) defende que estes se definem mutuamente, havendo uma forte interdependência que é particularmente evidente quando observamos a importância dos planos marginais para conter e animar a rua.

b) Fachada

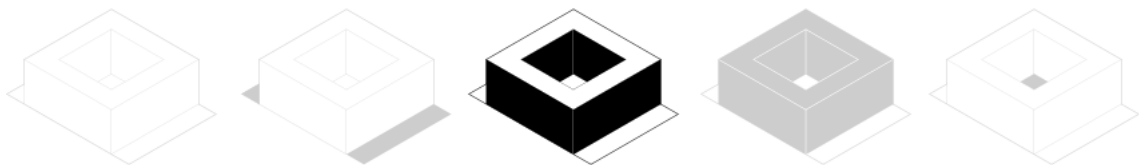


Figura 5 - Elementos morfológicos do quarteirão - Fachada.

“Por via das regras modernas, a importância da fachada é eliminada pela diferente posição do edifício na estrutura urbana e o volume e a massa edificada vão absorver o esforço de comunicação estética entre o edifício e o espaço urbano, substituindo a métrica, ritmos e a estética das fachadas” (Lamas, 2011: 96).

Segundo Lamas (2011: 94), a **fachada** é o elemento que permite a relação do edifício com o espaço urbano, decorrendo a importância da fachada, da posição hierarquizada que o lote ocupa no quarteirão. É esta que exprime as características distributivas do interior (programa, função, organização), o tipo edificado, as características e linguagem arquitectónica (o estilo, a expressão estética, a época) - um conjunto de elementos que moldam e formam a imagem da cidade. Este autor defende ainda que é através deste invólucro visível e da volumetria dos edifícios que o espaço urbano é definido. A fachada

pode também ser assumida como a última barreira que impede a penetração no interior do quarteirão habitual. A permeabilidade dos quarteirões está directamente relacionada com a permeabilidade da fachada - se esta permite ou não um livre acesso ao espaço privado do interior do quarteirão.



Figura 6 - Fachadas dos palácios sobre o rio Gilão em Tavira.

c) Edifício



Figura 7 - Elementos morfológicos do quarteirão - Edifício.

“A tipologia edificada determina a forma urbana, e a forma urbana é condicionadora da tipologia edificada, numa relação dialética” (Lamas, 2011: 86).

Segundo Lamas (2011: 84), é através dos edifícios que o espaço urbano se constitui e se organizam os diferentes elementos morfológicos deste. O edifício, à semelhança da fachada, funciona como barreira de acesso ao interior do quarteirão e como limite de penetração pelo público, distanciando-se desta no facto de possuir uma nova fachada, anterior ao exterior do quarteirão.

Para Rossi (2001), o edifício é bi-funcional, pois para além da função de habitar, é o elemento confirmado essencial na cidade. Este é também o que melhor transmite e caracteriza os costumes e gostos de uma população, tendo-se ido a sua estrutura adaptando a épocas e estilos arquitectónicos.

d) Logradouro



Figura 8 - Elementos morfológicos do quarteirão - Logradouro.

“(...) espaço privado do lote não ocupado por construção, as traseiras, o espaço privado, separado do espaço público pelos contínuos edificados” (Lamas, 2011: 98).

Segundo Lamas (2011: 98), o logradouro é palco de modificações e intensificações de usos acolhendo numerosas actividades que não encontram outro lugar na cidade.

Para Pardal (1998), as zonas residenciais densas e com construção em altura, devem considerar reservar o interior do quarteirão, destinando-o a jardim público. Também Lamas (2011: 79) defende que aquando de uma envolvente edificada superior a três pisos, o interior do quarteirão adquire elevada importância como elemento valorizador da qualidade ambiental do tecido urbano.

Lamas (2011: 98) defende que o logradouro foi, na cidade tradicional, um resíduo, um espaço não planeado, resultante do acerto de loteamentos ou de geometrias de ocupação dos lotes. Teve também múltiplas funções ao longo do tempo, desde a horta ou quintal, até ao anexo ou oficina. É um complemento residual, escondido, não podendo ser considerado um elemento autónomo neste contexto. Um espaço que não é usado pela habitação, nem contribui para a forma do espaço urbano. Por ter esta modesta configuração - o seu maior atributo - permite-lhe ter um papel relevante na evolução da cidade, através da densificação, reconstrução e reocupação.

e) **Árvore e Vegetação**

A razão pela qual se irá apresentar a árvore/vegetação como elemento morfológico principal de uma cidade, passa não só pela importante presença desta no desenvolvimento prático da dissertação, mas também porque esta tem elevada relevância no conjunto morfológico que é a cidade. A imagem, forma e configuração do Central Park em Nova Iorque, ou da avenida dos Champs-Élysées em Paris, seriam os mesmos sem vegetação (figura 9)?



Figura 9 - Presença de vegetação no Central Park (Nova Iorque) e na Avenida dos Champs-Élysées (Paris).

“(...) as estruturas verdes constituem também elementos identificáveis na estrutura urbana. Caracterizam a imagem da cidade; têm individualidade própria; desempenham funções precisas: são elementos de composição e do desenho urbano; servem para organizar, definir e conter espaços” (Lamas, 2011: 106).

Lamas (2011) refere também a importância da árvore no miolo dos quarteirões, quando diz que asvegetação existente em logradouros privados são de grande importância na forma urbana, no controlo do clima e qualificação da cidade, e como tal deveriam ser entendidas no urbanismo e gestão urbana.

Aqui está não só um dos pontos mais importante da análise, como também o ponto de partida para decisões tomadas posteriormente na dissertação, como é o exemplo da introdução dos espaços verdes no interior dos quarteirões da cidade de Guimarães.

2.4. EVOLUÇÃO TIPOLOGICA DO QUARTEIRÃO

Mais do que um enquadramento histórico, esta secção funciona como uma ferramenta de compreensão do quarteirão. De forma a contextualizar o tema-objecto em questão, será apresentado um breve percurso evolutivo do tipo de quarteirão/logradouro ao longo do tempo.

a) Quarteirão Grego

Numa época em que se verifica uma primeira necessidade de construção rápida, devido à urgência de reconstrução de cidades completamente destruídas por confrontos, nascem os primeiros exemplos de quarteirão. A definição dos elementos morfológicos (anteriormente referenciados) é crucial, evitando assim uma confusão e uma transposição do quarteirão para uma construção híbrida.

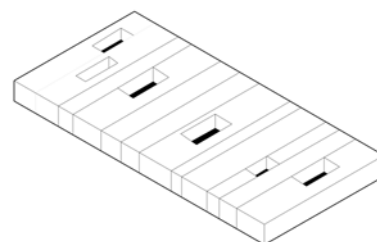


Figura 10 - O quarteirão Grego - Volume constante, vazios irregulares.

Assim, a cidade de Mileto surge como um exemplo. Apesar de o período de democratização progressiva se reflectir numa tentativa de separação de lotes justa, este exemplo não passa de um esquema organizativo - a quadrícula.

Este é um modelo ortogonal, essencialmente reservado à habitação, desvinculado de serviços, de volumetria contínua e caracterização simples. É totalmente ocupado no seu interior, estando commumente associado a questões de índole social. As aberturas, pontuais, estão associadas a espaços de carácter privado, sem separação entre logradouro e habitação.

b) Quarteirão Romano

Em semelhança ao quarteirão Grego, o **quarteirão Romano** segue o mesmo tipo de organização deste. Do mesmo modo é **residencial**, subdividindo-se em **parcelas**.

A evolução do quarteirão Romano passa pela **pluralidade de usos** - habitação unifamiliar, habitação plurifamiliar, serviços e edifícios públicos.

A introdução da ornamentação de fachada e o respectivo aumento da **cércea**, conferem um carácter monumental - identidade e principal factor de distinção do quarteirão grego.

No interior, os espaços são muitas vezes inexistentes, quando acontecem são associados a pátios de carácter privado, não deixando espaço ao residual³.

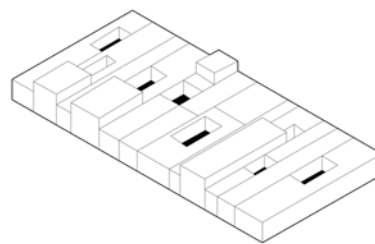


Figura 11 - O quarteirão Romano - Construção em altura, aumento **cércea**.

c) Quarteirão Medieval

A forma de desenvolvimento da cidade **Medieval** - orgânica e radial - abandona os cânones romanos (quadrícula) e parte para uma nova tipologia que se iria consolidar ao longo dos séculos. **É nesta fase que se fazem sentir as mudanças mais significativas na evolução tipológica do quarteirão.**

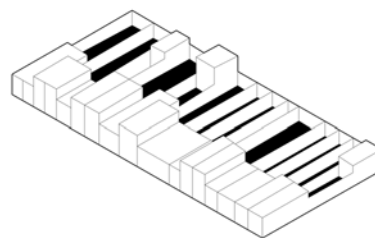


Figura 12 - O quarteirão Medieval - Aparecimento do logradouro como espaço complementar da habitação.

Em termos morfológicos, o quarteirão medieval apresenta dimensões variáveis, onde este é dependente da topografia e do desenho das vias. Essencialmente habitacional, apresenta uma volumetria instável, que nem sempre preenchia a totalidade do espaço do lote.

Quanto ao seu interior, este passou a ser loteado, predominando o verde, de carácter agrário. Os lotes são agora predominantemente únicos (fora excepções onde duas propriedades poderiam aparecer), colocados paralelamente, e de acordo com a hierarquia aplicada (casa/logradouro; logradouro/casa; casa/logradouro/casa) têm reflexo na importância da rua.

³ Aqui entenda-se residual por um espaço complementar, que ganha definição através da construção do resto do lote.

d) Quarteirão Renascentista/Barroco

Em concordância com as artes, na época **Renascentista e Barroca**, a utilização da quadrícula surge de novo, de acordo com a busca de uma uniformização estética, rigor e da racionalidade. A partir desta época, o quarteirão assume-se como elemento gerador de espaço urbano, contribuindo assim para a composição urbana clássica.

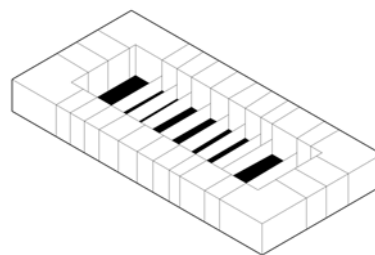


Figura 13 - O quarteirão Renascentista/Barroco - Aparecimento de novo modelo, em anel.

Em termos morfológicos, o quarteirão **Renascentista/Barroco**, aproxima-se do Grego/Romano, com variações. Mantém na sua maioria a função de habitação, agora com blocos de maiores dimensões, introduzindo também os equipamentos. Este é caracterizado por um novo modelo, em anel, que resulta de um total preenchimento da zona perimetral, fazendo com que a fachada seja o elemento morfológico mais importante, possuindo assim um papel autónomo de caracterização urbana.

O interior do quarteirão sofre aqui uma das maiores mudanças desde o início da sua evolução tipológica. A permeabilidade⁴ do quarteirão foi assim desvirginada, passando o interior a ter usos como jardins semi-privados ou mesmo públicos.

e) Quarteirão Industrial

O século XIX é uma época charneira no que diz respeito à continuidade do modelo base desenvolvido no período clássico, movido pelo desenvolvimento industrial nas cidades. Morfológicamente, a cidade manteve os seus elementos estruturais evoluindo na sua escala. Mais uma vez, o quarteirão surge como elemento modular, onde a repetição dá resposta a uma rápida expansão, numa sociedade demarcada pela produção em série.

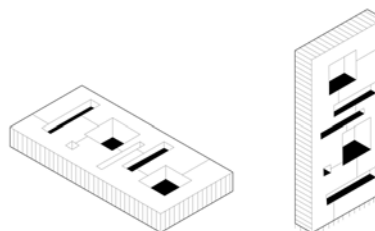


Fig. 14 - O quarteirão Industrial - Necessidade de habitações, invasão do logradouro pela construção.

Exemplos a destacar são as intervenções de Cerdá e Haussmann, respectivamente em Barcelona e Paris.

O exponencial e exagerado crescimento demográfico leva a novas ocupações no quarteirão. O seu interior começa a ser utilizado para habitação, as conhecidas 'ilhas', pondo em causa as condições de salubridade que até aí o interior do quarteirão oferecia.

⁴ Característica que confere a penetração no interior do quarteirão. Este é permeável quando o espaço urbano invade o seu interior e o público em geral o consegue aceder.

O espaço traseiro até aqui usado como jardim, desaparece para dar lugar a construções de baixa cêrcea, afastando assim o modelo do quarteirão que tinha sido implantado no período medieval.

Lamas (2011: 214) comenta estas alterações, ao dizer que aparecem diversas funções no interior do quarteirão, através da sua sobreposição em vários pisos e pela introdução de equipamentos, serviços, indústria, garagens, recolha de viaturas e armazéns. É também aqui que o quarteirão perde a qualidade de unidade impenetrável, começando a ser rasgado por galerias comerciais - as passagens 'parisienses' - prenúncio da evolução morfológica que surgirá no século XX.

Num contexto análogo, o 'Ensanche' apresentado por Ildefonso Cerdá para Barcelona, sugere outra abordagem, que retoma o quarteirão como unidade elementar, sendo importante a articulação da expansão, com as características do módulo quarteirão. O quarteirão catalão assume uma forma octogonal, estando inicialmente definido que as construções apenas ocupassem dois dos extremos, deixando desta forma o interior livre para ser utilizado como um espaço verde público. Neste ponto, há uma ruptura dos padrões tradicionais que definiam as cidades. As fachadas deixam de ser a fronteira com o espaço público, passando a cidade a ser preenchida por uma sucessão de praças e espaços verdes. No entanto, a conjuntura da época não permitiu a construção de tal plano (tal como estava inicialmente programado) tendo os edifícios ocupado a totalidade do perímetro do quarteirão, ainda que com os interior usados para parques e jardins de cariz público (figura 15).



Figura 15 - Plaça Real, Barcelona.

f) Quarteirão Vertical / Quarteirão do Modernismo

“(…) as relações estabelecidas na cidade tradicional entre lote, quarteirão e cidade, (…), foram substituídas pela relação entre alojamento, edifício, bairro, cidade” (Lamas, 2011).

O movimento moderno foi marcado por uma época de ruptura extrema. Os modelos tradicionais eram entendidos como inadequados/obsoletos para as exigências da nova conjectura.

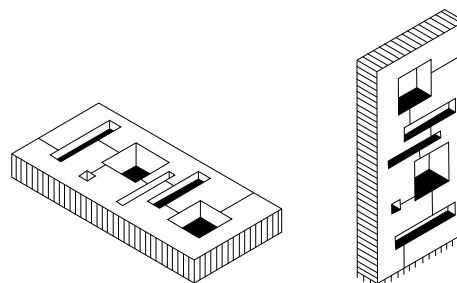


Figura 16 - O quarteirão Vertical e o quarteirão do Modernismo - Caricaturas do Superblock, autónomo.

A partir do módulo resultavam agora os edifícios agrupados em bairro, por questões de salubridade, existindo então uma total subversão dos elementos estruturantes da cidade tradicional - o quarteirão, a rua e as praças. O espaço público passou a ser entendido como elemento residual.

As novas tipologias passam pelos aglomerados habitacionais, distribuídos em banda e separados entre si de acordo com a cêrcea dos mesmos, por motivos de insolação e salubridade. Habitualmente o piso térreo era livre, sendo estes aglomerados entendidos como a nova unidade urbana, apenas limitados pelas vias de circulação.

A termo de exemplo, temos os denominados “**superblocks**”, que são unidades autónomas de grandes dimensões, limitados por vias de alta velocidade; e também o “**quarteirão Vertical**”.

A consciência da importância da definição do espaço público na estrutura urbana, bem como a ausência de qualidade arquitectónica, fizeram com que estes modelos “utópicos” vissem o seu fim duas décadas depois.

É perante este contexto que nos situamos agora. Imediatamente, houve uma revalorização de espaços urbanos tradicionais e a procura de uma perspectiva de continuidade dos espaços da cidade antiga. Lamas (2011) refere-se a este desenvolvimento como um entendimento morfológico da cidade que atinge grande complexidade até a níveis sociológicos, funcionais e estruturais, procurando sempre estabelecer uma actuação equilibrada à escala urbana.

2.5. SÍNTESE CAPÍTULO

A evolução morfológica do quarteirão ao longo do tempo esteve sempre relacionado ora com a própria evolução urbana, ora com questões político-administrativas, ou mesmo por necessidade urgente de reconstrução da cidade (como é o caso do modelo Grego, o primeiro exemplo de aparecimento do quarteirão). Até ao período moderno, sobretudo após o Renascimento, o desenho da cidade foi utilizando o mesmo sistema de relações entre os elementos morfológicos da cidade e o espaço urbano.

A configuração dos diferentes tipos de quarteirão e o seu interior, é uma resposta literal às necessidades da época no que toca a questões de permeabilidade, geometria, limite público/privado e uso da zona perimetral e respectivo interior (quando aplicável).

O quarteirão como o conhecemos hoje, com a configuração correspondente ao encontrado nas cidades portuguesas, foi estabelecido a partir do século XIX, com o aparecimento do **quarteirão Industrial**.

Comum a todos os modelos que fazem parte da evolução morfológica do quarteirão, os elementos morfológicos do quarteirão são: **a rua, o quarteirão, o edifício, o logradouro, a fachada** e outros elementos como **a árvore/vegetação** ou **o mobiliário urbano**. A utilização destes elementos foi diferente em todos os períodos, daí a sua caracterização, e a sua justaposição diversificarão as formas urbanas.

Apesar de se tratar de um espaço complementar - o logradouro -, desempenha um papel de extensão das construções periféricas, sem responsabilidades para com o espaço público. A intervenção num espaço com estas características tem de ser assumida como um novo caminho.

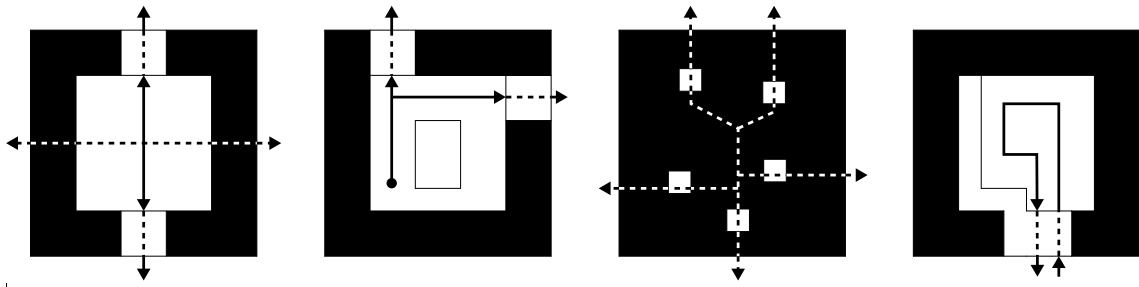


Figura 17 - Esquemas exemplificativos dos 4 casos de apropriação do quarteirão.

3. Exemplos - 4 casos de apropriação do quarteirão

3.1. INTRODUÇÃO

Esta fase de trabalho apoia-se na apresentação e interpretação de um conjunto de casos de estudo, que na sua natureza incluem uma ocupação física do quarteirão onde as intervenções apresentem uma subversão da estrutura regular do interior do quarteirão. Os 4 exemplos foram escolhidos segundo critérios de diferenciação na apropriação do próprio quarteirão, nomeadamente a permeabilidade.

Esta análise não tem como objectivo a apresentação completa do projecto, mas sim dar a conhecer tipologias de intervenção deste tipo de conjuntos, adoptando um modelo analítico puramente gráfico e abstracto, complementada apenas por uma primeira parte mais objectiva, tendo sido todos eles livremente analisados pelo autor.

De forma a organizar estes exemplos, foi definido um tema (ou palavra-chave) caracterizador e identitário de cada um dos exemplos. O resultado é uma leitura clara de cada exemplo, salientando apenas o mais relevante em cada projecto e uma contextualização no âmbito da apropriação física de quarteirões, servindo como ponto de partida para a resposta prática proposta no final da dissertação. A análise toca pontos fulcrais como a densificação, fluxos e permeabilidade de cada caso.

3.2. PRESERVAÇÃO - QUARTEIRÃO IMPÉRIO

Reconversão de quarteirão, Chiado, Lisboa, Portugal

Gonçalo Byrne

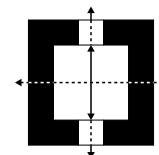


Figura 18- Passagem coberta. ligação Rua Garret/Travessa do Carmo.

Esta intervenção situa-se no bairro do Chiado, em Lisboa (perto do Largo do Carmo), numa área caracterizada por construções de origem oitocentista. Esta é uma intervenção, que como maior parte de todas as outras, é complexa por se tratar de uma subversão da estrutura convencional do quarteirão em questão. Está apoiada na memória de antigos caminhos, estabelecendo passagens de diferentes hierarquias (figura 18), e a formação de um vazio - espaço exterior. Não actuando sobre a totalidade do quarteirão, é o suficiente para alterar a sua estrutura e lhe conceder uma nova configuração.

Das seis faces do quarteirão, a intervenção apenas se “apropria” de 4 delas, articulando-se ao longo de dois eixos de atravessamento do quarteirão: o principal no sentido Travessa do Carmo / Rua Garret e um segundo, perpendicular, no sentido Serpa Pinto / Almirante Pessanha.

A intervenção considera oito edifícios e o logradouro por eles confinado e visa integrar:

- Uma complementaridade funcional na zona através da introdução das componentes habitacional, comercial e de estacionamento automóvel (subterrâneo);
- Redesenho das áreas degradadas e desqualificadas do miolo do quarteirão, através de um novo ordenamento do logradouro.

“Partindo da caracterização do espaço central ajardinado do logradouro, cria-se à sua volta um espaço público percorrível, um percurso exterior na extensão dos espaços comerciais, que usufrui da presença visual do jardim e do enquadramento da torre sineira da igreja, até agora imperceptíveis” (Byrne).

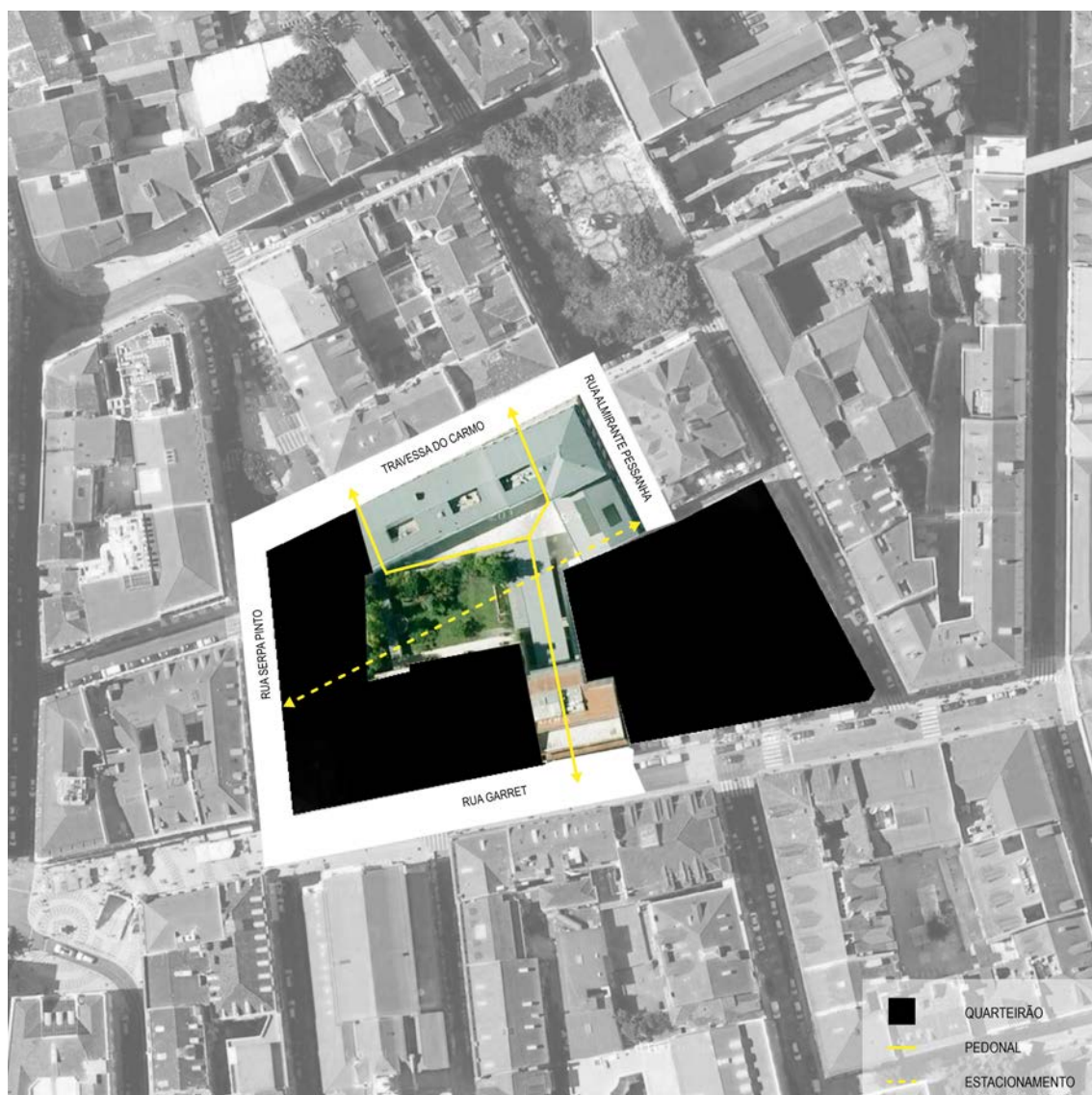


Figura 19 - Quarteirão Império, planta da intervenção, fluxos e permeabilidade.

3.3. RESGUARDO - RUE DES SUISSES

Edifício Habitacional, Rue des Suisses, Paris, França
Herzog & de Meuron

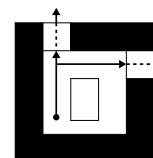


Figura 20 - Presença da intervenção no Quarteirão Rue de Suisses x Rue Jonquoy.

A proposta de Herzog & de Meuron para o quarteirão da Rue des Suisses, apresenta no seu conteúdo programático a introdução de habitação, estacionamento e espaço verde totalmente privados. A reinterpretação do interior do quarteirão passa pela conversão desse mesmo espaço na habitação em si mesma. Assim, duas situações urbanas caracterizam o projecto. Por um lado, a apropriação perimetral do quarteirão em duas frentes (Rue des Suisses e Rue Jonquoy) por 2 blocos habitacionais; por outro “a invasão” do miolo do quarteirão por um terceiro bloco habitacional (figura 21 a, b, c).



Figura 21 a) - Vista interior do quarteirão; Figura 21 b) - Bloco habitacional interior + casa unifamiliar; Figura 21 c) - Pormenor bloco cozinhas e casas-de-banho habitação interior quarteirão.

A intervenção desenvolve-se segundo uma tipologia em “T”, sendo dois dos braços os dois blocos habitacionais construídos na zona periférica do quarteirão - em contacto com o espaço público exterior - e o terceiro uma extensão para o seu interior, desenvolvendo-se uma terceira unidade de habitação de cariz social, com blocos justapostos com funções de cozinhas e casas-de-banho. Apesar da sua dimensão reduzida, a intervenção assume um papel de destaque na estrutura do quarteirão, através essencialmente da extensão da habitação ao longo do miolo. O desenho está então dividido em duas atitudes - a perante a invasão do miolo do quarteirão e a perante o espaço público exterior. Os volumes construídos na parte “exterior” confrontam o espaço público adjacente, funcionando como uma barreira que bloqueia a entrada para o miolo do quarteirão. Estamos então perante um exemplo de índole completamente privada. É neste carácter privado e abrigado que surge a denominação de **resguardo**. A inexistência de um fluxo contínuo de pessoas no seu interior (característica desta tipologia impermeável) e o uso dos maciços metálicos que revestem as fachadas exteriores, acentuam este factor de protecção - **o resguardo**. Exemplo representativo desta característica são também as polaridades claras em todo o projecto. Característica é também a difícil definição de espaço interior do quarteirão ou espaço exterior do edifício, aquando do uso do jardim comum como partilha numa comunidade, autónoma e desligada do mundo que a rodeia - **resguardo**.

Em suma, este tipo de intervenção subverte a estrutura típica do interior do quarteirão, usando-a como espaço para construir mas também como espaço comum privado, resultando numa reutilização e reinterpretação de um espaço abandonado e devoluto, mas também na melhoria da qualidade de vida dos residentes.

“The situation in the courtyard in back was entirely different, because there were no predetermined urban specifications to use as a typological basis for the project. How should one go about planning the flats? What city-planning strategies should be pursued? What kind of buildings, what kind of architecture should be placed there?” (Meuron, 2002).

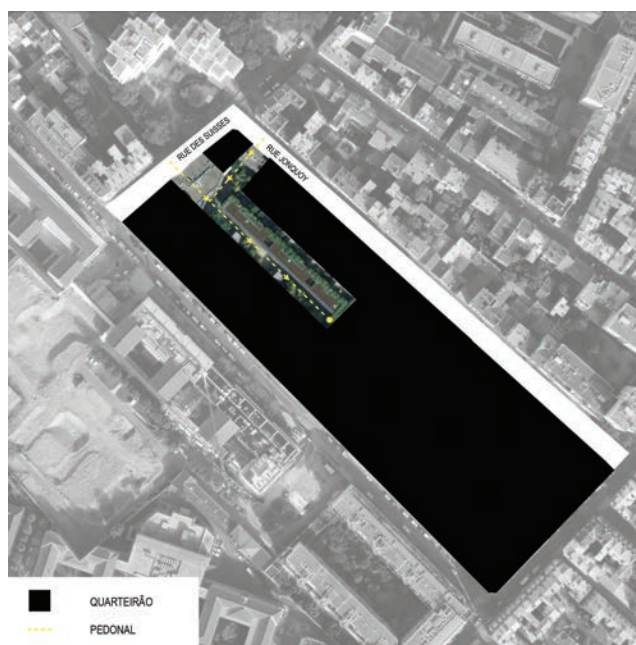
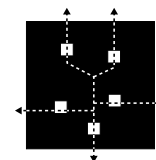


Figura 22 - Planta intervenção, fluxos e permeabilidade.

3.4. TEIA - FÜNF HÖFE

Reconversão Quarteirão, Theatinerstraße, Munique, Alemanha

Herzog & de Meuron



A seguinte intervenção em Munique caracteriza-se pela sua dimensão ao abranger a totalidade do quarteirão. Trata-se de um caso de **densificação máxima**, onde a construção preenche a totalidade do miolo do quarteirão. Está implantado no centro histórico da cidade, onde o conjunto de edifícios do quarteirão está associado a um grupo de bancos, que após a sua junção numa só empresa, tornou o quarteirão num alvo apetecível de intervenção no seu interior, tendo a empresa investido num **espaço comercial**.

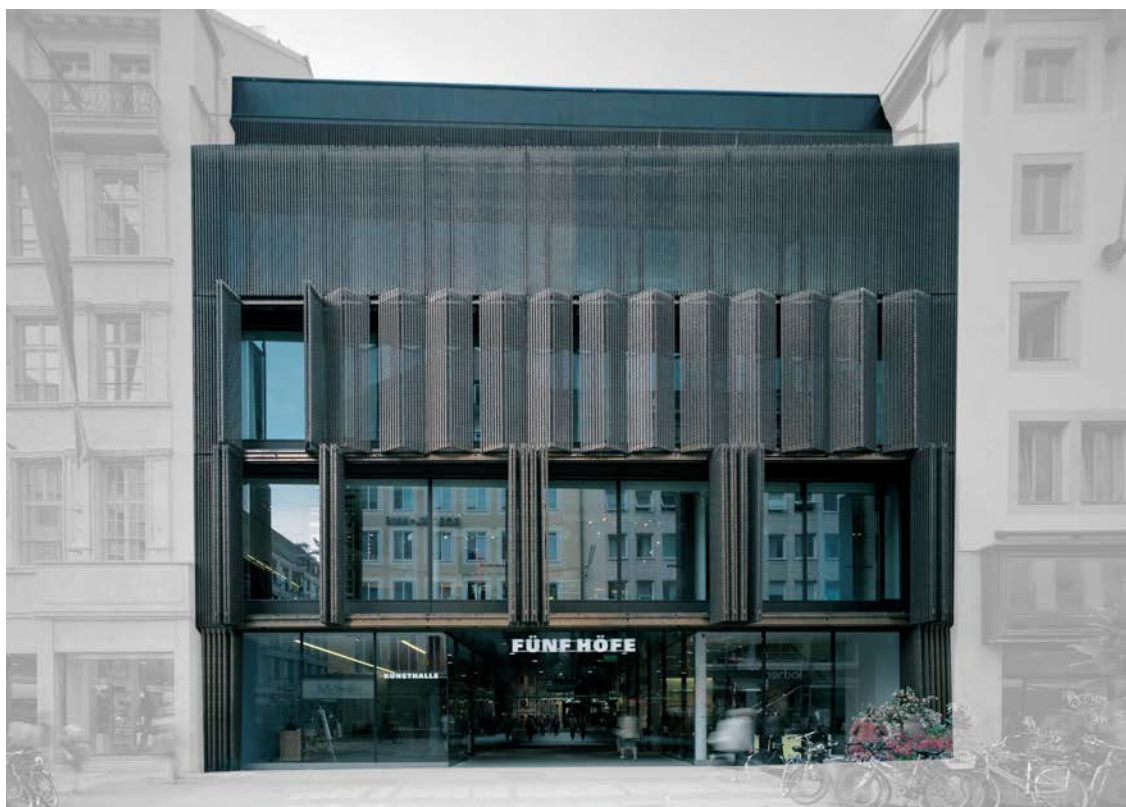


Figura 23 - Fachada 'Kunsthalle'

O quarteirão original, era constituído por uma construção não-perimetral, em que as únicas aberturas eram simples saguões, à volta dos quais se iam desenvolvendo as construções. A nova intervenção preenche estes vazios, caracterizadores do quarteirão. No piso térreo existe um conjunto de percursos, que percorrem toda a extensão do quarteirão e se desenvolvem no seu miolo, desenvolvendo uma rede de pátios, directamente relacionados com as valências e serviços circundantes. Esta configuração afasta-se do ambiente vivido nas ruas de Munique, aproximando-se à influência da cultura italiana.

A intervenção, por ser aplicada na totalidade do quarteirão, implica um diálogo com as diferentes morfologias dos diferentes edifícios preexistentes com as novas construções. A introdução de novos usos nos antigos edifícios, bem como os dos novos, levaram a uma reestruturação funcional e

consequentemente a uma melhor contextualização do projecto com a sua implantação e importância do local na cidade. A presença dos novos volumes está no preenchimento dos espaços intersticiais deixados pela limpeza feita no antigo quarteirão, assumindo apenas uma presença mais demarcada numa das fachadas, onde um volume metálico surge, assumindo-se como o rosto da nova intervenção. À semelhança da intervenção de Herzog na Rue des Suisses, o uso da fachada metálica, garante uma característica neutra ao edifício, assegurando assim uma unificação do quarteirão.

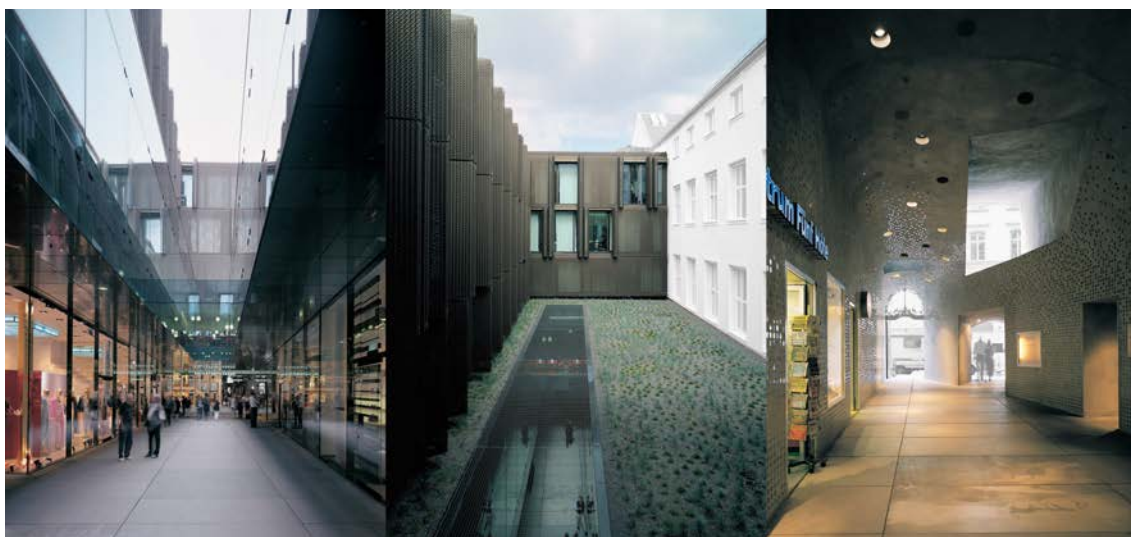


Figura 24 a), b) - 2 dos 5 pátios; Figura 24 c) - Percurso interior.

Fünf Höfe traduzido à letra, significa cinco pátios, relevando assim o conceito do projecto - a abertura de cinco artérias que ligam o interior do quarteirão, ao espaço público, cada uma com um pátio integrado.

O projecto funciona assim como uma **teia**, podendo este termo ter variadas interpretações, sendo a mais imediata, a configuração de uma teia de uma aranha, onde todas as ligações se fazem a partir do interior, para o exterior, uma encruzilhada de fluxos pedonais. Fluxos estes, que devem ser entendidos como atalhos, de acesso rápido a ruas opostas do quarteirão.

O **Fünf Höfe** é apresentado então com uma intervenção que transforma o interior do quarteirão num espaço privado de uso público, onde novos usos foram introduzidos (nomeadamente o comércio e a habitação); onde novos atalhos (que apenas funcionam no horário de funcionamento do centro comercial) foram criados para melhor facilitar o acesso a ruas opostas do quarteirão (figura 24 a, b, c).

A subversão neste exemplo modificou a área envolvente, através da introdução da forte componente comercial e da habitação, aumentando assim a procura e consequentemente o fluxo nesta área histórica da cidade, dinamizando-a, contribuindo para a diminuição do abandono dos centros históricos.



Figura 25 - Implantação com indicação dos percursos pedonais no piso térreo.

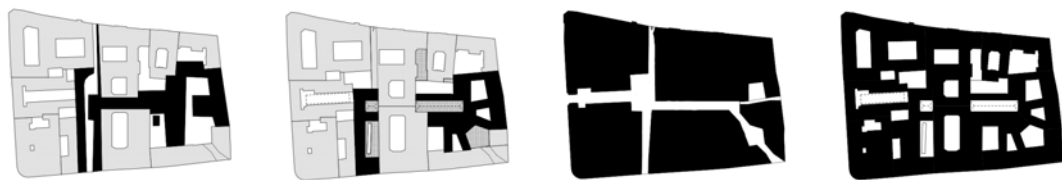
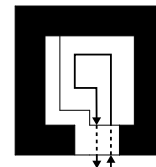


Figura 26 a) - Demolições; Figura 26 b) - Novas construções; Figura 26 c) - Percursos; Figura 26 d) - Blocos construídos .

3.5. PORTA - BIBLIOTECA, LAR E ESPAÇO PÚBLICO

Reconversão Quarteirão, Barrio Sant Antoni, Barcelona, Espanha

RCR



O seguinte projecto usa a revitalização do interior de um quarteirão, como forma de o dinamizar, através da introdução de um programa diversificado.

Segundo os próprios arquitectos (RCR, 2007: 194), a biblioteca funciona como uma porta que filtra a luz através das salas de leitura, permitindo que o sol penetre o quarteirão, desde o exterior até ao jardim interior (miolo). Já o lar de idosos, em cul-de-sac⁵, é configurador do espaço público do interior do quarteirão, funcionando como um elemento de coesão social, na medida em que encoraja as relações entre o parque de crianças do jardim interior e os idosos que o utilizam para aceder ao lar. O jardim interior possui árvores, jogos e brinquedos para as crianças e é apresentado como uma própria extensão das salas de leitura da biblioteca.



Figura 27 a) - 'Fachada-porta'; Figura 27 b) - Túnel de acesso ao interior do quarteirão, biblioteca no corpo elevado.

Esta pretende ser uma análise apenas da forma como o quarteirão foi subvertido e não uma análise detalhada a cada uma das valências do novo edifício. Este aparece como um parasita, que 'bloqueia' a entrada do quarteirão com um corpo e gradualmente se expande para o seu interior (figuras 27 a, b, c).

⁵ Segundo uma tradução livre do Dicionário Oxford Advanced Learner's da Língua Inglesa, 'cul-de-sac' é uma rua ou uma estrada sem fim, um beco.



Figura 28 a) - Esquema implantação novo edifício; Figura 28 b) - Planta implantação com envolvente; Figura 28 c) - Planta piso térreo.

A palavra-chave '**porta**', foi atribuída a este projecto, porque na realidade a fachada principal (corpo da biblioteca) funciona como **porta** de entrada, que intuitivamente leva os transeuntes ao interior do quarteirão, tendo-o transformado num espaço público semi-privado.

Todas os significados anteriormente apresentados são caracterizadores do projecto. O corpo da biblioteca que funciona como entrada; o caminho no piso térreo que penetra a biblioteca e nos conduz ao interior do quarteirão. Mas o interesse deste projecto prende-se com o facto da subversão do interior do mesmo, que até aqui era um espaço degradado, complementar das habitações e que foi aberto ao público, convidando-o a entrar e a usufruir do mesmo.

A reter da visita ao local, fica a sensação de tranquilidade que se sente no interior do quarteirão. O facto de que a rua que dá entrada para o mesmo ser bastante movimentada potencia ainda mais a ideia de que o corpo da biblioteca funciona como uma barreira, que nos protege e conduz para um refúgio interior.



Figura 29 - Fachada interior, com jardim interior no centro, corpo biblioteca à esquerda, lar de idosos à direita.

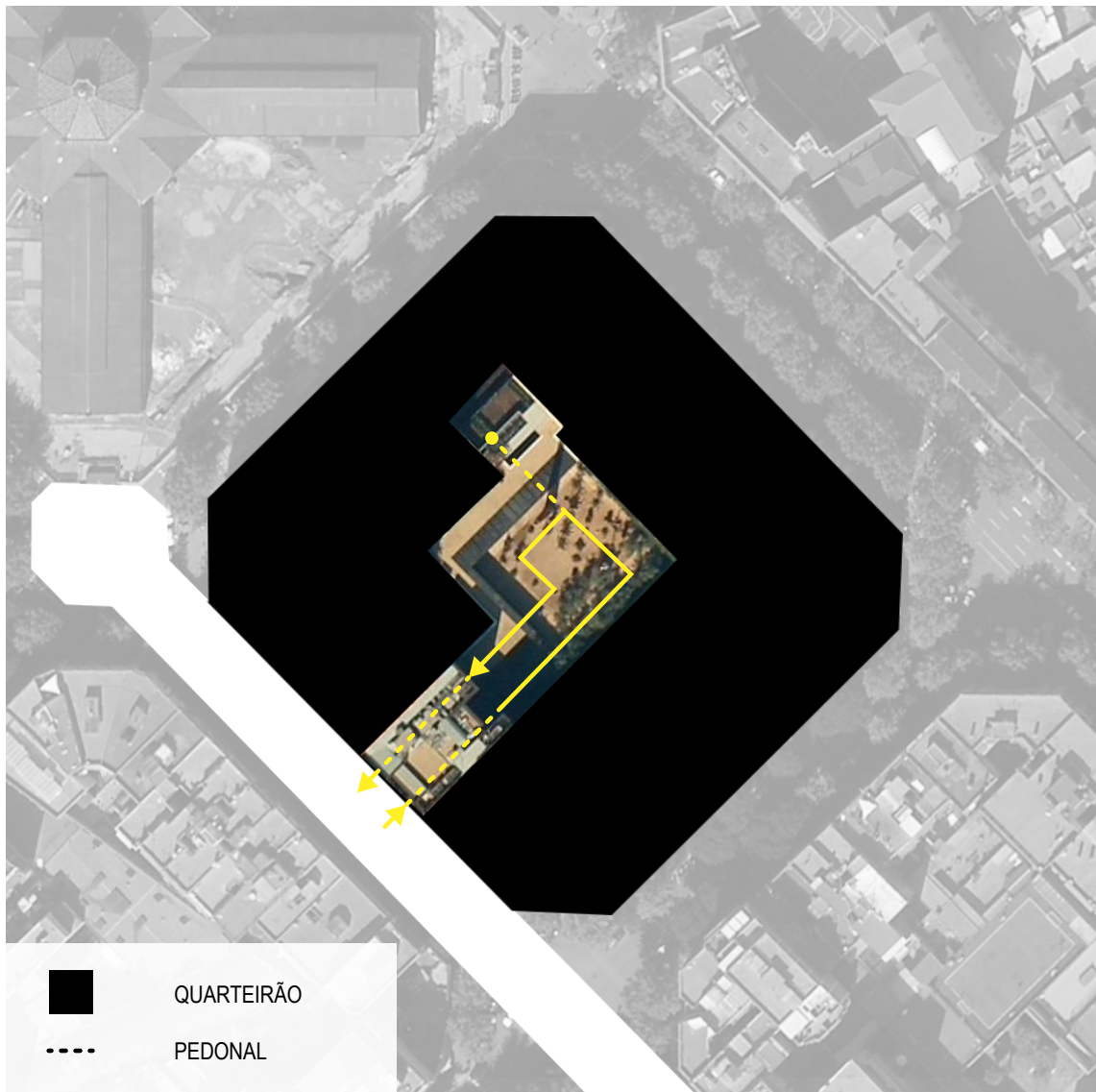


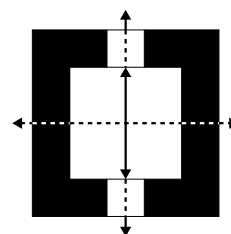
Figura 30 - Implantação com indicação de fluxos e permeabilidade.

3.6. SÍNTESE CAPÍTULO

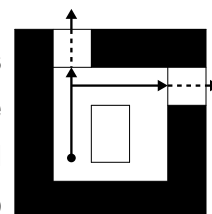
No presente capítulo foram identificados quatro exemplos de apropriação do quarteirão, todos eles com uma abordagem diferente de apropriação. De forma a facilitar a identificação e caracterização destes exemplos, uma palavra-chave foi atribuída a cada caso, de acordo com o tipo de intervenção feita.

Para esta análise, meramente morfológica, foram definidos os seguintes temas-chave: **'preservação'**, **'resguardo'**, **'teia'** e **'porta'**.

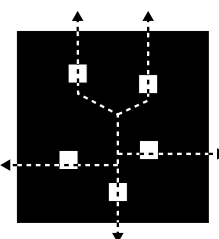
Ao primeiro exemplo, a intervenção do arquitecto **Gonçalo Byrne**, denominado **'Quarteirão Império'**, foi atribuído o termo **'preservação'**, por este apresentar um miolo público exterior, a introdução de espaço comercial e essencialmente a preservação de caminhos de origem oitocentista preexistentes no local. A inclusão de um parque de estacionamento subterrâneo foi também contemplada.



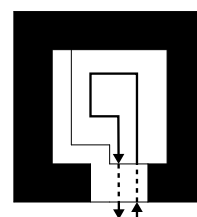
Seguindo conceitos opostos, surge o projecto **'Rue des Suisses'**, dos arquitectos **Herzog & de Meuron**, ao qual a palavra-chave **'resguardo'** foi atribuída. Este exemplo destaca-se pela sua condição privada, apresentando um bloco habitacional no interior do quarteirão, resguardado e isolado do espaço público. O acesso ao interior é feito exclusivamente através de acessos privados.



O terceiro exemplo apresentado tem como palavra-chave o conceito de **'teia'** e denomina-se **Fünf Höfe**, do colectivo **Herzog & de Meuron**. De característica única entre todos os exemplos, este projecto contempla uma total densificação/construção do interior privado do quarteirão, por galerias comerciais, que são respectivamente invadidas por uma **'teia'** de cinco percursos, cada um destes demarcado com um pátio (**Fünf Höfe** = 5 pátios).



O último exemplo apresentado, uma **'Biblioteca, Lar e Espaço Público em Barcelona'**, dos arquitectos **RCR**, caracteriza-se pela palavra-chave **'porta'**. Porta no sentido que o corpo que foi construído na zona perimetral do quarteirão (o da biblioteca), ser o que dá acesso ao miolo do mesmo. O lar e jardim interior desenvolvem-se segundo um esquema em cul-de-sac.



II. Parte 2

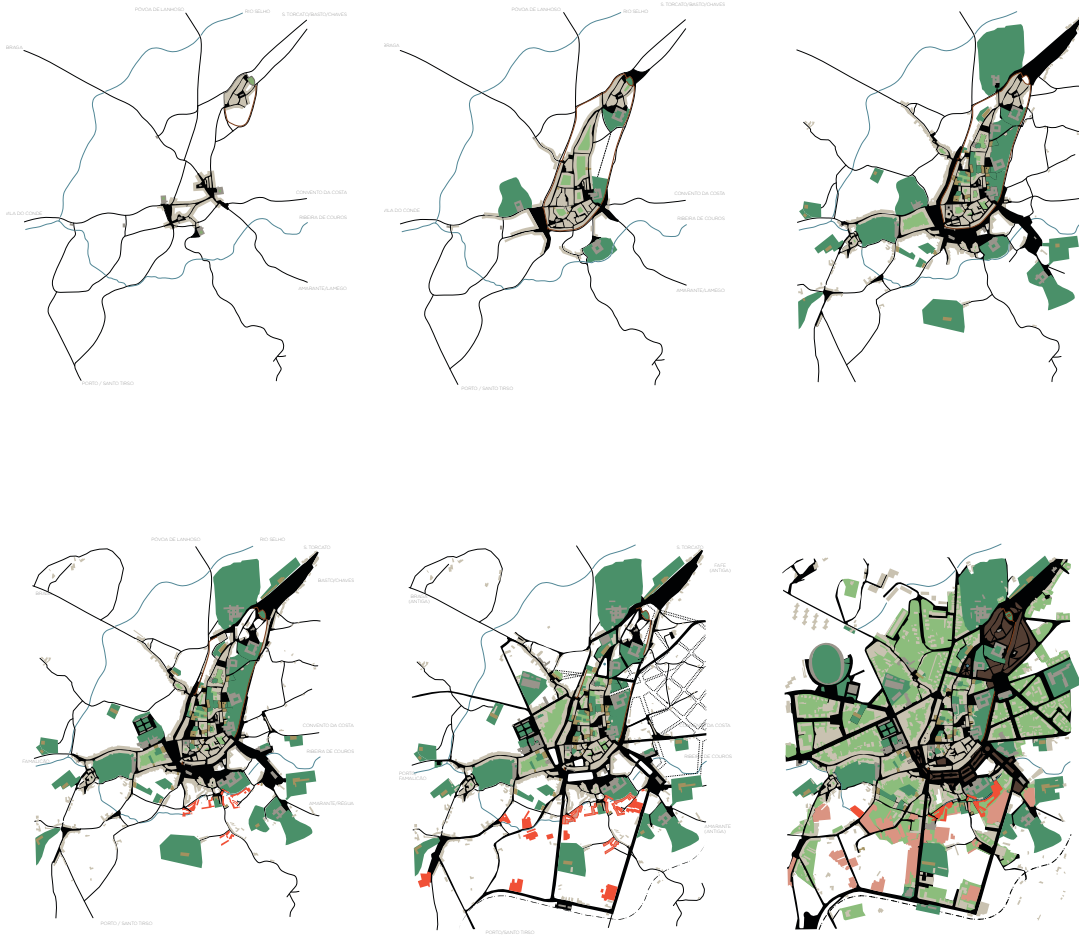


Figura 31 - Evolução da forma urbana de Guimarães.

4. Guimarães

Desenvolvimento urbano

4.1. INTRODUÇÃO

A intervenção numa pré-existência requer por si só uma atitude de preservação. A preservação do património cultural e histórico de uma cidade retém a longevidade da memória do povo local e as acções e intervenções neste, são o que lhe dão forma e o mantêm vivo através do tempo.

Este capítulo pretende dar a conhecer a evolução da forma urbana da cidade de Guimarães e a criação do seu património edificado numa visão claramente arquitectónica, ajudando assim a condução a uma intervenção mais clara e pensada. A análise apoia-se primordialmente na obra: “Guimarães, Património Cultural da Humanidade” (Mattoso et al., 2002), suportada por interpretações cartográficas do autor.

4.2. ÁREA DE ESTUDO

A definição de uma área de estudo, permite não só uma coerência dos dados resultantes das análises, bem como uma linguagem visual. Não passando por ser mais do que uma mera delimitação espacial na área urbana de Guimarães, esta foi definida com base na mesma delimitação da cartografia da evolução urbana da cidade, encontradas na bibliografia acima referida, a ser usada no presente capítulo, não só por compatibilidade dos dados evolutivos, mas também por abranger toda a área de interesse pessoal.

4.3. EVOLUÇÃO HISTÓRICA

A cidade passou por seis principais grandes transformações ligadas a momentos histórico-arquitectónicos portugueses (figura 32). Será feita uma análise singular a cada um destes momentos, e uma síntese final clarificadora de toda a evolução. Os momentos são:

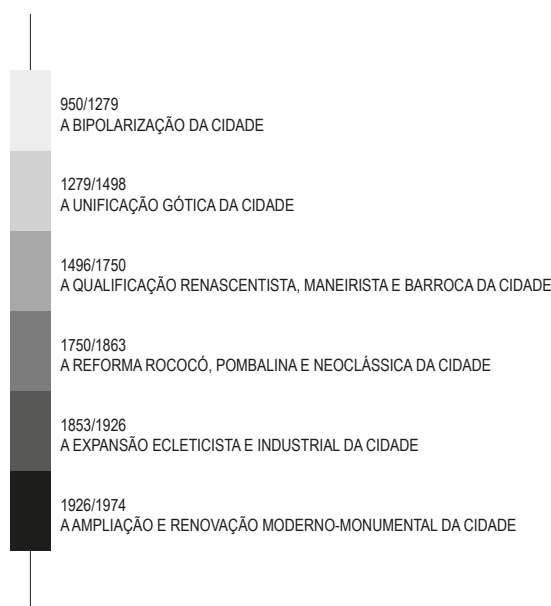


Figura 32 - Esquema representativo das transformações da cidade ao longo do tempo.

a) 950 a 1279 - 'A Bipolarização da Cidade'

“Ocorre por outro lado, e em termos de imagem da cidade, que a bipolarização urbana inaugural (...) definirá um vector de expansão urbana que será assumida, sistematicamente, no seu posterior desenvolvimento” (Mattoso et al., 2002).

A presença das contemporâneas famílias condais portugalenses terá sido o eixo de charneira inicial da urbanização de Guimarães. Será neste quadro que a partir do ano 950 e durante 9 anos a Condessa Mumadona Dias dará o passo, inaugural da futura formação urbana ao mandar edificar um mosteiro com localização que hoje corresponde à Igreja de N. S.^a da Oliveira. Acompanhando o processo de crescimento deste primeiro conjunto monástico “(...)”, indispensável terá sido a fixação na sua envolvente próxima, de um núcleo populacional ao seu serviço.

Entretanto o cenário português, bem como o de toda a Europa contemporânea, foi-se alterando devido a ameaças de invasão e convulsões internas, que fizeram com que a paisagem fosse sendo pontuada com castelos e muralhas urbanas para defesa destes mesmo perigos. Neste contexto, Condessa Mumadona, por precaução, entre 950 e 957 mandou edificar um castelo no Monte Largo.

Assim, o novo cenário urbano vimaranense, agora definido pelo mosteiro, burgo envolvente e castelo, apresentará um quadro característico do urbanismo contemporâneo: na planície um núcleo eclesial e na colina uma fortificação.

À semelhança das cidades europeias e portuguesas contemporâneas, a urbe vimaranense assumirá um perfil urbano, onde esta é urbanizada em torno do mosteiro e posteriormente em torno deste e no seu interior.

Do ponto de vista do ordenamento urbano e arquitectónico, a cidade estruturara-se no final do século XIII, em dois pólos: a sul, zona de declives suaves, situava-se uma malha urbana já com alguma dimensão mas ainda não amuralhada; a norte localizava-se uma malha urbana de menor dimensão e já fortificada. A circulação entre estes dois pólos, à semelhança dos dias de hoje, era feita por uma importante via urbana estruturante, a rua de Santa Maria (figura 33).

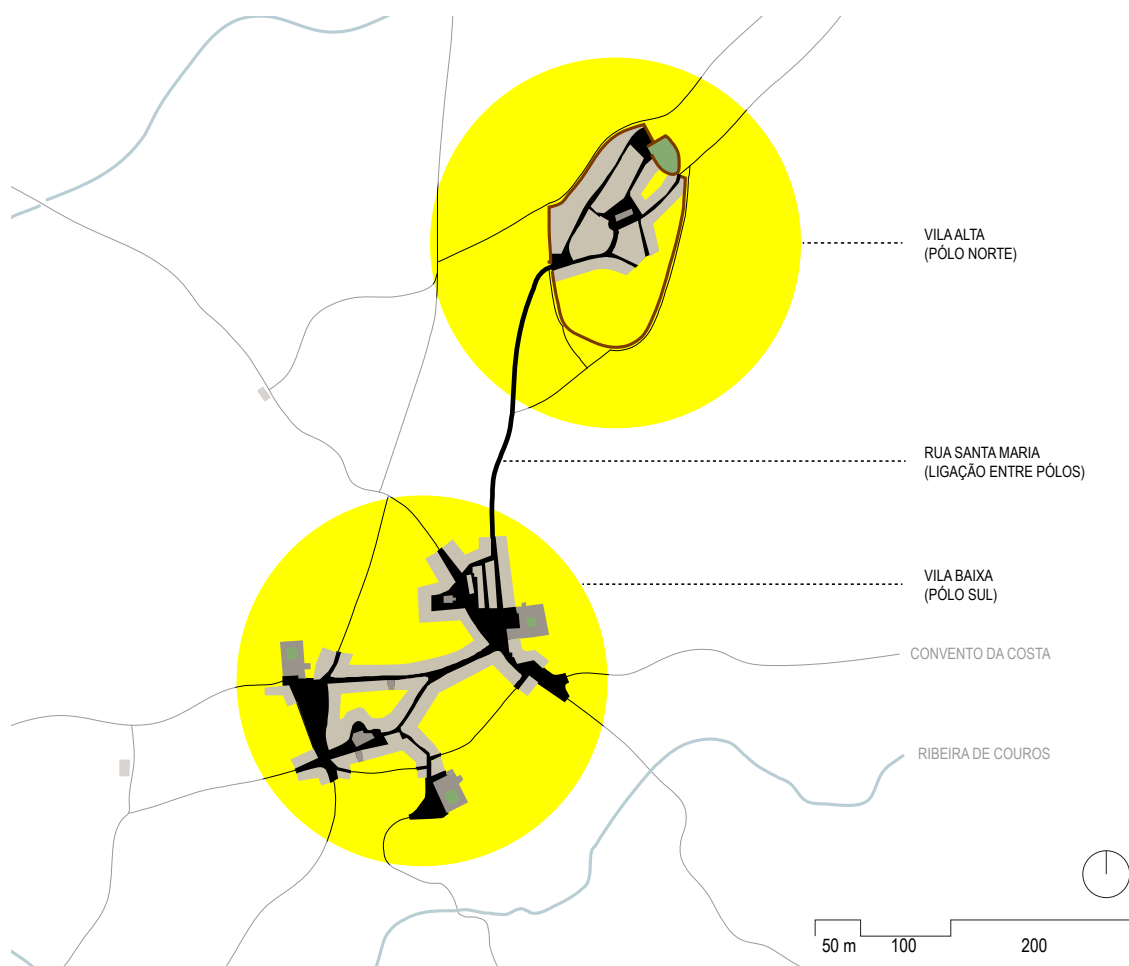


Figura 33 -Esquema de ligação dos dois pólos da cidade, 'vila alta' e vila baixa', através da Rua de Santa Maria. A amarelo os dois pólos da cidade.

O posterior avanço na formação e urbanização da cidade de Guimarães, tem por base questões relacionadas com a religião e as estruturas viárias existentes/em construção. A construção estratégica de equipamento religioso fez com que estes tivessem de ser ligados e posteriormente os núcleos de desenvolvimento se expandissem e também estes estivessem ligados.

A malha habitacional estava em progressiva evolução, assim, a progressiva edificação lateral aos troços iniciais dos caminhos que arrancavam da praça em frente ao mosteiro de Santa Maria da Oliveira e conduziam a Braga, às Terras de Basto, Chaves, Viseu e Coimbra, darão origem ao primeiro núcleo urbano da vila baixa, datável dos séculos X/XI.

O burgo alto mantém notória importância até finais do séc. XIV, altura a partir da qual, após a edificação das muralhas, começa a despovoar-se progressivamente.

Estando assim definida a evolução do ordenamento urbanístico e arquitectónico vimaranense, será importante caracterizar as tipologias da habitação corrente contemporânea, responsáveis pela definição e caracterização genérica do tecido urbano em formação.

Trata-se de uma tarefa de elevada dificuldade, devido essencialmente à ausência de construções datadas da época em questão, exceptuando talvez certas sobrevivências de carácter estrutural, nomeadamente ao nível do primitivo parcelamento, ainda perceptíveis em alguns sectores da área urbana actual, correspondente aos burgos então em formação. Para tal dificuldade contribuíram não só as alterações funcionais ocorridas no tecido habitacional ao longo do tempo, como também a reduzida durabilidade deste tipo de construções .

De acordo com a documentação existente, podemos assistir à progressiva acentuação de construção habitacional estruturada de forma “cerrada”, havendo embora ainda a permanência de edificação ou edificações isoladas em lotes autónomos e com irregular ordenação das frentes, consequência do primitivo ordenamento medieval e no seu parcelamento rural. Assim, a economia de terreno urbana característica deste tipo de edificação, aliada às dificuldade de construção e ao custo, explicam a ausência ou dispensabilidade da construção em altura das tipologias habitacionais contemporâneas, tornando-as assim predominantemente “terreiras”.

Em síntese:

- A forma urbana da cidade de Guimarães teve início através de uma bipolarização. A construção de um mosteiro na baixa da cidade; e em resposta a necessidades defensivas, a edificação de um castelo na alta da cidade;
- As malhas habitacionais começaram a crescer junto a estes dois pólos, por estratégia de localização;
- O desenvolvimento dos equipamentos que apareceram na altura, teve por base interesses essencialmente religiosos e de localização estratégica junto a vias de circulação.

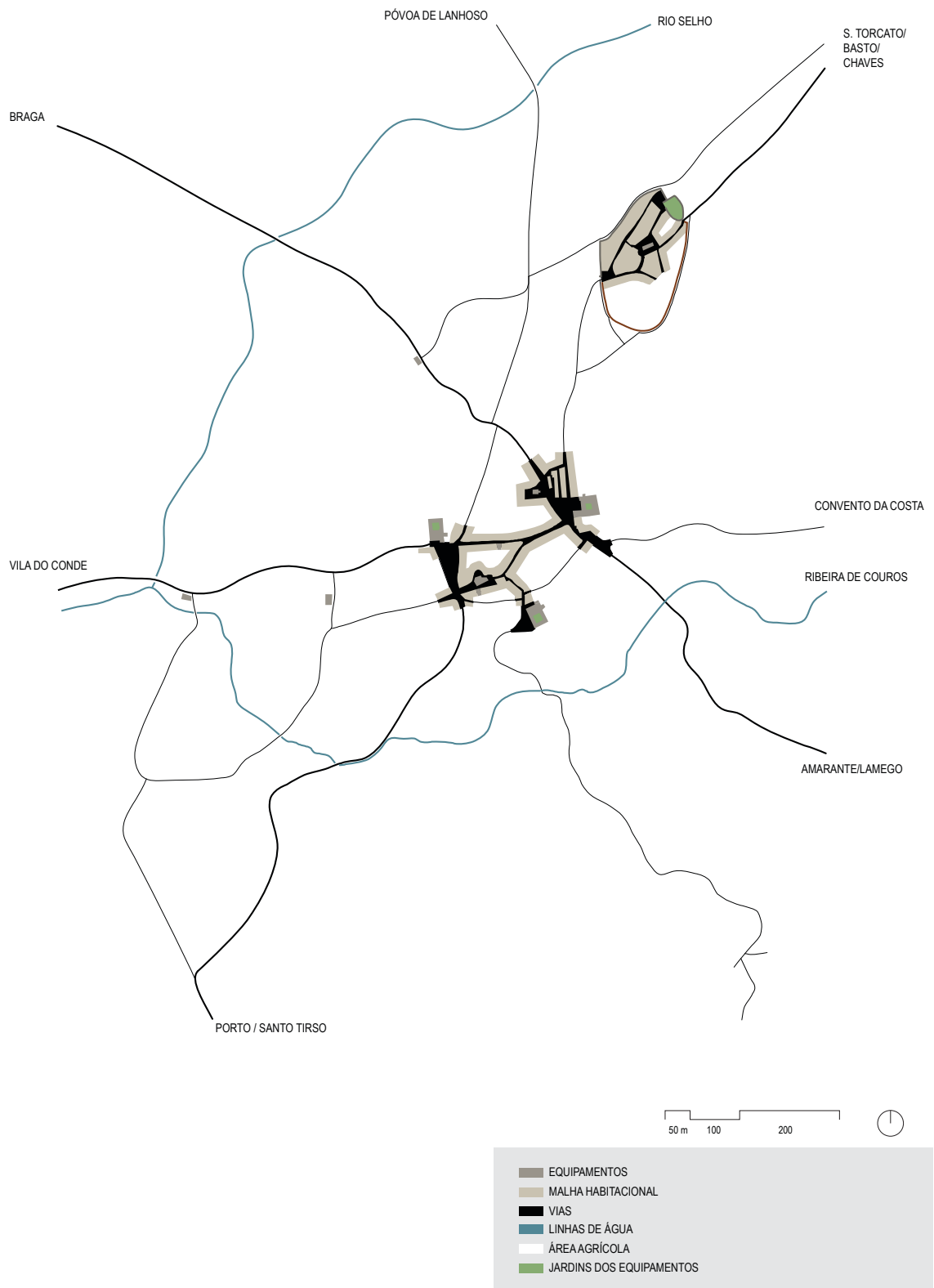


Figura 34 - Interpretação cartográfica representativa da fase 1/6 da evolução urbana da cidade de Guimarães.

b) 1279 a 1498 - 'A Unificação Gótica da Cidade'

Nos finais do século XIV, D. João I, continuando o trabalho iniciado por D. Dinis da construção de uma segunda cintura de muralhas que engloba a alta e baixa da cidade de Guimarães, ordenou a destruição da cerca alta e a construção de uns primeiros Paços Municipais na vila baixa. O traçado da nova cerca em Guimarães respeita as principais vias que para a vila confluíam dando-lhes passagem através das diversas portas guarnecidas com fortes estruturas defensivas. Portas estas que serviam para serventia das populações da zona alta, para além de permitirem contornar a Vila do Castelo, pelo exterior (figura 35).

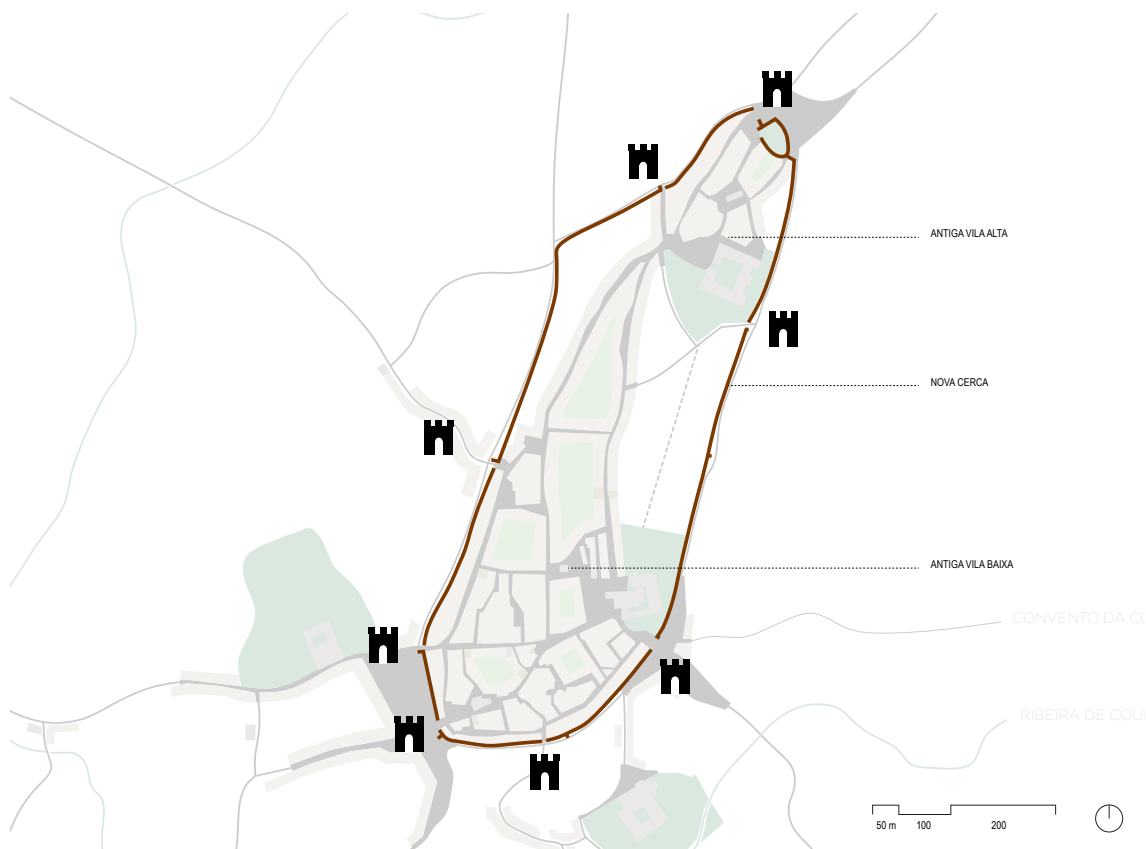


Figura 35 -Esquema da nova cerca que alberga os antigos dois pólos da cidade. A linha castanha representa a nova cerca, os símbolos representam as portas de entrada na cidade.

Nesta época, a gestão e consolidação das vias que conferiam acesso a Guimarães e consequentemente das portas que permitiam a entrada na nova cerca, são de elevada importância ao nível da disposição e desenho destas, influenciando directamente a estruturação do tecido urbano da futura cidade de Guimarães, no perfil das ruas e até mesmo na definição tipológica das habitações. Este é um processo que teve início na fase anterior de desenvolvimento da cidade e que nele se podem distinguir dois níveis. O primeiro origina, na zona intramuros, o preenchimento pela malha urbana de grande parte do espaço disponível; e um outro que não respeita a barreira da muralha, avançando para o seu exterior ao longo das principais vias que ultrapassam as portas.

Falando em termos de desenvolvimento urbano, são perceptíveis três zonas deste, no interior da muralha e vila baixa. De fora, fica toda a zona intramuros não preenchida por malha habitacional, constituída por zona agrícola e o espaço central das praças existentes - Santa Maria da Oliveira e São Tiago.

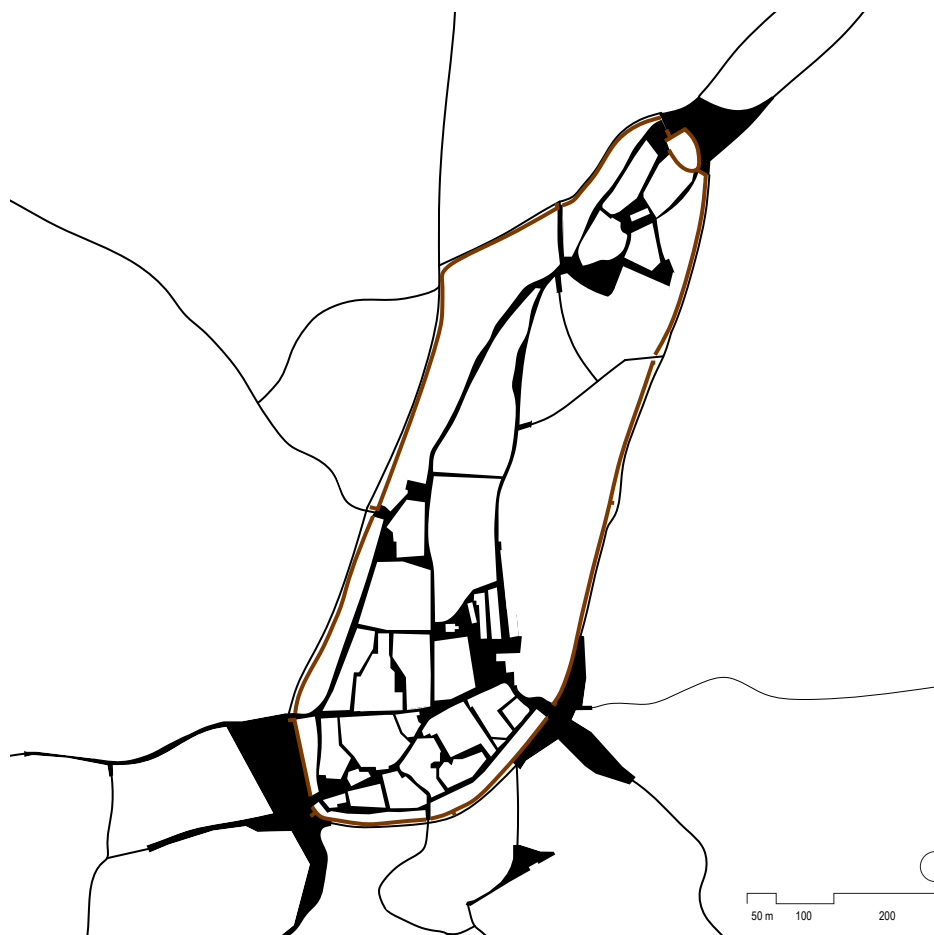


Figura 36 -Esquema cheios/vazios. A preto estão representadas todas as vias e praças da vila; por oposição, o que está a branco dentro das muralhas é malha habitacional ou terreno de cultivo.

Correspondente à primeira zona acima referida, aquela que posteriormente ao núcleo gerador, foi imediatamente urbanizado. Daí o conjunto labiríntico de ruas estreitas, ruelas, vielas sem saída, tabuleiros e balcões, dificultando a definição dos limites entre espaço público e privado (figura 36).

Uma vez mais deparamo-nos com uma formação da estrutura urbana baseada no traçado de vias e ligações. Trata-se também de uma maneira de pensar o tecido urbano que é característica de um determinado período histórico, mais do que resultado de uma qualquer condicionante física.

Data desta época (século XV) a formação e aparecimento dos primeiros quarteirões na cidade de Guimarães. A fixação da população ao longo de vias importantes fez com as habitações fossem construídas ao longo destas; e a proximidade das ruas fez com que um espaço fosse deixado entre as habitações, dando assim formação aos vazios centrais dos respectivos quarteirões.

Data também desta época, o início da legibilidade de uma linguagem formal na cidade de Guimarães. A edificação de habitações seria regulamentada: “a eito ... ajuntando casa com outra e a outra com a outra sem nenhum intervalo” (Lamas, 2011: 57). Esta informação ajuda-nos a compreender o culminar de um processo que rompe com uma tradição medieval da tipologia da casa que não sendo disposta “a eito” cria uma frente urbana descontínua e irregular, de saliências, intervalos e reentrâncias que dão origem ao labirinto observável na baixa da cidade. As habitações criam o seu próprio espaço, não estão subordinadas a ele, o que implicava também grandes diferenciações nas áreas e formas dos lotes urbanos.

Também aqui se verifica uma permanência das tipologias do período anterior, sobressaindo algumas tipologias isoladas, como é o caso das casas-torre. A disposição destas no tecido urbano é elucidativa: encontram-se na área de urbanização mais antiga. Esta tipologia permanece por alguns séculos, sendo mais tarde associadas a um conjunto habitacional.

Em síntese:

- Há um novo desenvolvimento da forma urbana de Guimarães, baseado na rede viária, facilitando trânsito e movimentação dentro da vila;
- A bipolarização do período anterior desaparece aquando da agregação dos dois núcleos por uma nova muralha;
- Criação de três zonas de desenvolvimento dentro da nova zona intramuros, coexistindo com novas praças, zonas agrícolas e espaço dedicado à habitação;
- Início da legibilidade de uma linguagem formal da cidade;
- Aparecimento de novas tipologias, nomeadamente as casas-torre e os paços, característicos da unificação gótica da época.

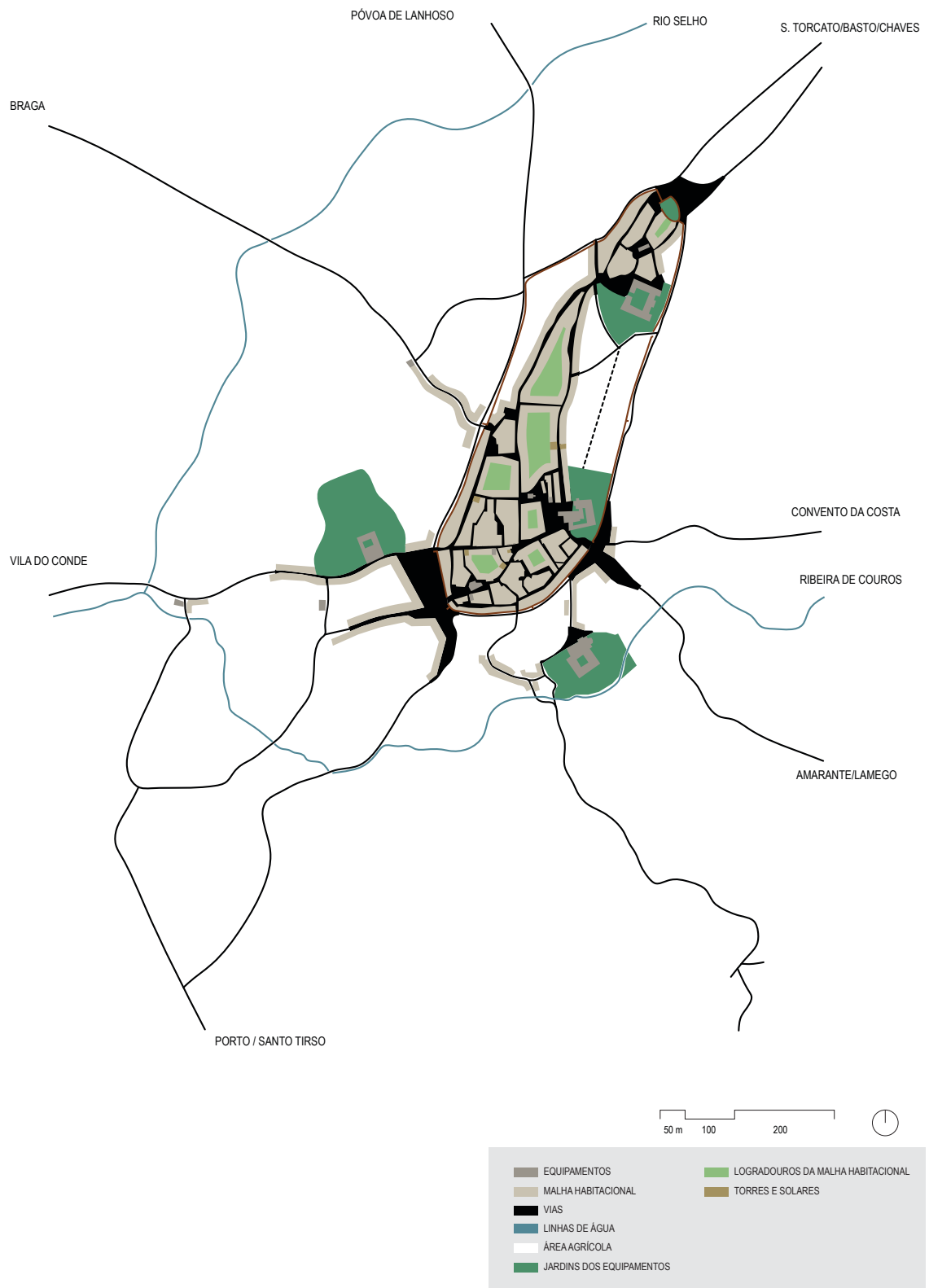


Figura 37 - Interpretação cartográfica representativa da fase 2/6 da evolução urbana da cidade de Guimarães.

c) 1496 a 1750 - 'A Qualificação Renascentista, Maneirista e Barroca da Cidade'

"A preocupação com o calçamento das ruas, desgastadas pelo contínuo aumento do tráfego (...) é reveladora das áreas de maior desenvolvimento urbano" (Mattoso et al., 2002: 76).

Esta fase caracteriza-se pela afirmação de um novo rumo no estilo arquitectónico. É assim caracterizado um novo ciclo designado por qualificação renascentista, maneirista e barroca da cidade.

Dois momentos são considerados como sendo de eixo de charneira para este ciclo. Actuou-se em ambos sobre preexistências, privilegiando a continuidade à ruptura. A evolução processou-se através de um repensar das matrizes e esses importantes marcos situam-se ao longo dos eixos fundadores e geradores de toda a envolvente urbana. Assim sendo, as principais linhas de desenvolvimento estão centradas nas redes viárias preexistentes, mas ainda assim produzindo novos acontecimentos urbanísticos ao longo do seu percurso, numa primeira fase que se pode designar renascentista e maneirista (intramuros), numa segunda, já barroca, aquando da expansão para além dos limites urbanos.

Nesta época, o conjunto habitacional era formado pelas antigas casas-torre - tendo sido dada maior atenção ao conforto dos moradores, que construíram junto dessas torres estruturas habitacionais - uma série de casas nobres, a casa burguesa (do mercador rico), e no restante conjunto (formando grande parte do tecido urbano) a madeira e a taipa permaneceram os materiais mais utilizados e as típicas casas de resalto ter-se-ão multiplicado.

Um conjunto de praças começaram a tomar identidade na cidade. Umas provenientes de meros alargamentos de antigas ruas ou avenidas, outras por demolição de miolos entre ruas, passando assim estas a serem totalmente delimitadas entre traçados de origem medieval, tendo muitas sido adoptadas pela elite para construção das suas habitações; ora pela localização, ora pela nova grande importância e movimentos culturais (teatros e corridas de touros) que estas conquistaram na malha urbana vimaranense.

Os espaços contíguos à muralha, antigos campos, tiveram na sua origem a proibição de construção por razões militares, mas com a respectiva diminuição da importância bélica das muralhas, estes começaram a ser urbanizados, respeitando traçados primitivos, mas permitindo o aumento significativo de área útil urbanizável.



Figura 38 -Esquema cheios/vazios. A preto estão representadas todas as vias e praças da vila; por oposição, o que está a branco dentro das muralhas é malha habitacional ou terreno de cultivo.

É nesta época que os primeiros passos na reutilização de materiais são dados. A zona alta da cidade, com o progressivo despovoamento para a baixa, tornou-se uma zona apetecível a esta prática, pela abundância de ruínas, grandes dimensões e tipologias excessivas das construções. A pedra é também utilizada como material construtivo de habitações. Aqui a tipologia da casa nobre urbana sofre então algumas alterações.

Estas novas construções agruparam-se na zona intramuros, em frentes urbanas formando margens de praça (à semelhança da estrutura de um quarteirão, funcionando neste caso como um miolo de quarteirão negativo, pela configuração pública da praça).

A partir do século XVII, as tipologias de habitação comum começam-se a diversificar, segundo os materiais de construção, disposição dos vãos e até mesmo a variedade dos elementos decorativos. Existe porém uma tendência para a regularização das cérceas (piso térreo e dois sobrados) e da frente do lote urbano. Entre as habitações mais típicas do período ressaltam-se as denominadas 'filipinas', de três pisos, loja e dois sobrados, apresentam no piso térreo molduras em cantaria, enquanto que nos sobrados, edificados em taipa (figura 39).



Figura 39 - Casas seiscentistas.

Fazendo jus ao nome da época em questão, novos conventos começam a aparecer, estrategicamente colocados em frente a antigas portas de acesso à vila intramuros. Expansão e axialidade, dois dos principais vectores do urbanismo barroco surgem aqui.

A praça do Toural ganha nesta época a importância equivalente à da dos dias de hoje. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora, 'Toural' é o espaço de uma feira reservado à compra e venda de bois e outros animais domésticos. Inicialmente, era esta a função da praça, que à semelhança de outras cidades nacionais viam ser criadas nas suas praças equipamentos de utilidade pública, como as alfândegas. Em Guimarães a alfândega estava presente no largo do Toural e era o local onde todas as pessoas que viessem de fora vender os seus produtos, os tinham que expor publicamente. No final do século, a praça assume-se como barroca, aquando da construção da designada 'frente pombalina'.

Em síntese:

- No século XVIII, o processo de evolução e expansão urbana da cidade encontra-se consolidado. É de ressaltar a edificação de casas nobres, igrejas e conventos que definiram ruas, deram origem a praças e incrementaram o desenvolvimento de corredores de circulação entre a vila e o espaço contíguo, preenchido mais tarde por malha urbana;
- A cerca torna-se 'transparente' à medida que a sua utilidade defensiva se torna obsoleta. Deixa de ser uma barreira divisória entre o dentro e fora de muros, por outro lado aproxima os dois lados, fomentada pela construção adossada ao interior;
- A habitação corrente tendeu para uma normalização em altura e tipologia;
- Os principais eixos viários que dão acesso à cidade mantêm a sua importância, bem como a implementação de novos caminhos de ligação a casas nobres e conventos, que se articulam com os preexistentes. Ao longo destes, sobretudo nos pontos de contacto com os principais, vão-se fixando novos núcleos populacionais;
- Há uma pulverização dos principais equipamentos de carácter público e monumentos.

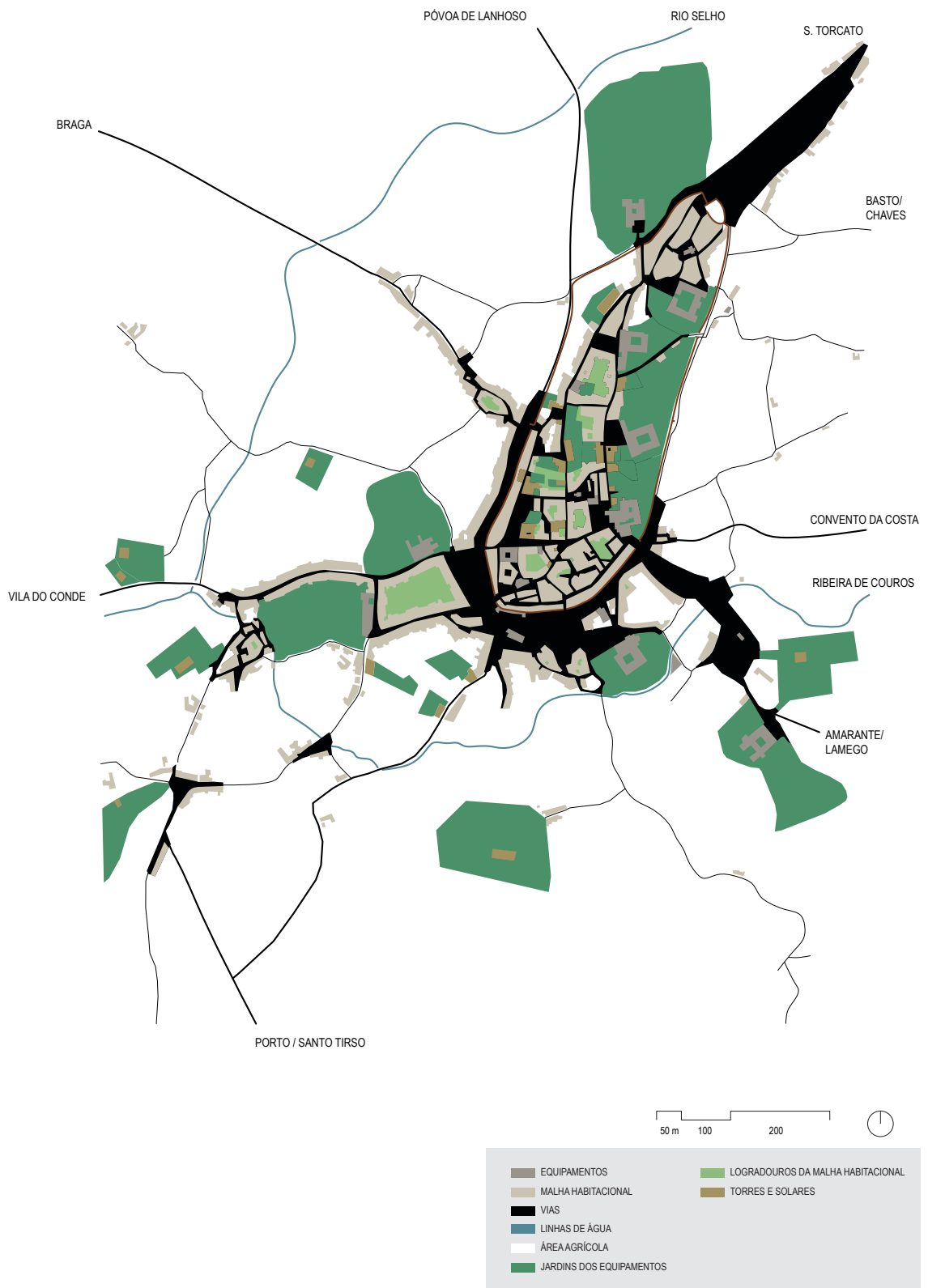


Figura 40 - Interpretação cartográfica representativa da fase 3/6 da evolução urbana da cidade de Guimarães.

d) 1750 a 1863 - 'A Reforma Rococó, Pombalina e Neoclássica da Cidade'

Uma série de casas nobres urbanas, apresentando nas suas fachadas profunda decoração rococó, ergueram-se em Guimarães na segunda metade do século XVIII que por oposição aos seus antecessores seiscentistas, se procuram integrar na malha urbana.

De importância acrescida para a época, uma série de jardins começam a proliferar na cidade. Desdobram-se geometricamente em socalcos frente a fachadas nobres, reproduzindo as realizações barrocas da Paris do século XVII.

Dada a proximidade à cidade de Braga e a relevância que o rococó vai atingir na cidade, Guimarães não podia ter-se escapado à sua influência neste período. Assim, a um período de intenso ascendente de rococó bracarense, sucede-se a fase 'pombalina'.

As principais vias que convergem para Guimarães, nomeadamente do Porto e de Braga, continuaram sem grandes alterações, de forma a pautar o destino cultural, urbano e económico da cidade.

Cronologicamente, a reforma pombalina sobrepõe-se ao período rococó, tornando-se visível apenas em construções de carácter religioso ou de aparato palaciano.

A destruição da muralha produziu um efeito positivo na interacção entre as zonas dentro e fora de muros, fruto da normalização e criação urbanas. A par desta destruição, um conjunto de regras foi criado, de forma a clarificar essa normalização e uma tentativa de dar início à existência de uma linguagem formal da cidade, como é o caso da retirada das sacadas em vários eixos principais intramuros.

Como consequência directa da destruição, em termos de criação urbana, novas frentes urbanas surgiram a partir do século XIX, sobretudo na **Rua Nova de Santo António** (futura Rua de Santo António, importante no desenvolvimento prático da dissertação). Quase contemporâneas em relação ao Tural, embora obedecendo a regras específicas no que respeita ao tamanho dos lotes, cêrcea e ausência de sacadas salientes, o igualitarismo pombalino está ausente da sua concepção, existindo no caso desta rua, diferentes aspectos segundo as preferências individuais dos proprietários. É neste movimento de identidade, individualidade e distinção expressiva que, à falta de melhor classificação, o podemos apelidar de neoclássico.

Datam também do início do século XIX algumas medidas legislativas de carácter moderno em termos urbanos, como é o exemplo da introdução da toponímia na cidade. Por razões de fiscalidade, foi então introduzida a numeração de casas e a indicação do nome das ruas. A divisão da vila em oito bairros, por

razões de vigilância policial, fornece-nos uma visão precisa dos limites urbanos da cidade de Guimarães à época.

O início do século XIX é marcado por um grande desenvolvimento económico, graças a uma forte aceleração industrial nas áreas tradicionais do têxtil, da cutelaria e dos curtumes. A termo de curiosidade, Guimarães possuía um maior número de unidades fabris de curtição de peles (83 no total), do que as existentes nas cidades de Lisboa, Porto e Braga reunidas. Instaladas no antigo arrabalde de Couros, foram um importante factor de desenvolvimento urbano da zona (figura 41).

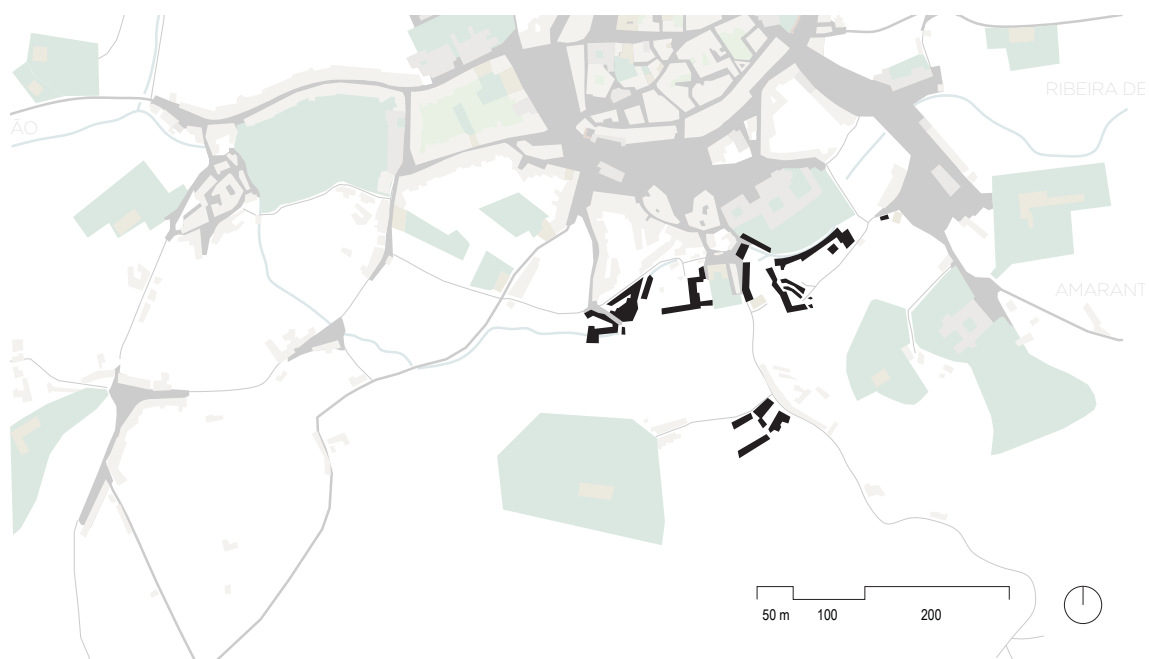


Figura 41 -Pormenor da planta da cidade de Guimarães, com foco na zona de couros. A preto estão assinaladas as construções dedicadas à indústria de curtumes.

Como criação de novas tipologias no início do século XIX, temos os palacetes, os hospitais e os mercados (devido a preocupações higienistas).

A planta da cidade, datada de 1863, mostra já o novo mercado municipal, designado de 'Praça Nova', local onde no século XX se vai erigir o mercado projectado por Marques da Silva. É de elevada importância como factor de desenvolvimento urbano, pois implantando num local que fazia parte de uma antiga cerca do convento dominicano, estando assim na base da urbanização futura de toda a zona envolvente.

Modificações num convento com frente para a praça do Toural, reorganizaram por completo a praça. A intenção de realizar uma praça nobre, à maneira barroca, é nítida e relevadora do esgotamento dos modelos urbanísticos reformistas de então. Essa situação é a causa da realização do primeiro plano da cidade, em 1863, que marca o fim deste período.

Em síntese:

- A reforma rococó desempenhou um importante papel na integração das casas nobres no tecido urbano, juntamente com um conjunto de legislação criadas para normalizar a construção;
- A praça do Toural apresenta-se como uma das mais importantes praças da cidade, fruto de várias remodelações, de frisar a edificação da frente pombalina, consequência directa da destruição da muralha;
- A destruição da muralha acentuou a interação entre as suas zonas interior e exterior, bem como possibilitou a abertura de novas ruas, como é o caso da **Rua Nova de Santo António**;
- As construções da Rua Nova de Santo António não obedecem ao espírito pombalino, mas sim aproximam-se do conceito neoclássico, privilegiando a diferenciação;
- Há uma carência de uma intervenção mais profunda no tecido urbano, daí a necessidade de um plano que estabelecesse as suas bases, permitindo que a cidade, fortemente marcada pelo desenvolvimento comercial e industrial, dispusesse de um instrumento para repensar o seu desenvolvimento futuro.

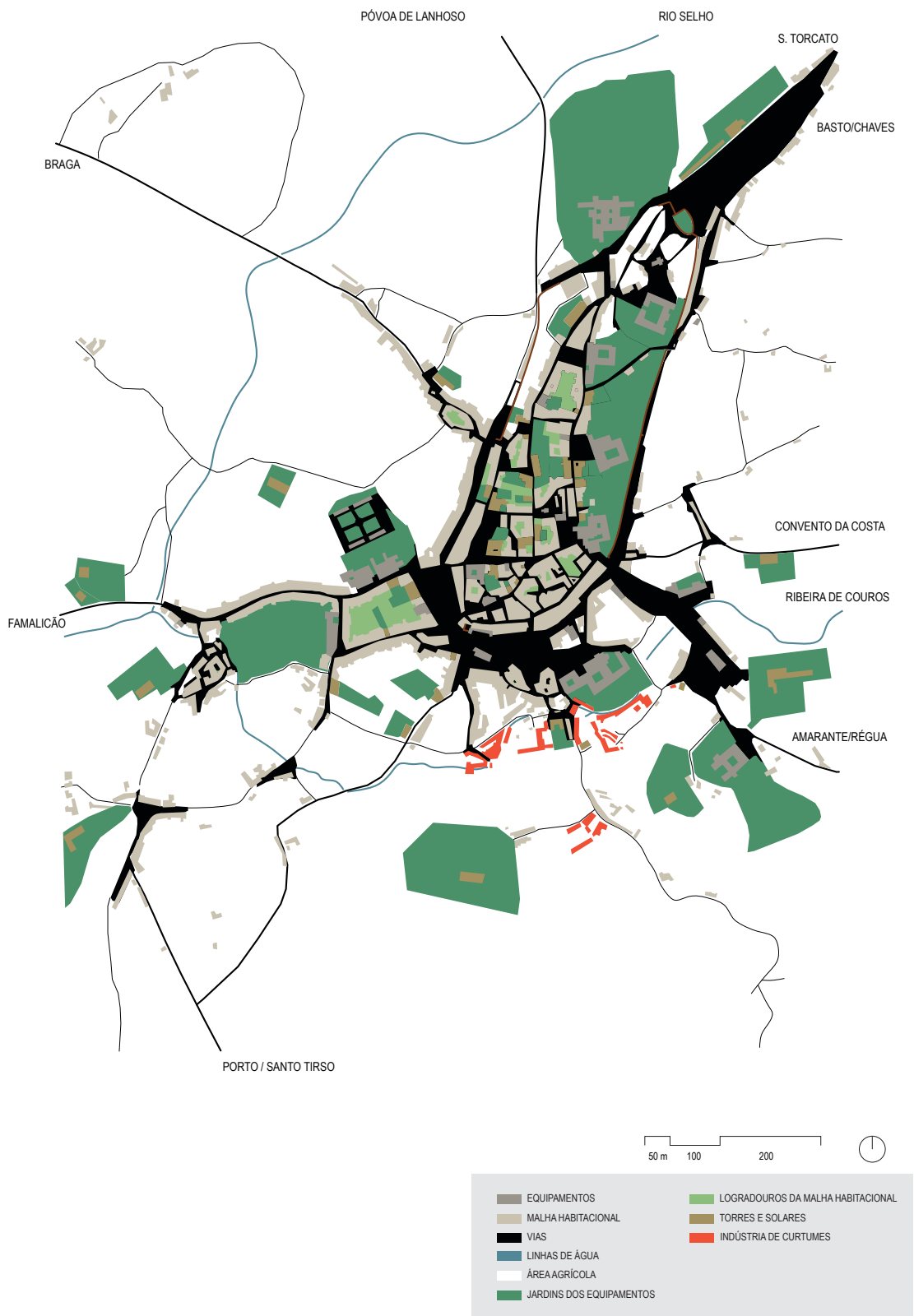


Figura 42 - Interpretação cartográfica representativa da fase 4/6 da evolução urbana da cidade de Guimarães.

e) 1853 a 1926 - 'A Expansão Eclética e Industrial da Cidade'

Foi em meados do século XIX que ocorreu uma nova e importante fase na evolução urbana da cidade de Guimarães, fruto de uma série de eventos decorrentes do clima de pacificação e progresso permitidos pela Regeneração.

Foi no ano de 1852, que como consequência do grande desenvolvimento industrial, comercial e urbano, reflexo sobretudo de uma forte expansão do primeiro, que o título de Guimarães foi elevado a cidade.

A rede viária vimaranense, de elevada importância para o escoamento dos produtos das suas indústrias e o comércio com o exterior, manteve no geral o seu perfil medieval.

A zona baixa da cidade, o Toural e área abrangente, prosseguiu como ponto de chegada e partida das mais importantes ligações viárias da cidade.

O plano de 1863 (figura 43), fazia não só o ponto de situação do desenvolvimento citadino à época, como também indicava as transformações necessárias para ser melhorado e modernizado o velho tecido urbano vimaranense. Tinha um carácter estático actuando sobre preexistências urbanas: alinhamentos de ruas, terraplanagem e regularização de praças e rompimentos de novas artérias. Muitas das soluções apontadas apenas viriam a ser postas em prática mais tarde, devido ao seu carácter revolucionário.

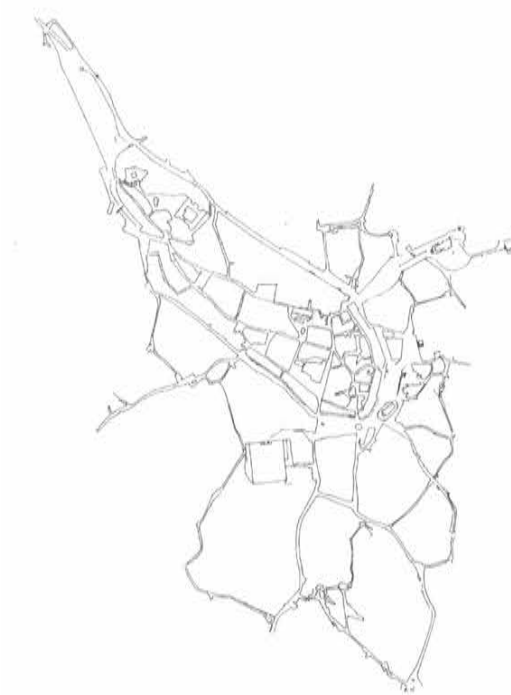


Figura 43 - Plano de Urbanização - Engº Manuel de Almeida Ribeiro, 1863.

Só nos anos 20 do século em vigência parte desse projecto se viria a realizar com o 'Plano Luíz de Pina', como é o caso da abertura da **Rua Gil Vicente**, sinal da futura expansão da cidade para a zona do Preposto (barreira alfandegária); e da nova artéria que ligava o Tournal à praça do mercado, a rua posteriormente denominada **Paio Galvão**, possível após a demolição de uma saliência de um convento que impedia o seu correcto alinhamento.

Assistiu-se em Guimarães, desde meados do século, a uma verdadeira revolução urbana, levada a cabo por sucessivas vereações, nomeadamente a Comissão de Melhoramentos. Coube a esta comissão a criação dos primeiros espaços verdes públicos da cidade, nomeadamente no Tournal e em S. Francisco (figura 44).

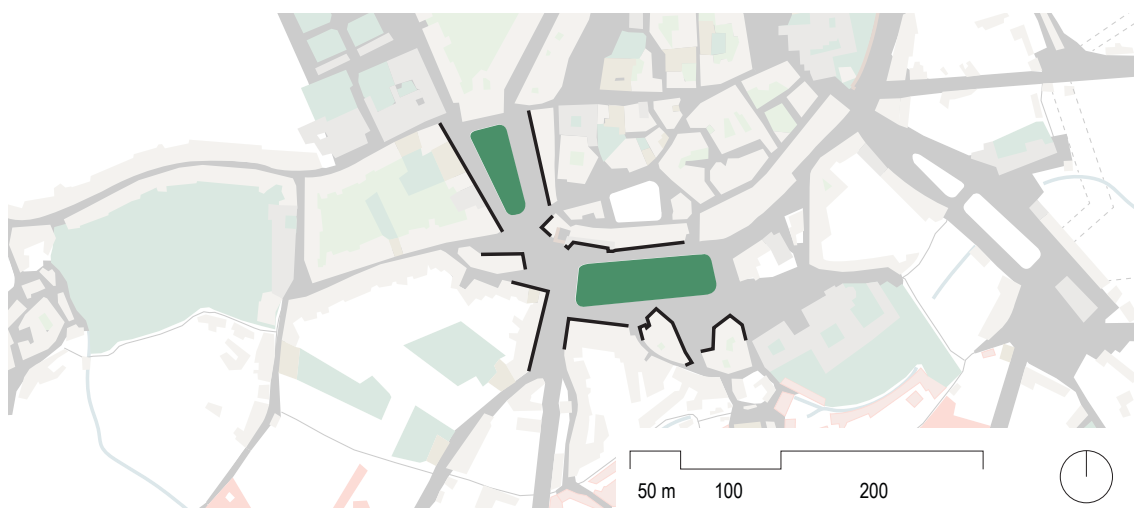


Figura 44 - Pormenor da planta da cidade de Guimarães, com foco na nova zona verde da cidade. A preto estão indicados os limites da malha habitacional em diálogo com a nova zona em questão; e a verde o Largo do Tournal (cima) e a zona verde de S. Francisco (baixo).

Uma constante do século XIX liberal, foi a preocupação com a alfabetização e o ensino público, tendo sido construídos liceus e bibliotecas públicas. A termo de curiosidade é o facto de uma dessas escolas ser especializada no ensino industrial, a Escola Industrial, tendo surgido pela necessidade de preparar mão de obra qualificada para a importante indústria vimaranense.

Data de 1884 a inauguração da ligação ferroviária Guimarães-Lousado, na zona baixa-sul da cidade. O grande desenvolvimento industrial da cidade solicitava a ligação através do novo e rápido meio de transporte, a toda uma rede nacional, permitindo assim um mais fácil escoamento da sua produção. Duas novas e fundamentais artérias vão ligar a estação ao centro da cidade: a Av. da Indústria, a ocidente, e a do Comércio, a oriente.

Em 1903 foi introduzido o abastecimento de água canalizada, enquanto que dois anos antes, se tinha inaugurado a rede de iluminação eléctrica.

Em 1911 foi proclamada a República, e conseqüentemente criada uma Comissão Executiva, com intuito da criação de planos de melhoramento. Fruto desta comissão são de assinalar as obras que previam a construção de um bairro operário, do sistema de saneamento citadino, bem como a valorização da zona em redor do castelo (alta da cidade, ao abandono nesta época).

A expansão da cidade para oriente foi consagrada com a construção dos novos Paços do Conselho (pelo Arq. Marques da Silva) que incluíam uma praça octogonal e uma avenida central. Estes e a Sociedade Martins Sarmento (do mesmo arquitecto) foram sem dúvida as mais notáveis realizações do ecleticismo e revivalismo oitocentistas em Guimarães.

A diversidade estilística sugerida pelo termo eclético, faz-se notar noutras tipologias habitacionais, moradias ou prédios de rendimento, por vezes agrupadas em frentes urbanas com a área dos lotes perfeitamente estabilizada.

Em síntese:

- O grande progresso, sobretudo de cariz industrial, com a conseqüente melhoria das condições económicas e de desenvolvimento urbano, levou a que Guimarães fosse elevada à categoria de cidade em 1853;
- Há necessidade de um plano de melhoramentos, que indicava uma série de obras necessárias para a modernização do tecido urbano vimaranense, contudo sem nenhuma zona de expansão citadina prevista;
- O caminho-de-ferro teve profundas conseqüências no desenvolvimento urbano da cidade, como por exemplo a abertura de duas artérias principais que faziam a ligação entre a estação e o centro da cidade;
- Uma série de novos equipamentos foi criado neste período, decorrentes das preocupações oitocentistas com a cultura e o ensino, a higiene e o abastecimento;
- O ecleticismo e revivalismo oitocentistas deixaram bons exemplares em Guimarães, em termos de habitação particular, uma multiplicidade de tipologias que vão desde o palacete e a moradia burguesa até ao prédio de rendimento.

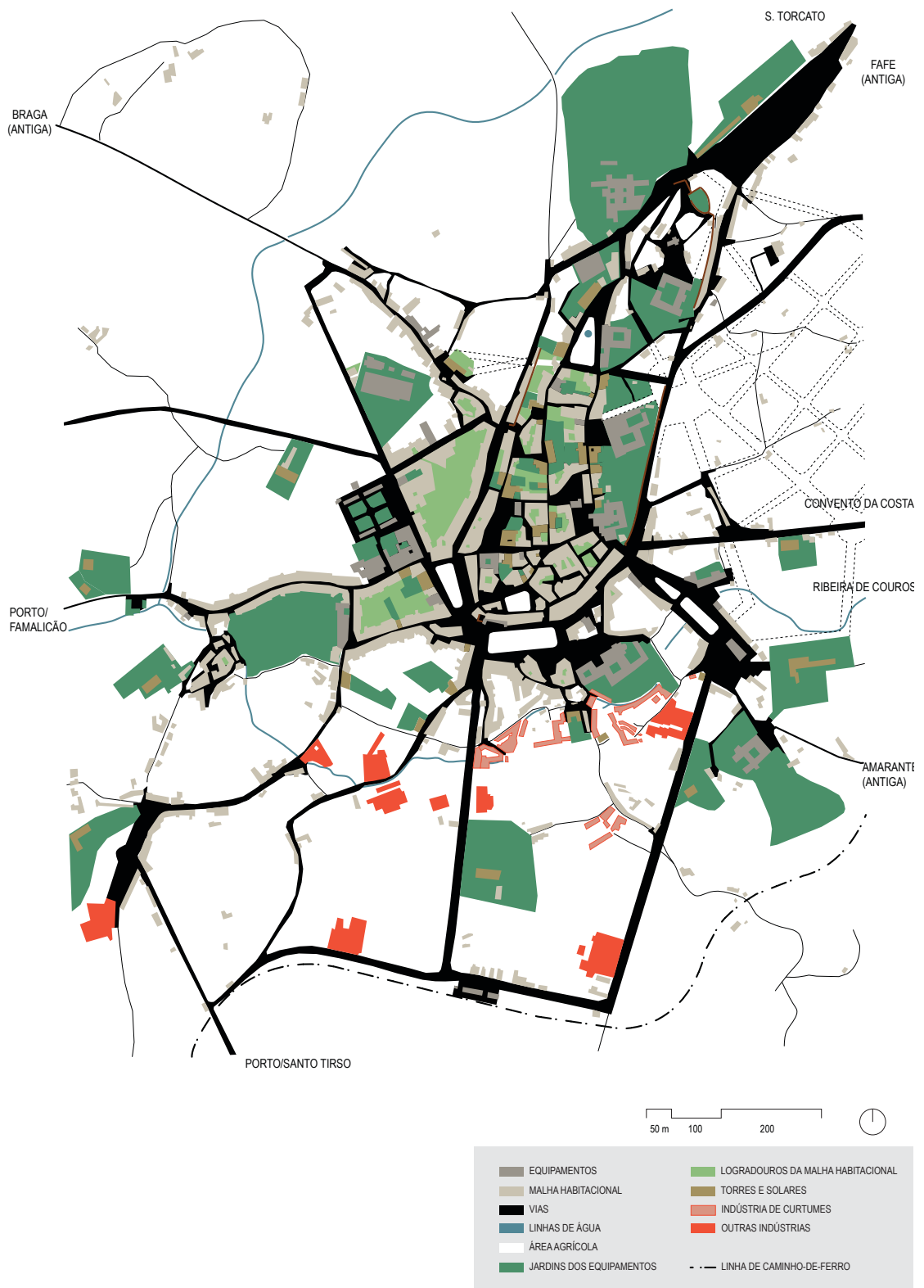


Figura 45 - Interpretação cartográfica representativa da fase 5/6 da evolução urbana da cidade de Guimarães.

f) 1926 a 1974 - 'A Ampliação e Renovação Moderno-monumental da Cidade'

Em 1925 foi publicado um novo plano para a cidade de Guimarães, o Plano Geral de Alargamento da Cidade, que por oposição ao seu antecessor previa a criação de toda uma área de expansão urbana, organizada a oriente, tendo por base o intenso desenvolvimento industrial da cidade. De acordo com o conceito de Françoise Choay de 'conservação devota', este plano acentuava a preservação extensiva da cidade ocidental pré-industrial e o seu ambiente urbano, bem como a preservação patrimonial intramuros e o diálogo do novo com o preexistente.

Aquando do movimento militar chefiado por Gomes da Costa, em 1926, a nova Comissão Administrativa da Câmara Vimaranesa lançou um novo conjunto de obras municipais: renovação de praças, construção de bairros sociais, assim como a preocupação com os aspectos monumentais de Guimarães (como é exemplo a reabilitação dos edifícios históricos e seu aproveitamento turístico).

A preocupação com os aspectos monumentais da cidade fez com que fosse aprovada a expropriação da zona envolvente do Castelo (antiga vila alta), para a construção do primeiro parque da cidade, apelidada de 'colina sagrada'.

Em 1955 entrou em vigor o novo Plano de Urbanização de Guimarães de Moreira da Silva. Apesar do seu ecletismo e pragmatismo, a cidade-jardim inglesa, com as suas zonas de expansão e zonas verdes, é referência constante nos seus projectos. O mesmo aconteceu em Guimarães, com a criação de uma zona verde contínua desde o Toural até ao largo República do Brasil através de uma projectada alameda; de duas zonas de expansão a oriente e ocidente; não esquecendo ainda a consolidação de uma terceira, a noroeste (figura 46).

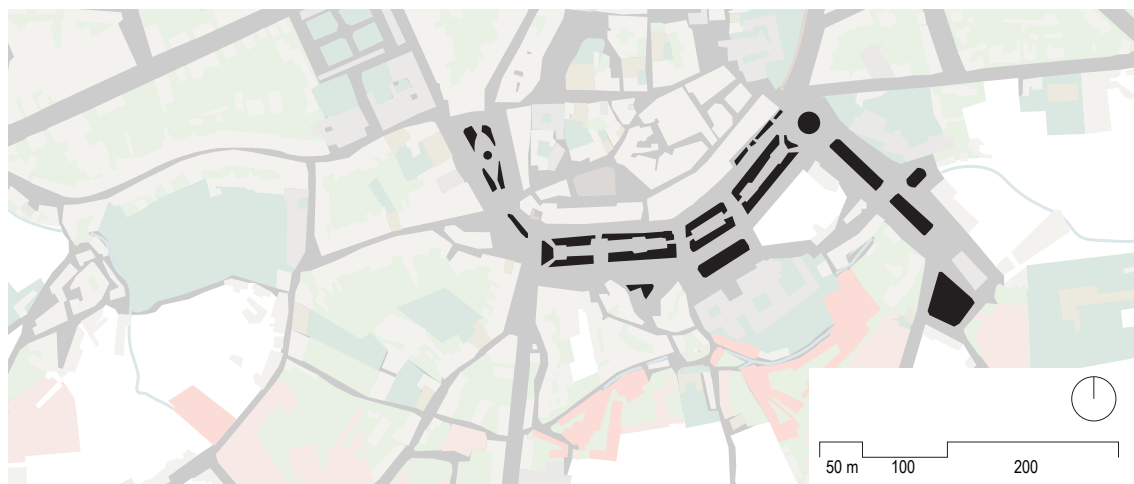


Figura 46 - Esquema nova alameda. A castanheiro estão demarcadas as novas zonas verdes.

Outra zona de expansão se desenhava, desde o rasgar das ruas Gil Vicente e Nova do Mercado, para Ocidente, dando lugar ao projecto de dois importantes equipamentos: uma central de camionagem e um Estádio Municipal.

A nova implantação da central é sintomática da evolução do processo urbano. O cruzamento de vias que fizera outrora a fortuna da cidade, devido ao volume de trânsito por elas canalizado, ameaçava agora estrangulá-la, sendo por isso vital afastá-lo do centro da cidade. A abertura de novas vias foi facto primordial de criação e estruturação urbanas. A estação foi colocada no espaço central do quarteirão triangular formado pela Avenida Conde de Margaride, Rua de São Gonçalo e a agora Avenida de Londres (figura 47).

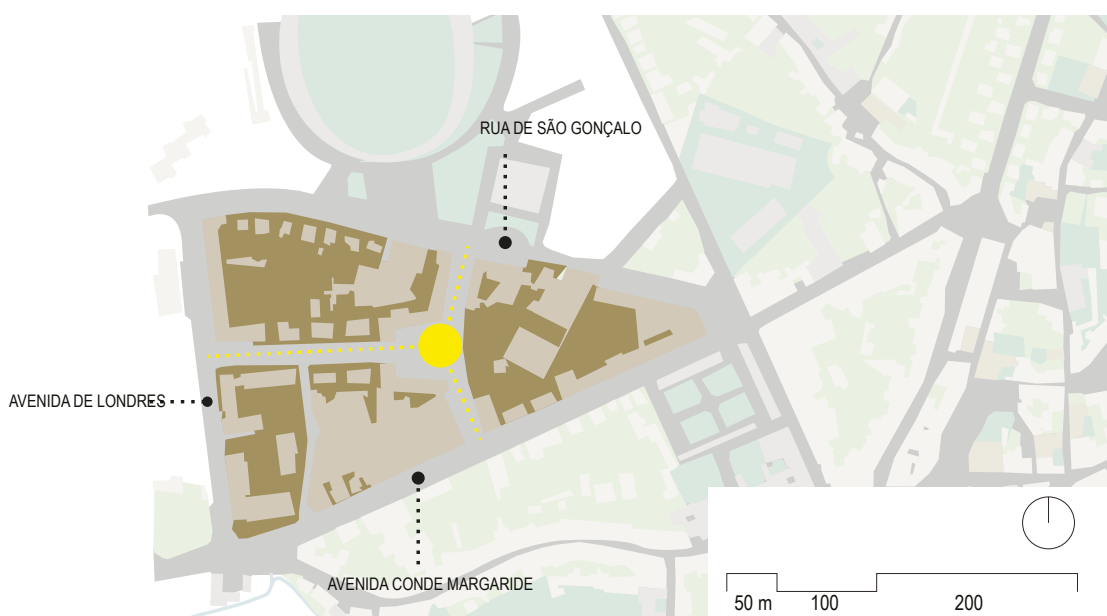


Figura 47 - Exemplo apropriação do interior do quarteirão. O círculo amarelo indica a localização da nova central de camionagem; a amarelo traço interrompido, estão indicados os acessos à mesma.

Este mesmo bairro foi alvo de implantação de prédios de rendimento modernistas, como é o exemplo do gaveto formado pela Avenida Conde De Margaride e rua de São Gonçalo, projectado pelo arquitecto Arménio Losa.

A não correspondência às exigências do surto da evolução económica da cidade, levou à necessidade de redefinição de novas zonas que permitam o desenvolvimento da indústria nos moldes modernos; e à fixação de novas zonas residenciais que permitam a construção de prédios em altura. Arménio Losa, seguindo os princípios da carta de Atenas, propôs um novo tipo de cidade, a 'cidade radiosa', mais económica e mais adequada para resolver os problemas da habitação. A então nova zona, em Conceição, previa edifícios que na sua totalidade eram blocos de quatro ou seis andares. Este projecto, aprovado em 1971, estará na base da última extensão urbana moderna da cidade, anterior ao 25 de Abril.

Em 1972 Guimarães verá a sua área urbana aumentada para o dobro daquela que lhe tinha sido assinalada em 1962. A proliferação da construção clandestina, com a consequente indefinição entre o centro urbano e as freguesias limítrofes, conduziram à necessidade de um Plano Director.

Em síntese:

- De 1925 a 1975, dois fenómenos urbanos são determinantes em Guimarães: a expansão regulada por planos e a acção dos Monumentos Nacionais que teve reflexos importantes no tecido urbano vimaranense, pelas diversas condicionantes colocadas à construção;
- O aumento da população, produto do grande desenvolvimento industrial, levou à reformulação dos conceitos da cidade - novos jardins e o plano de Arménio Losa;
- A tipologia das moradias unifamiliares de R/C e primeiro piso, que desde os anos 30 se implantara em Guimarães, cedeu lugar aos modernos prédios de habitação;
- A intensificação do tráfego teve como efeito imediato o congestionamento do centro, ao invés do processo que conduzira à formação da cidade, sentiu-se a necessidade de o afastar para a periferia, com a construção de uma rodovia, o que a curto-médio prazo teve como consequência o alargamento dos limites citadinos;
- A nova realidade suburbana, sem controlo e invasora constituiu um novo problema com que Guimarães se vai ter que debater até aos dias de hoje.



Figura 48 - Interpretação cartográfica representativa da fase 6/6 da evolução urbana da cidade de Guimarães

4.4. SÍNTESE CAPÍTULO

A cidade de Guimarães passou por seis grandes momentos evolutivos desde a sua formação, tendo a evolução da forma urbana da cidade sido linear e correspondente a políticas da época.

Em síntese:

- A forma inicial da cidade (bipolarização) teve por base duas construções em pólos hierarquicamente divididos, que ordenaram a forma como a malha habitacional inicialmente se dispôs no território, bem como os respectivos equipamentos;
- A construção de uma nova cerca que alberga os antigos dois pólos, dá origem a novas zonas de desenvolvimento urbano, assim como a redefinição da rede viária e consequente re-organização da malha habitacional;
- O aumento de população e o natural desenvolvimento da cidade, levam à demolição da cerca, incrementando uma nova leitura contínua do tecido urbano, bem como permitiu a abertura de novas praças, ruas e corredores de circulação; sucede a criação do primeiro plano urbanístico da cidade;
- Vila de Guimarães é elevada a cidade por meio do progresso sobretudo de cariz industrial, tendo posteriormente investido na modernização do tecido urbano, nomeadamente com a abertura da linha de caminho-de-ferro e a aposta em novos tipos de equipamentos;
- O consequente aumento da população levou à reformulação dos conceitos da cidade: novos espaços verdes, novos espaços públicos, novas tipologias;
- O aumento do tráfego automóvel teve como resposta o seu afastamento do centro para a periferia e consequente alargamento dos limites citadinos, levando a cidade a um crescimento desmedido e desorganizado.





Figura 49 - El Matadero, Madrid.

5. Reabilitação urbana

Evolução do conceito

O conceito de reabilitação, termo principal da parte prática da presente dissertação teve, como todas as práticas e estilos arquitectónicos, uma evolução.

Este capítulo tem como objectivo explicar e apresentar a evolução do conceito da reabilitação aplicada à cidade - reabilitação urbana - através de quatro pontos organizados cronologicamente: a revolução industrial; o IV Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM); o VIII CIAM e a actualidade. Posteriormente apresenta-se um conjunto de estratégias de actuação a serem consideradas pelo arquitecto na conjuntura actual.

5.1. EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE REABILITAÇÃO

De maneira equivalente às alterações e evolução das necessidades das populações, também a forma como a abordagem à preservação do património construído foi sendo alterado ao longo do tempo. O entendimento dos conceitos de reabilitação evoluíram segundo as seguintes fases:

a) Revolução Industrial (século XVIII)

- Culminar da vida do homem baseada na manufactura;
- Aqui a reabilitação passava por reabilitar o património monumental histórico.

b) 1933 - IV CIAM - Carta de Atenas

- Arquitectos formulam ideias que pretendem para a cidade - cidade funcional;
- Não existia planeamento;
- Origem da rua corredor, com a introdução da construção em altura - baixa densidade;
- Habitação + espaço verde + área desportiva = desconexão com a cidade;
- Edifícios inscritos em áreas verdes;
- Economia do tempo - máquina de habitar;
- Separação pedonal - automóvel vs. peão;
- Exemplo: *Ville Radieuse*, Le Corbusier.

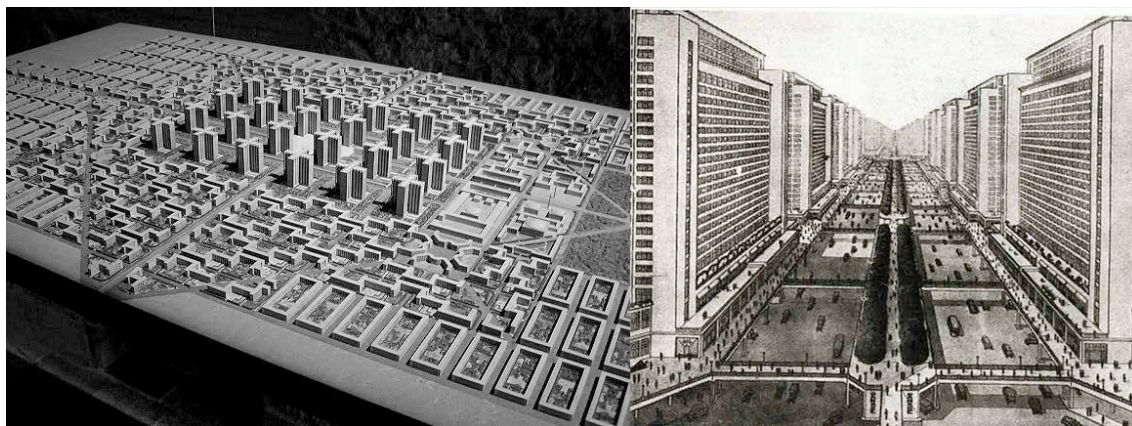


Figura 50 - *Ville Radieuse*, Le Corbusier, 1924. À esquerda, esquema do conjunto; à direita, exemplo de uma rua corredor com espaços verdes entre os edifícios.

c) 1951 - VIII CIAM - Reabilitação tecido urbano com memória

- Retorno ao centro da cidade;
- Coesão urbana;
- Uso do espaço público - rua corredor é usado como espaço de convívio;
- Sociologia urbana - ideia que o homem não pode viver se cortar com o passado;
- Multifuncionalidade;
- Rua tradicional;
- Identidade social;
- Promoção do diálogo entre novo e existente;
- Exemplo: edifício 'Bounjour Tristesse', Álvaro Siza Vieira, Berlim.



Figura 51 - Edifício Bounjour Tristesse de Álvaro Siza Vieira, Berlim , 1982. À esquerda, fachada principal do edifício; à direita, diálogo do edifício com existente.

d) Actualidade

- Estruturalismo - nova visão do homem no centro do território; os edifícios interagem com o homem enquanto o entorno interage com o todo;
- Arquitectura vernacular - preservação;
- Valorização do tecido urbano - necessidade de políticas que defendem a reabilitação, à parte da monumental;
- Coesão territorial;
- Conservar com forte valor associado - questões económicas;
- Exemplo: Laboratório da Paisagem, Cannatà e Fernandes, Guimarães.



Figura 52 - Laboratório da Paisagem, Cannatá e Fernandes, Guimarães. Antiga fábrica reabilitada como espaço público.

5.2. ESTRATÉGIAS DE ACTUAÇÃO

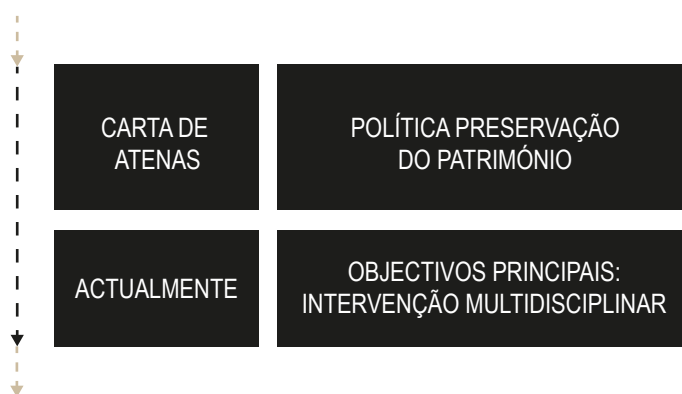


Figura 53 - Diagrama representativo da evolução das estratégias de actuação em relação à reabilitação.

Assimilando o *background* apresentado anteriormente, as estratégias de actuação das intervenções de reabilitação urbana/arquitectónica a serem consideradas pelos arquitectos actualmente, passam por uma compreensão e domínio do diálogo interdisciplinar constante das seguintes vertentes:

- Técnica;
- Social;
- Económica;
- Ambiental;
- Cultural;
- Financeira;
- E política.

O diálogo de todas estas funções e visão global de uma situação projectual levam o arquitecto a ser entendido como **coordenador**, com capacidade de reinventar.



Figura 54 - 'Aqui nasceu Portugal', Alameda, Guimarães.

6. Guimarães

Situação actual

Após apresentação da evolução urbana da cidade de Guimarães até à queda do regime ditatorial, e da evolução da reabilitação em Portugal até à actualidade este capítulo tem por base a apresentação e descrição do âmbito/método de intervenção do Gabinete Técnico Local (GTL) de Guimarães, partindo da própria descrição da Câmara Municipal.

6.1. GABINETE TÉCNICO LOCAL

“Fora raras excepções – resultantes de posses administrativas de edificios particularmente degradados -, Guimarães não se tornou gestora de um parque habitacional imenso, que acaba por consumir (na manutenção desse mesmo parque) os recursos necessários à continuidade de novas operações de conservação (tarefa por si só infinita)” (Aguiar, 1998).

Como resposta à gestão do processo de recuperação do centro histórico da cidade de Guimarães, em 1985 a Câmara Municipal criou um gabinete municipal responsável por esta tarefa - o Gabinete Técnico Local (GTL).

Juntamente com o processo de recuperação, os objectivos de manutenção da população residente e a preservação/reposição da autenticidade dos modos de intervir no património fazem parte do âmbito de aplicação do GTL. Pretendia-se que intervenções levadas a cabo pelo GTL tivessem um carácter exemplar, constituindo assim actos pedagógicos e incentivos à iniciativa particular na reabilitação do centro histórico.

Na recuperação do conjunto edificado histórico promove-se a manutenção dos sistemas construtivos - granito, taipa de fasquio, taipa de rodízio - de maneira a obter uma unidade construtiva bem como uma unidade formal e ambiental.

O GTL, através de financiamentos internos e do governo central, tem estruturado um conjunto de actuações que, além dos edificios, incide também nos espaços públicos como método para induzir o investimento do capital privado nos edificios que confinam aqueles espaços. Este é o ponto de partida para a intervenção prática desenvolvida na presente dissertação.

Segundo a Câmara Municipal, mantendo embora um carácter específico das diversas épocas da evolução da cidade legíveis nas diversas arquitecturas, matrizes cadastrais e nos novos desenhos dos espaços públicos, as intervenções nos espaços públicos confere-lhes maior dignidade também através da introdução de novas infra-estruturas.

Através da reabilitação dos espaços públicos devolvem-se praças, largos e arruamentos à cidade aos seus habitantes e visitantes, que com o continuado crescimento da cidade se tinham e continuam a converter em espaços caóticos de estacionamento automóvel. Actualmente encontram-se já reabilitados

cerca de 90% dos espaços públicos intramuros, salientando-se as zonas de peões, as vias motorizadas condicionadas e vias com estacionamento lateral permitindo zonas de paragem na cidade histórica.

Estas actuações constituem uma valiosa contribuição pela autenticidade que têm mantido/reposto mas também pela reintegração da cidade histórica como lugar de encontro, de identidade e de cultura na cidade nova.

6.2. ACTUALIDADE

De forma a dar continuidade ao tema da evolução urbana da cidade, bem como à parte prática desta dissertação, serão de seguida apresentados um conjunto de problemas, todos eles reportados e assumidos pela Câmara Municipal de Guimarães, que fazem parte da situação actual da cidade. Todas as características negativas que posteriormente irão ser apresentadas fazem parte das preocupações eminentes dos actuais governantes, e a sua resolução, é uma aposta futura no crescimento da cidade de Guimarães, tendo por base o bem-estar e a boa qualidade de vida dos habitantes.

São três os problemas que estão dentro do âmbito de actuação possível (de acordo com o tema teórico explorado): espaços verdes urbanos, o ruído e o estacionamento.

Todos os problemas serão introduzidos, relacionados, e apresentados em suporte gráfico através de um mapeamento.

a) Espaços verdes urbanos

Os espaços verdes são um elemento da cidade com a principal função de garantir uma boa qualidade de vida aos habitantes. Sendo espaços responsáveis pela geração de uma biodiversidade elevada, a sua importância torna-se essencial nas cidades com elevado nível de poluição, contribuindo para moderar o microclima urbano, permitindo a redução da amplitude térmica e regularização de temperaturas.

A par da urbanização de novas áreas, a articulação da localização dos espaços verdes com a cidade (e estas novas áreas), tem de existir.

Segundo a Câmara Municipal de Guimarães, para o concelho é fundamental apostar na criação de novos espaços verdes, onde combinam o lazer, o recreio, a fruição, bem como a manutenção dos mesmos. É referido também a necessidade da inclusão do conceito de corredor verde, que consolida a ligação entre vários habitats, fragmentados pelo processo de urbanização crescente.

De seguida será apresentado um mapa dos espaços verdes da cidade, limitado à área de estudo definida anteriormente, com objectivo de demonstrar a presença e disposição destes, mas também perceber quais as áreas com possível necessidade de intervenção (introdução de espaço verde).

Após análise do mesmo, percebemos que o perímetro urbano adjacente ao centro da cidade, é fracamente munido de espaços verdes, bem como a escassa existência de corredores verde. Apesar desta conclusão ter já anteriormente sido tirada, aquando da evolução urbana da cidade, é agora comprovada, sendo então aferido como um dos problemas a serem resolvidos numa futura intervenção.



Figura 55 - Mapa dos Espaços Verdes Urbanos. As manchas verdes representam os espaços verdes, a linha preta representa o limite da 'zona classificada como Património Cultural da Humanidade'.

b) Ruído

A questão do ruído numa cidade é importante na medida em que, segundo o Decreto-lei nº 292/2000, de 14 de Novembro, se determina que na execução da política de ordenamento do território e urbanismo deve ser assegurada a qualidade do ambiente sonoro na habitação, no trabalho e no lazer.

Para tal, é definido que as áreas vocacionadas para usos habitacionais existentes ou previstos, sejam classificadas de zonas sensíveis; e as áreas cuja vocação seja afectada em simultâneo a situações conjuntas (habitação + comércio; habitação + serviços), sejam classificadas de zonas mistas.

É da responsabilidade das Câmaras Municipais a inclusão deste aspecto nos planos municipais de ordenamento de território (PMOT).

O objectivo da apresentação destes mapas neste capítulo é a de mostrar quais as zonas do centro urbano da cidade de Guimarães que sofrem com o problema do excesso de ruído diurno e/ou nocturno. Será para isso apresentado um mapa fornecido pela Câmara Municipal de Guimarães, recorrendo à delimitação anteriormente definida na área de estudo.

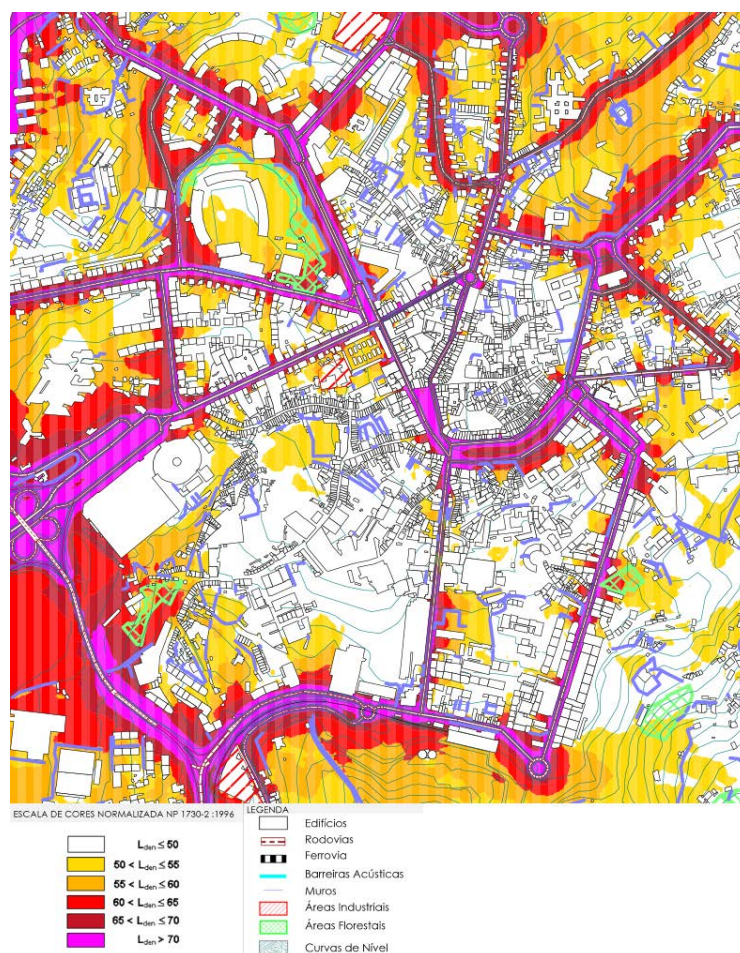


Figura 56 - Mapa de Ruído. As manchas de cor apresentam diversos valores de ruído, segundo a legenda.

c) Estacionamento

Considerado um dos maiores problemas por quem é utilizador do centro da cidade de Guimarães, o estacionamento, para além de ser escasso, as actuais localizações (intramuros) dos mesmos, ocupam praças e ruas de forma desmesurada, bloqueando espaço público que poderia ser utilizado para outros fins.

De seguida será apresentado um mapa-estudo acerca da localização e distribuição do estacionamento camarário a céu-aberto (com a mesma área de estudo dos espaços verdes), de forma a perceber de que forma este vai estando disposto pelo território e tentar colmatar lacunas.



Figura 57 - Mapa de estacionamento. A vermelho estão identificados os lugares de estacionamento. A mancha cinza e o limite da Área Classificada como Património Cultural da Humanidade pela UNESCO.

III. Parte 3



Figura 58 - Estudos de cêrcea dos edifícios das ruas Paio Galvão, Gil Vicente, Santo António; e dos largos do Toural e de Navarros de Andrade, em Guimarães.

7. Intervenção

7.1. INTRODUÇÃO

A terceira e última parte da presente dissertação destina-se à apresentação de uma resposta prática aos problemas anteriormente relatados na cidade de Guimarães, dentro do tema inicialmente explorado - o quarteirão.

A metodologia a aplicar a esta parte passa pela caracterização do local escolhido para o projecto, através de uma análise morfológica ao objecto de estudo, a apresentação da situação actual do mesmo e posteriormente a apresentação da intervenção desenvolvida.

A abordagem projectual funciona como resultado da combinação da fase inicial de pesquisa teórica da evolução do quarteirão, com a análise de quatro casos de estudo; o desenvolvimento urbano da cidade de Guimarães; o relato dos problemas actuais do seu tecido urbano (falta de espaço verde e de estacionamento), bem como a evolução do conceito da reabilitação urbana.

Este consiste na elaboração de uma estratégia de reabilitação de miolos de quarteirão que pretende ser um plano de revitalização destes espaços, aplicada numa fase inicial a um só quarteirão, devendo ser entendida como ponto de partida e auxiliar para uma futura análise/proposta desenvolvida de forma mais profunda. Esta estratégia pretende ser extensível e aplicada a outros quarteirões (desenho nº 1).

Como anteriormente foi referido, a cidade de Guimarães sofreu um grande investimento a nível infra-estrutural na reforma industrial (1850-1900) e conseqüentemente um grande e desmesurado crescimento para a sua área periférica. Acontecimento este causado principalmente pelo aumento de tráfego e pela necessidade de o desviar. A abertura de novas rodovias externas ao centro da cidade, ditou o sentido e forma de expansão da cidade até aos dias de hoje.

Em comparação à época do início da sua formação, a cidade de Guimarães retorna assim a uma bipolarização, desta vez concêntrica, onde o centro histórico e zona abrangente funcionam como um primeiro anel de desenvolvimento, seguido da zona periférica (nova expansão), que funciona como um segundo anel.

A expansão periférica aliviou não só o trânsito do centro da cidade, como também, com a construção de novos equipamentos de uso público (centros comerciais, zonas de lazer, zonas desportivas), fez com que a importância do centro da cidade, que progressivamente vai sendo desabitado, fosse diminuindo.

A cidade de Guimarães, caracterizada também pelo forte investimento no comércio tradicional, tem gradualmente vindo a sofrer com este problema, manifestando-se não só no abandono de habitantes do centro histórico, mas também de comerciantes revoltados com a falta de movimento e as elevadas taxas de arrendamento das respectivas lojas.

O objectivo programático da intervenção consagra como pontos fundamentais de intervenção: 1) a limpeza e revitalização do 'miolo' do quarteirão; 2) a valorização e aumento das áreas verdes; 3) a reabilitação urbana sistemática da unidade; 4) melhorar a relação com o comércio tradicional; 5) a introdução de estacionamento; 6) ser impulsionador de uma futura recuperação do edificado existente com valor e interesse arquitectónico.

7.2. QUARTEIRÕES PASSÍVEIS DE SEREM INTERVENCIONADOS

A cidade de Guimarães é formada por vários quarteirões que foram aparecendo ao longo da sua evolução (como confirmado no capítulo "Guimarães - Desenvolvimento Urbano" da presente dissertação).

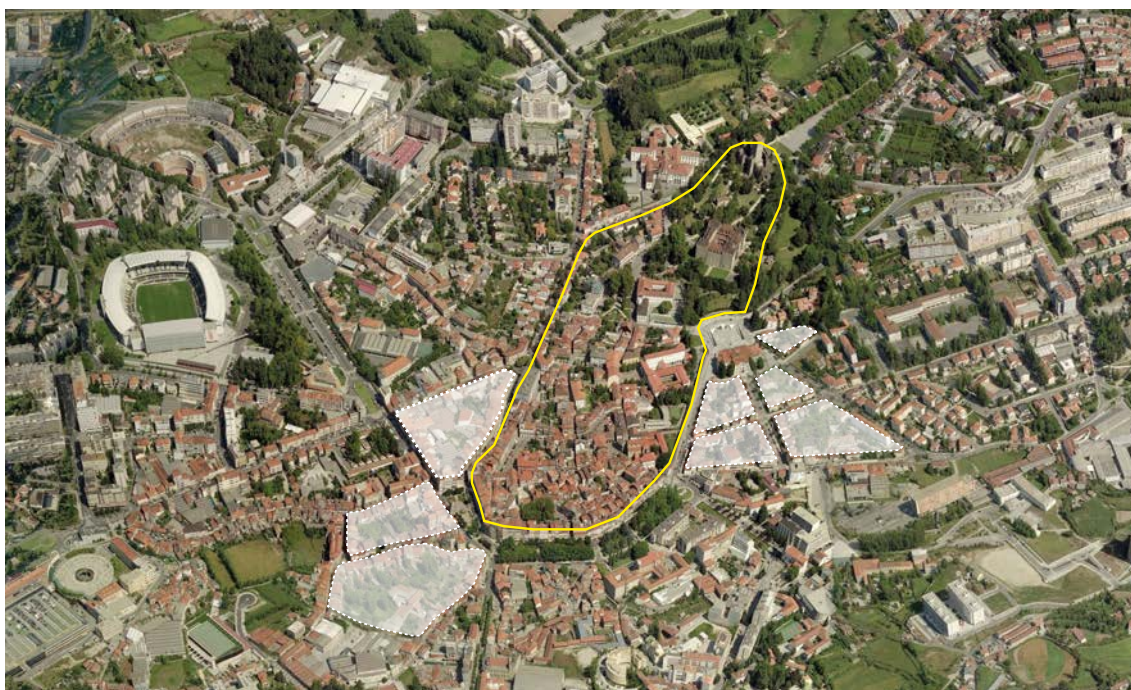
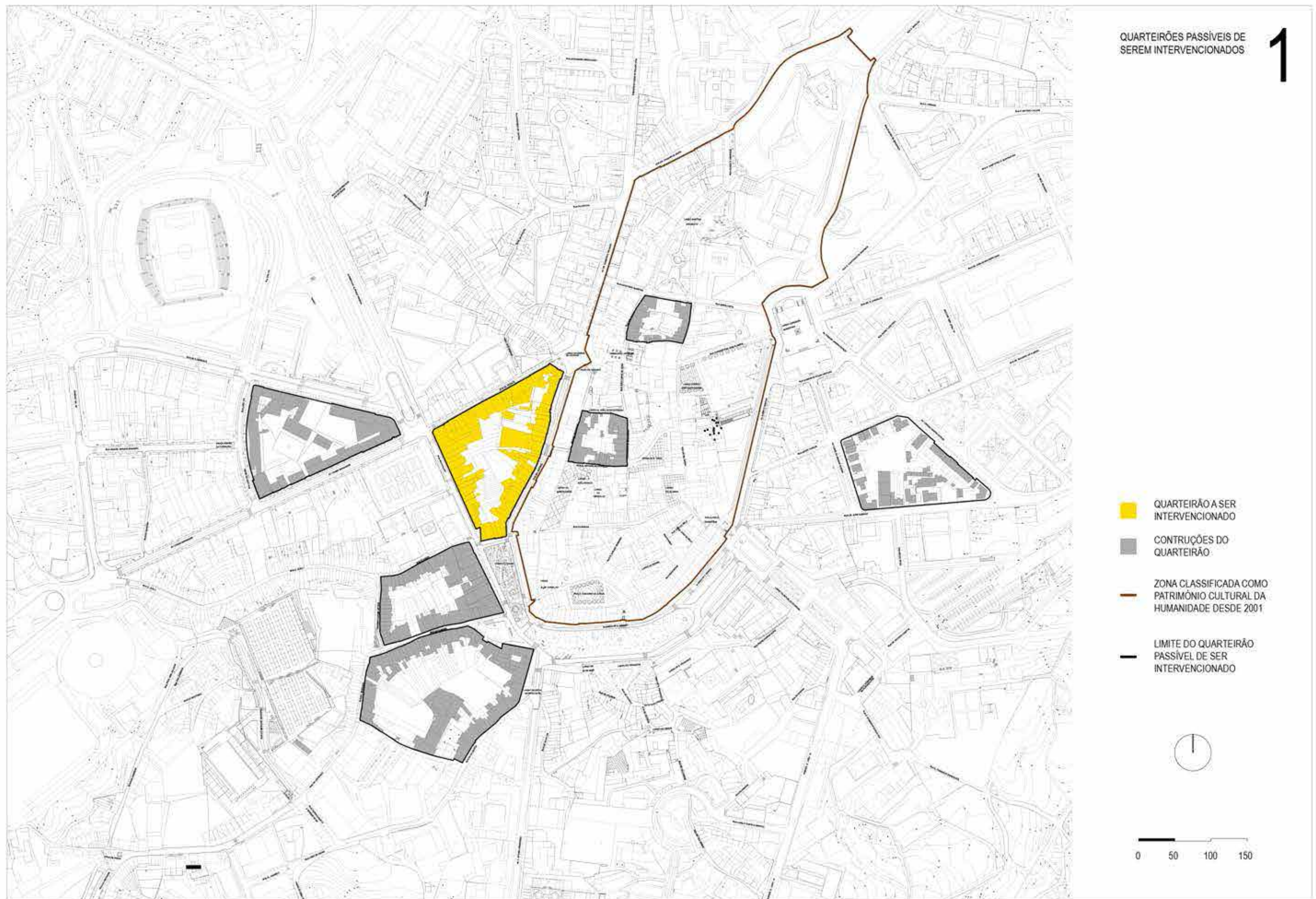


Figura 59 - Vista aérea da cidade de Guimarães. A branco estão representados alguns exemplos de quarteirão da cidade de Guimarães, a amarelo o limite da Área Classificada como Património Cultural da Humanidade pela UNESCO®.

De forma a escolher qual o quarteirão ideal a ser intervencionado, foi efectuado um levantamento prévio dos quarteirões passíveis de serem intervencionados, mais especificamente os do tecido urbano medieval extramuros⁶, adjacente à Área de Protecção e Salvaguarda à Área Classificada como Património Cultural da Humanidade, pela UNESCO® (limite da área definido pela Câmara Municipal de Guimarães).

No desenho nº1 (folha seguinte) podemos então ver todos os quarteirões passíveis de serem intervencionados, bem como a marcação do quarteirão escolhido para aplicação da prática projectual.

⁶ Segundo definição do Dicionário Língua Portuguesa, extramuros significa "fora das portas da cidade; no arrabalde".



7.3. QUARTEIRÃO 'CENTRAL'

a) Localização



Figura 61 - Vista aérea do Quarteirão 'Central'.

O quarteirão escolhido para ser intervencionado está localizado na área central da cidade, na freguesia de São Paio, desenvolve-se em aproximadamente 2.48 ha. e é delimitado pelas seguintes artérias: Rua de Santo António; Largo Navarros de Andrade; Rua Gil Vicente; Rua Paio Galvão e Largo do Toural.

Os critérios aplicados à escolha do quarteirão a ser intervencionado foram a localização - este encontra-se perto do centro histórico, onde a oferta de estacionamento é consideravelmente menor; e a configuração do mesmo - pelo seu tamanho, usos das respectivas construções e permeabilidade do mesmo, a serem posteriormente apresentados.

Recorrendo a um cruzamento de dados com o desenvolvimento urbano da cidade de Guimarães, o início da formação do quarteirão 'central' data da época da 'unificação gótica da cidade' (1279-1498), como um simples acompanhar do desenvolvimento viário, a malha urbana inicial do quarteirão erigiu-se junto a um importante eixo viário e também à muralha de defesa então existente, evoluindo até à situação actual (ver desenho nº 2, página 90).



Figura 62 - Esquema representativo da evolução do quarteirão 'central' ao longo do tempo. Cada imagem representa uma época evolutiva da cidade (ver capítulo 'Guimarães - Desenvolvimento Urbano'). A preto está indicada a malha construída, e a verde o miolo do quarteirão.

b) As Ruas

Partindo de um dos objectivos principais da presente dissertação, a elaboração de uma estratégia de intervenção num conjunto de quarteirões, com detalhe numa proposta de reinterpretação arquitectónica num quarteirão específico, o levantamento e caracterização do objecto são adaptados à escala de detalhe que esta mesma intervenção atinge.

Desta forma, e numa assumida vertente plástica, serão apresentados levantamentos fotográficos singulares de cada rua, complementados com informação acerca dos actuais usos dos edifícios.

Com estas análises pretende-se perceber essencialmente qual a configuração actual das ruas e seus edifícios (formadores do quarteirão).

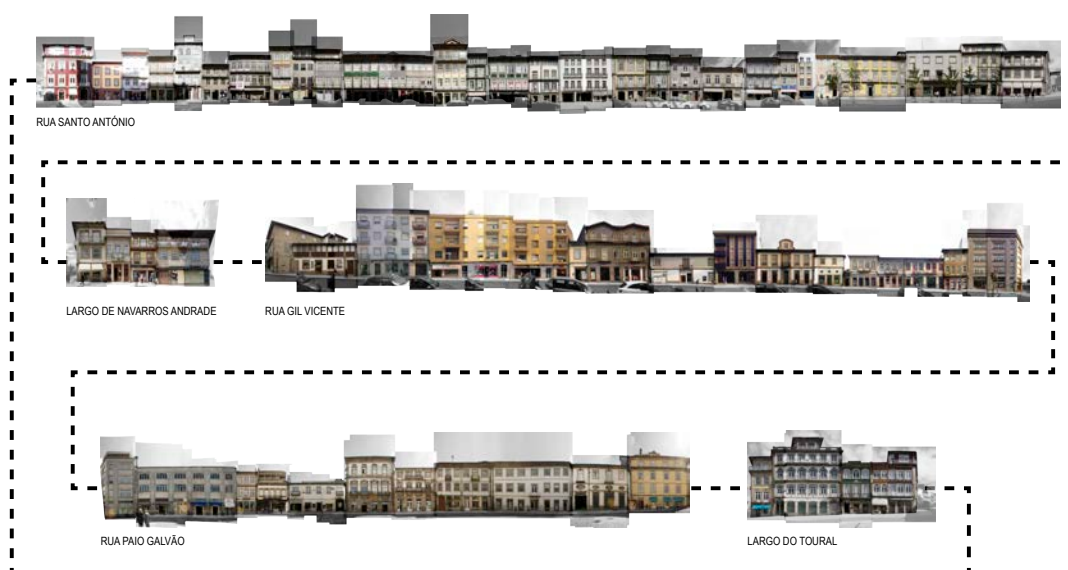
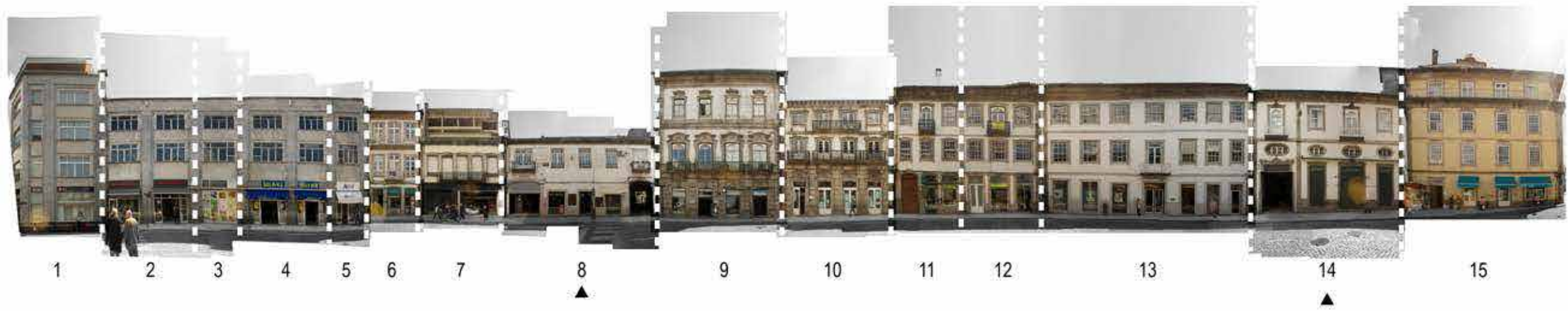
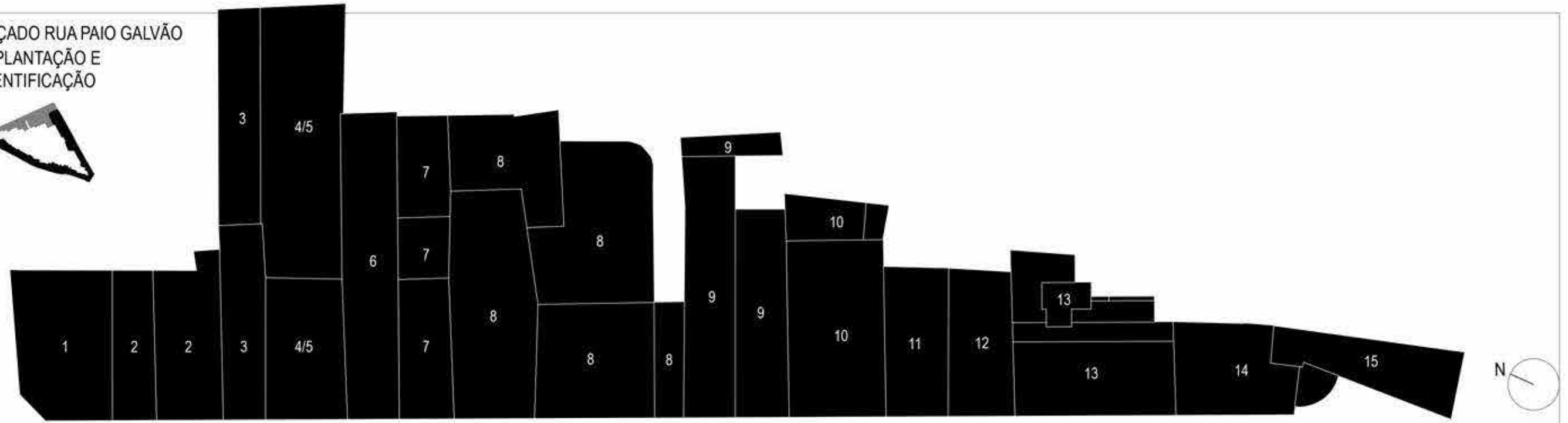
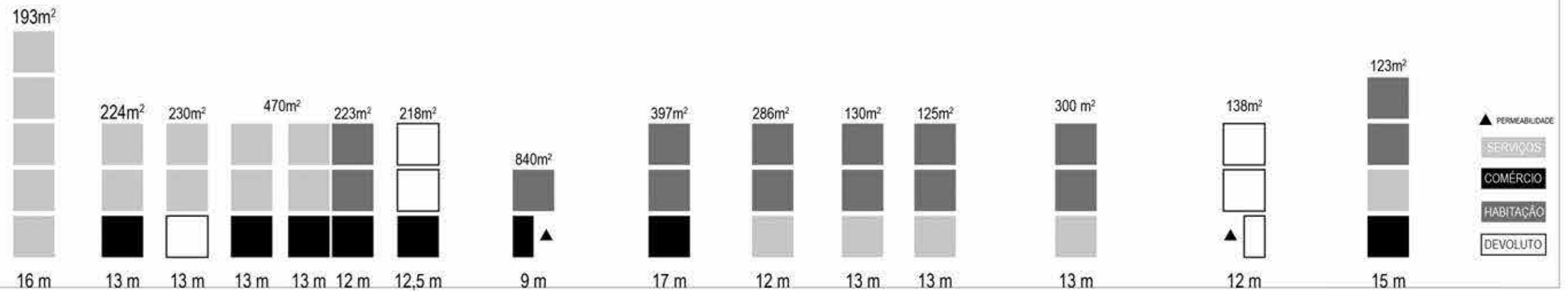


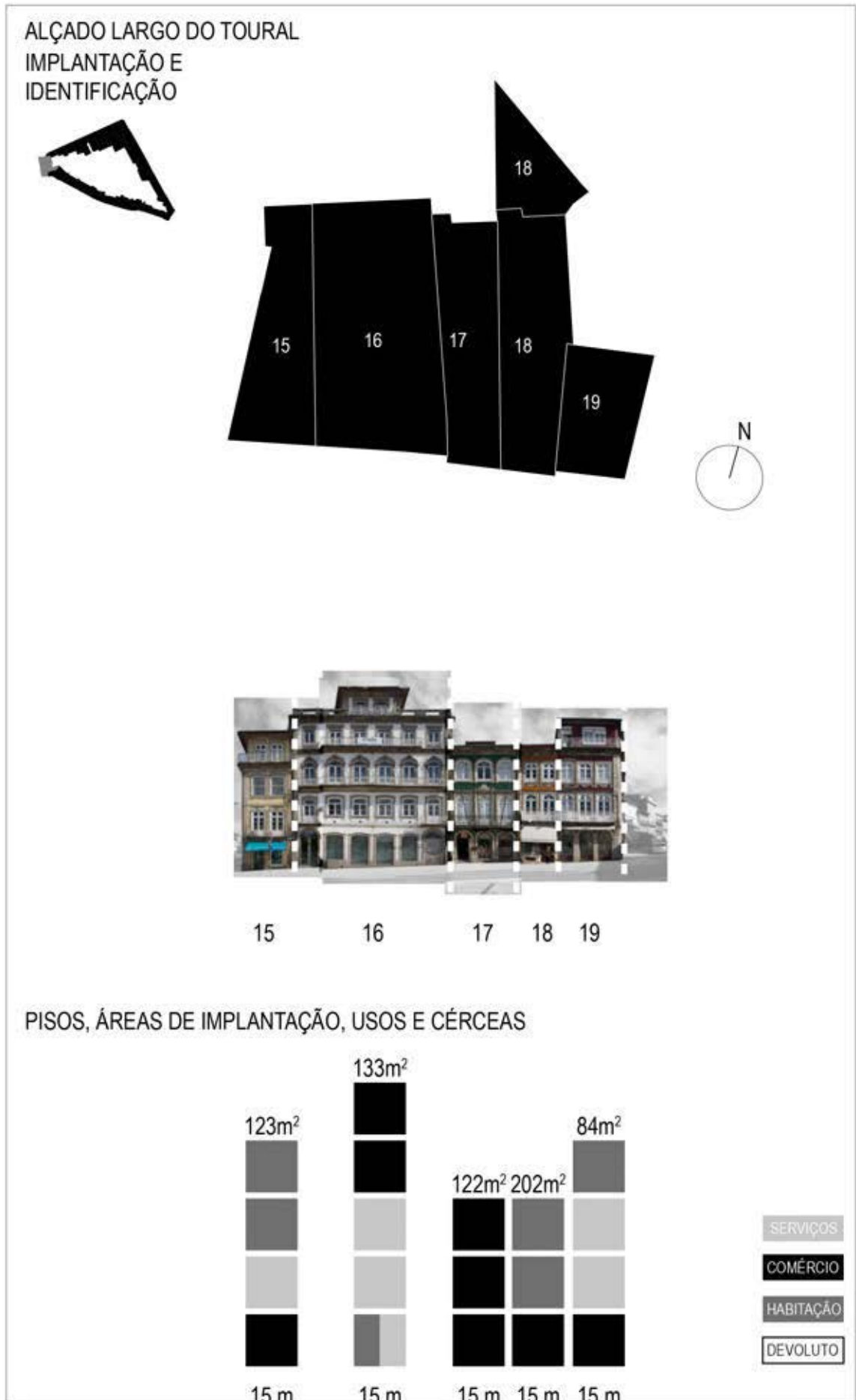
Figura 63 - Esquema representativo das ligações entre os alçados das ruas constituintes do quarteirão.

ALÇADO RUA PAIO GALVÃO
IMPLANTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO

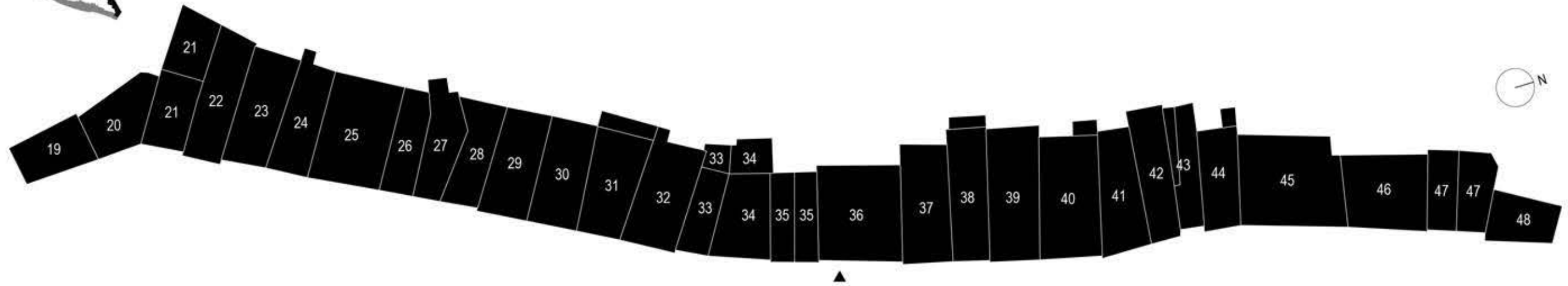


PISOS, ÁREAS DE IMPLANTAÇÃO, USOS E CÉRCEAS



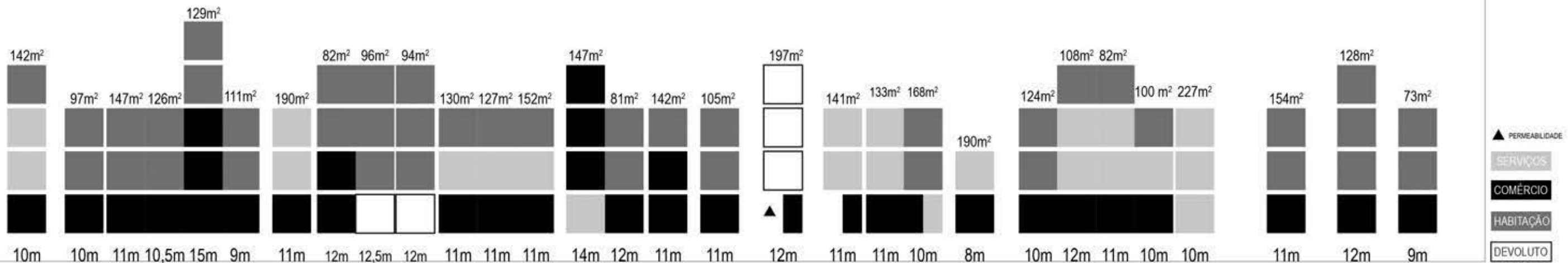


ALÇADO RUA SANTO ANTÓNIO
IMPLANTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO

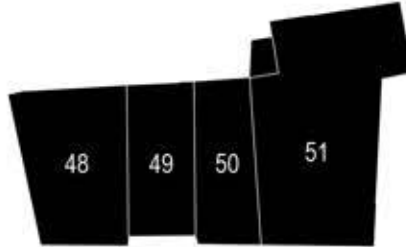


19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48

PISOS, ÁREAS DE IMPLANTAÇÃO, USOS E CÉRCEAS



ALÇADO LARGO DE NAVARROS ANDRADE IMPLANTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO



48 49 50 51

73m ²	47m ²	46m ²	142m ²
9m	9m	8m	10m

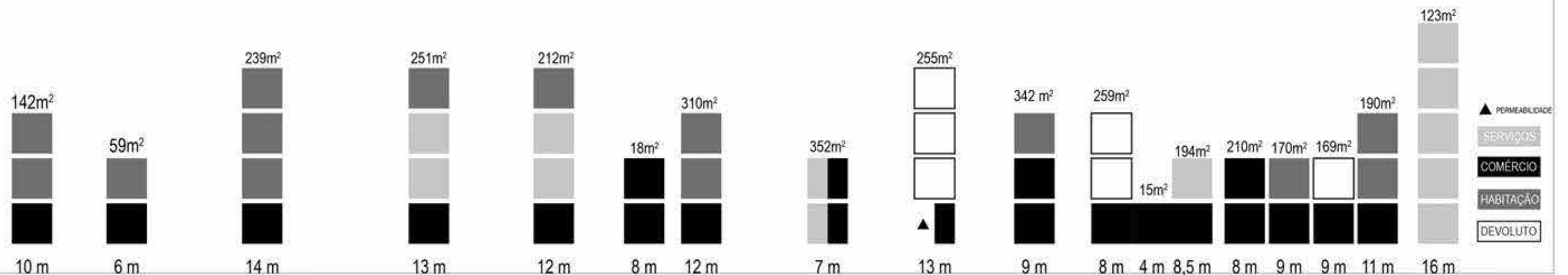
- SERVIÇOS
- COMÉRCIO
- HABITAÇÃO
- DEVOLUTO

ALÇADO RUA GIL VICENTE
IMPLANTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO



51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68

PISOS, ÁREAS DE IMPLANTAÇÃO, USOS E CÉRCEAS



c) Escolha do quarteirão

Tal como já se referiu, a escolha do quarteirão a intervencionar foi feita tendo por base dois critérios principais: a localização e a sua configuração. Sendo o autor da dissertação natural da cidade, a vivência e conhecimento dos espaços passíveis de serem intervencionados, não só facilitaram a escolha como fizeram com que o processo natural de análise-escolha-levantamento fosse substituído por um processo de cruzamento constante de diálogo entre análise e levantamento, não existindo assim uma ordem natural de processo. Assim, a razão pela qual apenas agora se está a explicitar a escolha do quarteirão, deve-se à necessidade de uma primeira análise esclarecedora dos critérios usados para a selecção do objecto. Com a apresentação da sua localização e a análise aos edifícios perimetrais, torna-se assim mais fácil suportar a escolha.

É de frisar que à medida em que mais análises vão sendo feitas (em relação ao quarteirão), mais detalhes reveladores que suportam a escolha do quarteirão vão sendo dados.

Em relação à localização do quarteirão, este está localizado apenas a dezenas de metros do centro histórico da cidade de Guimarães, em que uma das ruas delimitadoras, é o Largo do Toural. Uma praça com elevada importância e alvo de uma revitalização no ano de 2012 (no âmbito da Capital Europeia da Cultura) que a tornou num dos espaços públicos mais relevantes da cidade.

Ainda em relação à localização, a proximidade ao centro histórico ganha mais importância quando reflectida na questão do estacionamento e dos espaços verdes. Como se pôde comprovar pelo mapa de estacionamento e dos espaços verdes anteriormente exibidos, a oferta de ambos é consideravelmente menor nesta zona, tornando assim o espaço num forte candidato a uma resposta aos problemas.

A reter das análises das ruas delimitadoras do quarteirão, e aplicadas à questão da configuração do quarteirão, fica essencialmente o tamanho do objecto em questão, por ser suficiente para albergar um parque de estacionamento e espaço público verde generosos.

Comprovado também na análise das ruas, fica o facto de a totalidade do piso térreo do quarteirão ser ocupado por edificações destinadas a serviços e/ou comércio, mas também pontualmente por edifícios devolutos.

O facto de o objecto em questão possuir actualmente caminhos de servidão no seu interior (permeabilidade a ser explorada mais à frente), foi também um critério de configuração impulsionador da escolha. As aberturas existentes são 'túneis' que rasgam os edifícios ao nível do piso térreo, para permitir o acesso ao interior do quarteirão e o usufruto destes atalhos (mesmo que para isso se tenha que 'invadir' algumas propriedades privadas).

d) Situação actual

Na presente análise, pretende-se mostrar a situação actual do quarteirão, através do levantamento e identificação dos diferentes espaços que o constituem. Em análise estão os seguintes elementos: o edificado, as edificações construídas em antigos logradouros / apropriações, os logradouros (hortas, quintais), os caminhos de servidão em não-uso e os caminhos de servidão a uso (consultar desenho nº2, página 90).

Através do cruzamento de dados com a análise anterior (ruas), percebemos que o quarteirão 'central' é composto por 68 construções perimetrais. Para além destas, existe uma amálgama de outras, que foram sendo construídas pelos proprietários das primeiras no 'miolo' do quarteirão - barracões, anexos, fábricas (agora tornadas garagens de recolha de viaturas), armazéns e caminhos de servidão - ora como extensão da própria habitação, ora como apoios a outras actividades.



Figura 69 - Esquema representativo das camadas constituintes do quarteirão: Edificado; Edificações construídas em antigos logradouros / apropriações; Logradouros (hortas, quintais).

Como foi demonstrado anteriormente, o quarteirão 'central' é permeável, na medida em que existem actualmente caminhos de servidão públicos, que no ponto de vista do autor, são entendidos como atalhos entre ruas opostas do quarteirão.

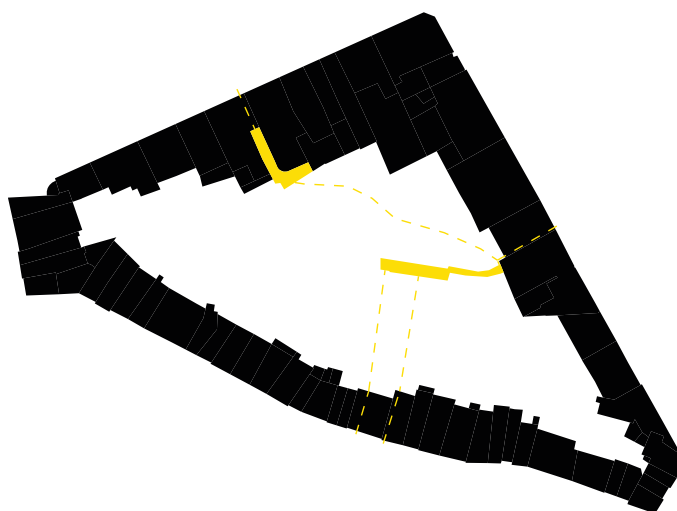


Figura 70 - Esquema representativo dos caminhos de servidão actualmente existentes no 'miolo' do quarteirão. A traço interrompido amarelo estão indicados os caminhos que se servem do edifício para penetrar no interior. As manchas amarelas representam partes dos caminhos que se apresentam a céu-aberto.

São as edificações construídas em antigos logradouros do 'miolo' do quarteirão juntamente com a questão da permeabilidade que, quer por desconhecimento e/ou difícil acesso dos comuns utilizadores, se pretendem apresentar nesta análise. De seguida será apresentado um curto ensaio fotográfico destes locais que, inicialmente, incentivaram o autor a dissertar acerca deste tema.

São fotografias capturadas pelo autor que têm como objectivo mostrar estes recônditos espaços, muitas vezes em estados degradantes de conservação, o acesso aos mesmos, e o fluxo das pessoas no 'miolo' do quarteirão.

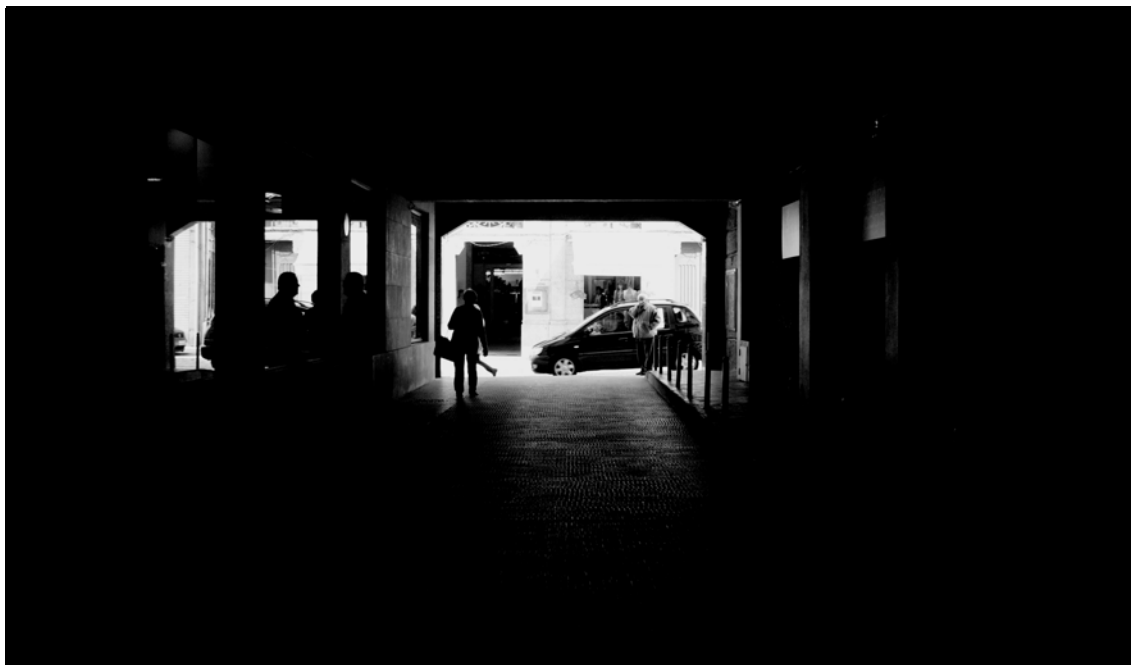


Figura 71- Vista do interior do túnel do edifício nº 59 da Rua Gil Vicente.



Figura 72 - Vista a partir da Rua de Santo António, para o túnel do edifício nº36.



Figura 73 a) - Vista do interior do túnel do edifício nº14 da Rua Paio Galvão; Figura 73 b) - Vista a partir da Rua Paio Galvão para o túnel do edifício nº 8 da Rua Paio Galvão; Figura 73 c) - Vista do interior do túnel do edifício nº8 da Rua Paio Galvão.



Figura 74 - Exemplo caminho de servidão a céu-aberto. Do lado esquerdo está a fachada traseira de uma apropriação feita pelo edifício nº 36 da Rua de Santo António.



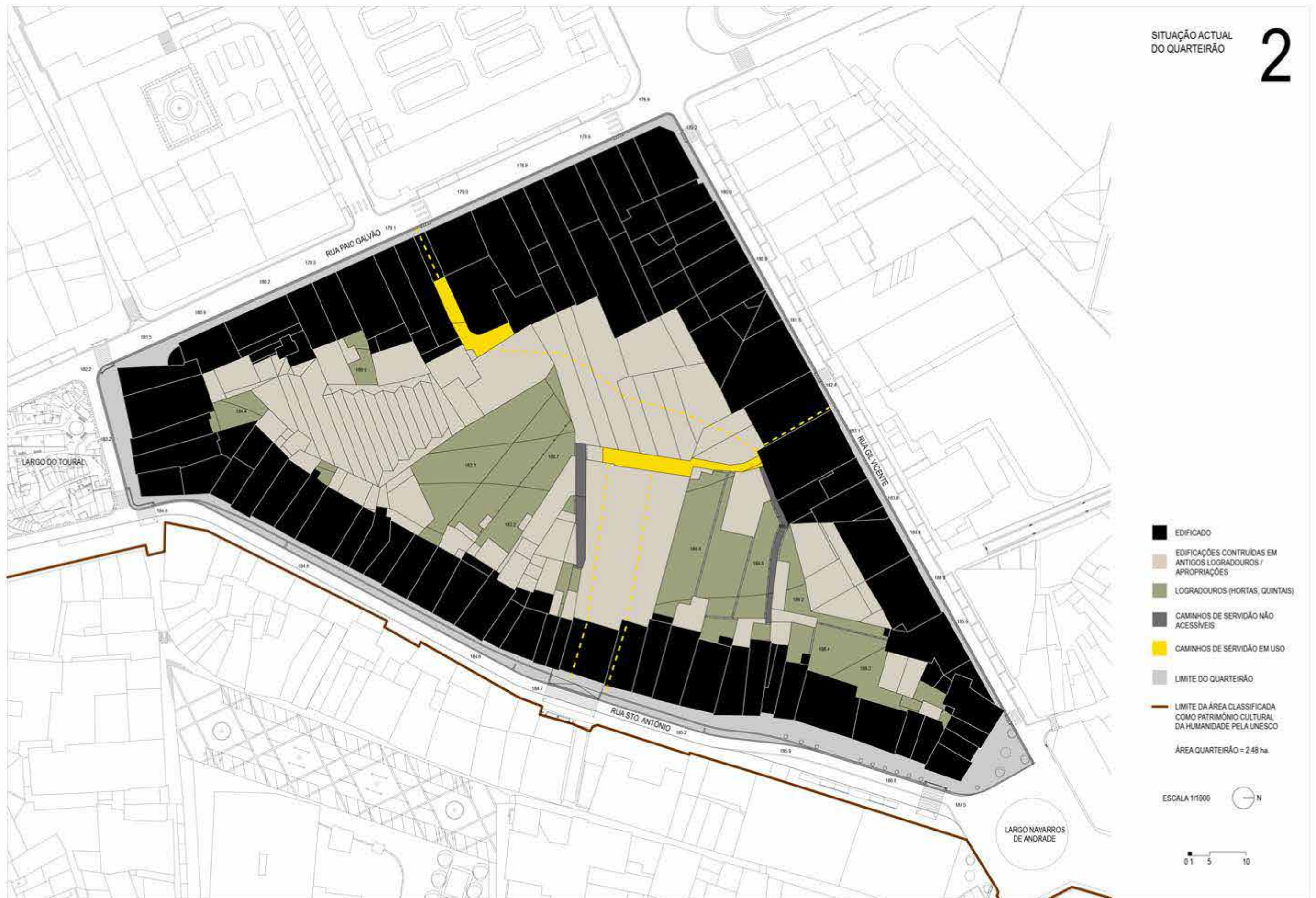
Figura 75 - Interior das Galerias de Santo António (apropriação do edifício nº36 da Rua de Santo António). É usado apenas como passagem, apenas uma loja está em funcionamento.



Figura 76 - Interior de uma apropriação do edifício nº 59 da Rua Gil Vicente. Funciona actualmente como garagem de recolha de viaturas, mas principalmente como atalho pedonal entre as Rua Gil Vicente, a Rua Paio Galvão e a Rua de Santo António.

SITUAÇÃO ACTUAL
DO QUARTEIRÃO

2



- EDIFICADO
 - EDIFICAÇÕES CONTRUÍDAS EM ANTIGOS LOGRADOUROS / APROPRIAÇÕES
 - LOGRADOUROS (HORTAS, QUINTAIS)
 - CAMINHOS DE SERVIÇÃO NÃO ACESSÍVEIS
 - CAMINHOS DE SERVIÇÃO EM USO
 - LIMITE DO QUARTEIRÃO
 - LIMITE DA ÁREA CLASSIFICADA COMO PATRIMÓNIO CULTURAL DA HUMANIDADE PELA UNESCO
- ÁREA QUARTEIRÃO = 2,48 ha

ESCALA 1/1000

0 1 5 10

N

e) Estado de conservação

Segundo dados fornecidos pela Câmara Municipal de Guimarães, o estado de conservação dos edifícios do quarteirão 'central'; e segundo uma classificação entre bom, razoável, mau, ruína e obras em curso; é o seguinte:



Figura 78 - Planta esquemática representativa do estado de conservação dos edifícios.

Podemos concluir que os edifícios que compõem o quarteirão 'central' estão em média num estado de conservação razoável. O número de edifícios em bom estado de conservação, balança a forte presença daqueles que estão em mau estado. Note-se também que todos os edifícios que estão em bom estado de conservação, se encontram implantados na zona periférica do quarteirão.

f) Edifícios devolutos / Limpeza do 'miolo' do quarteirão - demolições

O primeiro passo após a análise e levantamento do quarteirão (e respectivos elementos), em direcção à intervenção concreta, foi o foco nos edifícios do 'miolo' do mesmo. Atendendo em primeiro lugar à natureza dos mesmos - o facto de terem sido construídos em antigos logradouros, ou serem apropriações dos edifícios periféricos - e posteriormente aos seus usos, foi decidido pelo autor, a total demolição dos mesmos.

Desde galinheiros, a garagens de recolha de viaturas, ou até mesmo uma fábrica desactivada com aproximadamente 2000m² de área de implantação, estes edifícios são fortemente caracterizados por um mau estado de conservação.

À semelhança do ensaio fotográfico apresentado anteriormente, será de seguida apresentado um novo ensaio, desta vez identitário da configuração do 'miolo' do quarteirão. Tratam-se de fotografias capturadas pelo autor, feitas a partir de habitações particulares, sempre 1, 2 ou 3 pisos acima do nível do piso térreo, que permitem perceber o ambiente vivenciado no interior do quarteirão.



Figura 79 - Vista do interior do quarteirão, feita a partir da cobertura da apropriação feita pelo edifício nº 32 da Rua de Santo António. A camada com transparência e a preto e branco indica as construções do 'miolo' do quarteirão.



Figura 80 - Vista do interior de um dos ainda existentes logradouros, nº 40 da Rua de Santo António.

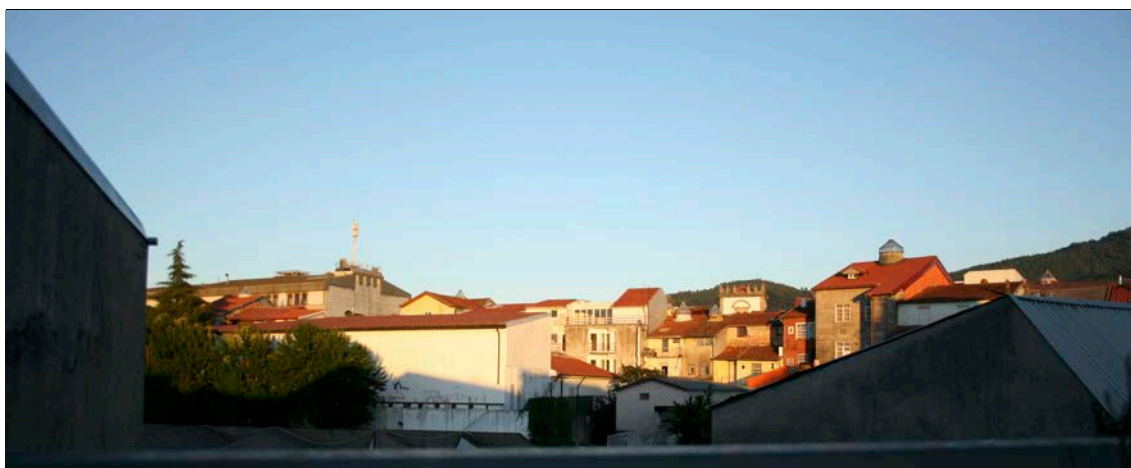


Figura 81 - Vista do interior do quarteirão, a partir do nº 6 da Rua Paio Galvão. Com incidência solar estão os edifícios pertencentes à construção original e perimetral do quarteirão.



Figura 82 - Vista do 3º piso do nº 53 da Rua Gil Vicente para o interior do quarteirão. Do lado esquerdo, o denominado 'Jardim dos Reformados', como exemplo de actual uso do logradouro como tal.

De forma sintética, a limpeza do 'miolo' do quarteirão, tenta devolver a identidade a este espaço actualmente descaracterizado.

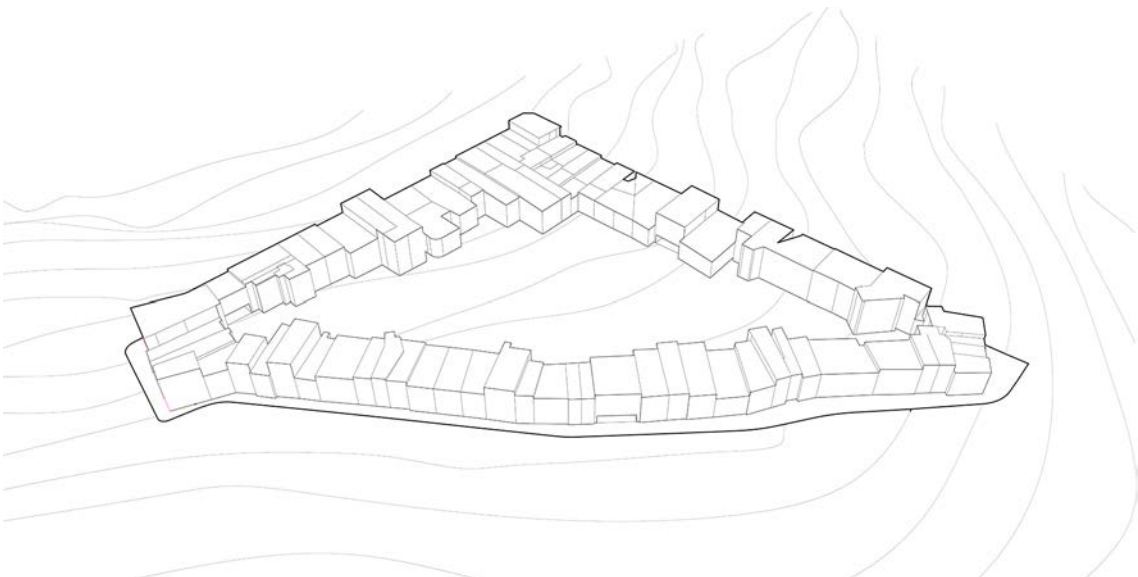
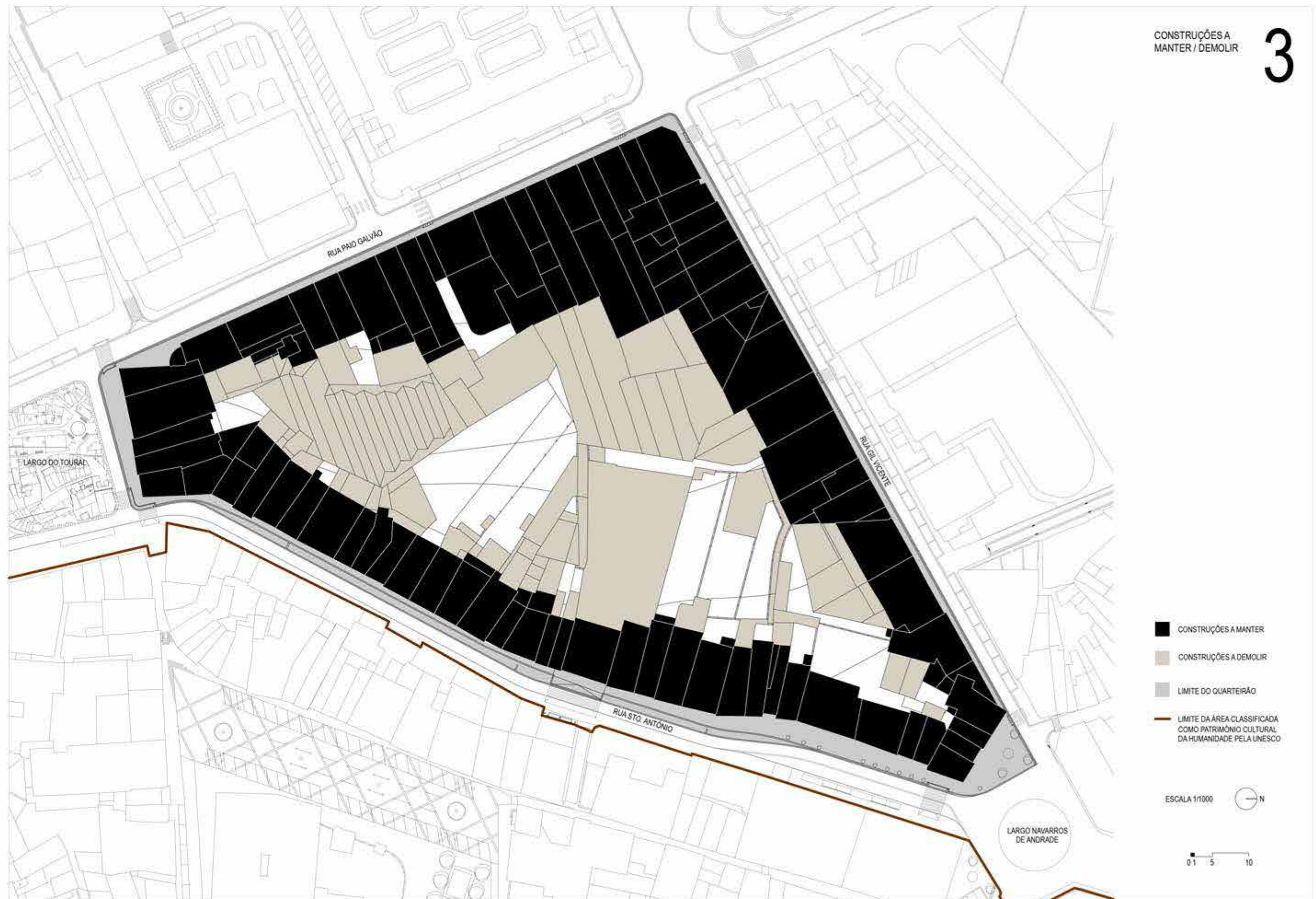
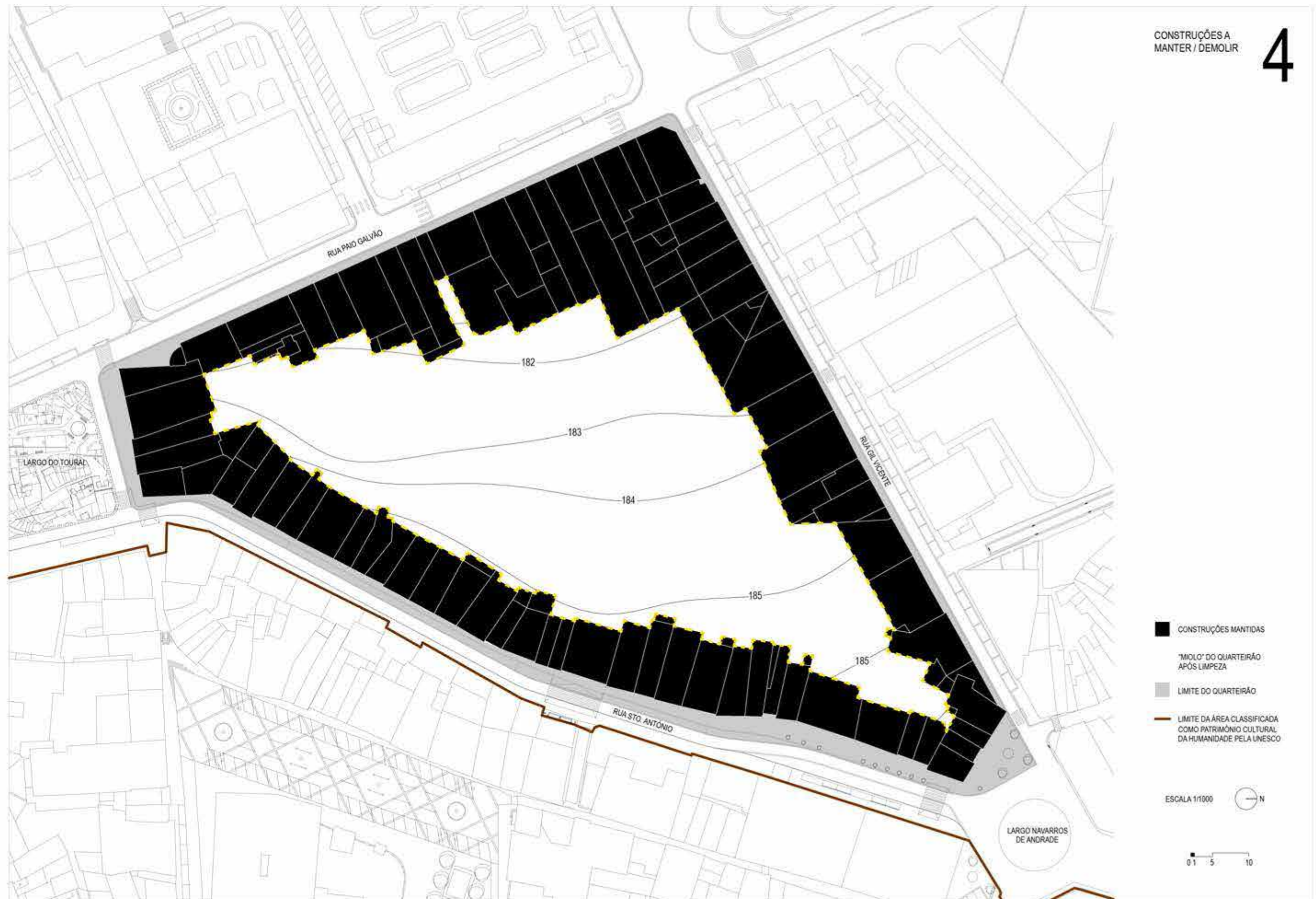


Figura 83 - Vista axonométrica representativa da limpeza final do quarteirão.

CONSTRUÇÕES A
MANTER / DEMOLIR

3





g) Proposta

A proposta de revitalização para o quarteirão em questão, passa como foi dito anteriormente, pela resolução de problemas do tecido urbano actual.

A configuração e localização do quarteirão estudado, juntamente com a introdução do novo programa, programa este que tem como focos fundamentais a criação de estacionamento e a introdução de espaço público, permite não só reaproveitar espaços em desuso; como tem por objectivo o melhoramento do dia-a-dia dos habitantes/visitantes; a valorização do espaço público actual; fornecer uma melhor relação com comércio tradicional (através do seu enobrecimento, ou do reforço do seu simbolismo e identidade histórica).

O conceito (construtivo) base do projecto, passa por assumir a limpeza feita no 'miolo' do quarteirão e transpô-la para o novo parque de estacionamento subterrâneo. Através deste passo, as fachadas interiores dos edifícios delimitadores passam, ao mesmo tempo, a serem identitárias e configuradoras do novo espaço, apenas com adaptações em situações sem nexos.



Figura 86 - A imagem da esquerda, a preto, mostra a planta do piso térreo e as construções perimetrais, bem como o limite interior de divisão edificado/'miolo'. A imagem da direita, a preto, mostra a planta do piso subterrâneo (estacionamento), onde a linha limite é a mesma da planta do nível superior.

Esta acção de prolongar as linhas base das paredes das fachadas interiores uns metros abaixo de terra, fazem com que inconscientemente o quarteirão esteja também dentro do parque de estacionamento, que embora subterrâneo e afastado de todo o movimento exterior, tenha nos seus limites uma forma urbana comum na cidade de Guimarães - a irregularidade de uma frente urbana.

Assumidamente, e numa tentativa ainda maior de devolver os antigos espaços de convívio interior do quarteirão, a inclinação natural do terreno do piso térreo, foi também transposto (distância paralela) para o piso do novo estacionamento. Esta decisão facilita o acesso ao parque, pois todas as rampas de acesso terão a mesma inclinação, visto o pé direito do parque ser sempre o mesmo, independentemente da cota da rua exterior do quarteirão a que nos encontremos.

A permeabilidade do quarteirão, antigamente marcada por acessos informais, passa agora a ser ponto-chave no projecto. Os antigos túneis foram agora melhorados, permitindo não só o acesso pedonal directo ao interior do quarteirão, como as próprias rampas de acesso ao piso subterrâneo.

Como foi dito anteriormente, um dos critérios de escolha deste quarteirão específico, deveu-se ao facto de a totalidade do piso térreo ser ocupado por edificações dedicadas a comércio/serviços. Este critério aplica-se agora na fase da proposta, na medida em que, ao tornar o 'miolo' do quarteirão acessível a todos, estando totalmente limpo, permite que todas as edificações deste tipo ganhem uma segunda frente para o espaço público, podendo-o assim tornar num espaço-corredor, onde as pessoas o usem apenas para passar ou como forma para dar a conhecer o negócio. No caso de estes espaços se tratarem de edifícios de comércio-restauração, a abertura da nova frente, permite uma nova área disponível para abertura de esplanadas, o que em todos os casos não é possível para a rua exterior. Estes edifícios passam a ser denominados por "edifícios-tapete".

O tratamento urbanístico do piso térreo passou pelo tratamento de pavimento, ajardinados, as entradas permeáveis e as caixas de acesso vertical ao parque de estacionamento.

Ainda em relação aos edifícios dedicados ao comércio-restauração, estes foram escolhidos como protagonistas de outro dos conceitos-base do projecto - os 'edifícios-tapete'. Tal como o desenrolar natural de um tapete após a sua aquisição, a partir das traseiras (fachada interior do quarteirão) dos mesmos edifícios escolhidos, um pavimento diferente surge, guiando-se pelos limites de cada edifício com o próximo, desenrolando-se até à fachada anterior da rua oposta. Este espaço é essencialmente reservado à colocação das esplanadas desses edifícios. A materialidade de toda a proposta será posteriormente apresentada, mas neste caso estamos perante um pavimento de betonilha afagada.

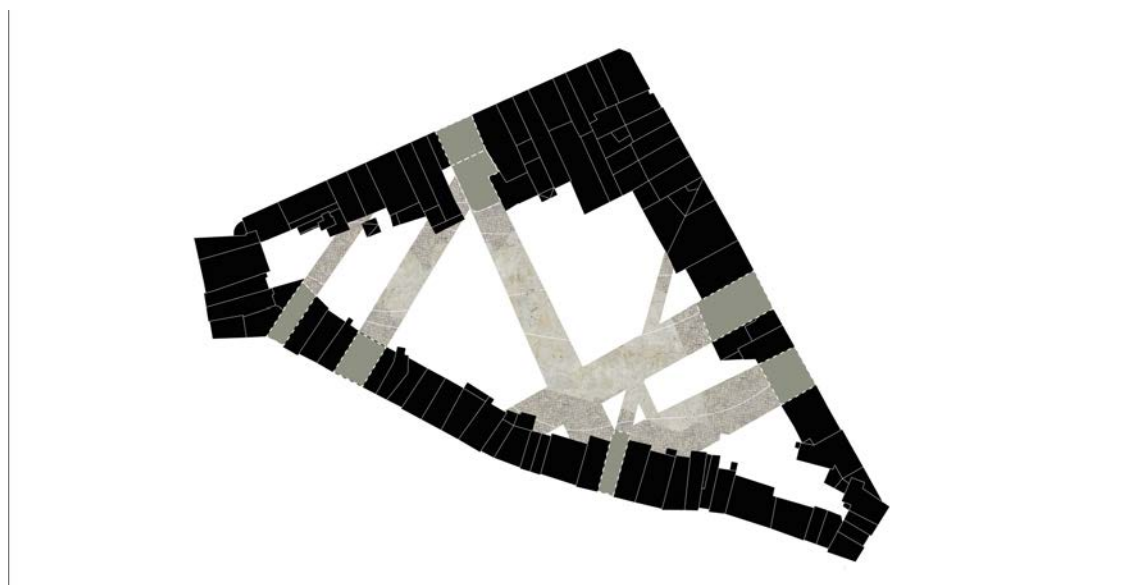


Figura 87 - A imagem apresenta parte da proposta de tratamento urbanístico do piso térreo. Os edifícios cinzentos são os 'edifícios-tapete', a partir do qual (para dentro do quarteirão) se desenvolvem marcas no pavimento, que permitem a extensão do próprio edifício para o 'miolo' do quarteirão.

Ainda como parte integrante da proposta de intervenção no interior do quarteirão, fazem parte uma série de rasgos feitos na laje que separa o piso térreo do piso subterrâneo. Estes rasgos, inicialmente desenhados como uma transposição da linha limítrofe de 5 metros para o interior das edificações do 'miolo' do quarteirão (criando assim também um outro espaço de circulação entre as edificações e os rasgos), foi-se adaptando a várias condicionantes. Primeiro foi sobreposta com a linha limite dos lugares de estacionamento do piso subterrâneo (para evitar queda de sujidade e até mesmo de chuva nos lugares de estacionamento), tendo depois sido simplificada em alguns casos particulares, em que o resultado das sobreposições não fazia sentido.

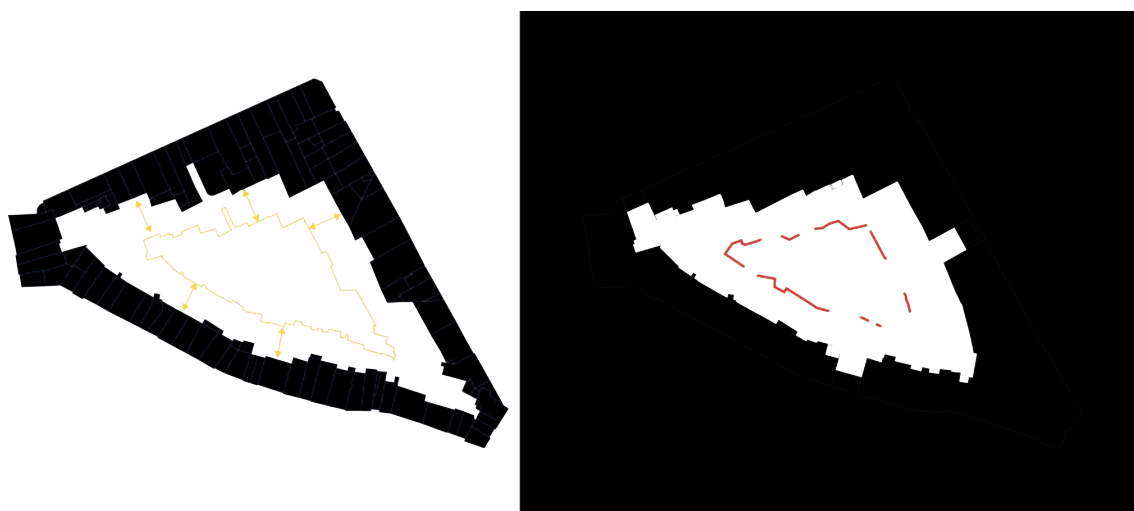


Figura 88 - O esquema da esquerda mostra o offset feito com base na linha limite do 'miolo' do piso térreo. O esquema da direita mostra as adaptações feitas através do limite dos lugares de estacionamento.

A adicionar aos arranjos urbanísticos de pavimento anteriormente descritos, os únicos elementos construtivos presentes no piso térreo, são quatro caixas de comunicação vertical - três delas para utilizadores do parque de estacionamento e uma de cargas/descargas.

As caixas de comunicação destinadas aos utilizadores do parque de estacionamento, são compostas por escadas e um elevador central. A resposta construtiva passa por uma estrutura metálica complementada por vidro, que não só permite a entrada de luz para o interior das mesmas, como as torna num foco de iluminação natural no piso subterrâneo, facilitando assim também o utilizador que procura por uma saída.

Em relação à composição programática do piso subterrâneo, este é compreendido em aproximadamente 9300m², por 128 lugares de estacionamento, espaço de circulação, dois espaços dedicados à segurança do parque, quatro núcleos de comunicação vertical e uma zona destinada a cargas/descargas.

Os desenhos nº 5 e nº6, presentes respectivamente nas páginas 101 e 102, são o resultado final da proposta.

h) Questões técnicas e materiais

Dado o aprofundamento do projecto em questão, as soluções construtivas foram todas tidas em questão, apenas sendo apresentado um pormenor das relações entre os dois pisos.

Os materiais utilizados em todo o projecto, são continuação e memória da identidade do quarteirão. Estamos perante três diferentes tipos de materiais: a calçada portuguesa, a betonilha afagada e os ajardinados.

No piso térreo, quase a totalidade da área, recorre ao uso dos ajardinados, que vão sendo recortados pelos 'tapetes', que inicialmente se 'desenrolam' das traseiras dos edifícios em calçada portuguesa, mudando para a betonilha afagada, quando por sua vez, estes interceptam os rasgos na laje.



Figura 89 - Planta piso térreo da proposta.

A laje de divisão dos dois pisos da intervenção funciona como uma estrutura dupla: uma primeira que faz ligação a partir do edificado e é interrompida nos rasgos e uma segunda (de maiores dimensões) que completa todo o interior do "miolo" do quarteirão.

Ambas funcionam como coberturas ajardinadas, devidamente planeadas para drenarem águas da chuva, diferenciando-se uma da outra, na medida em que apenas na do meio está planeada a implantação de árvores. Estudos foram feitos, para um correcto pré-dimensionamento, como pode ser comprovado no pormenor construtivo (desenho nº 8, página 104).

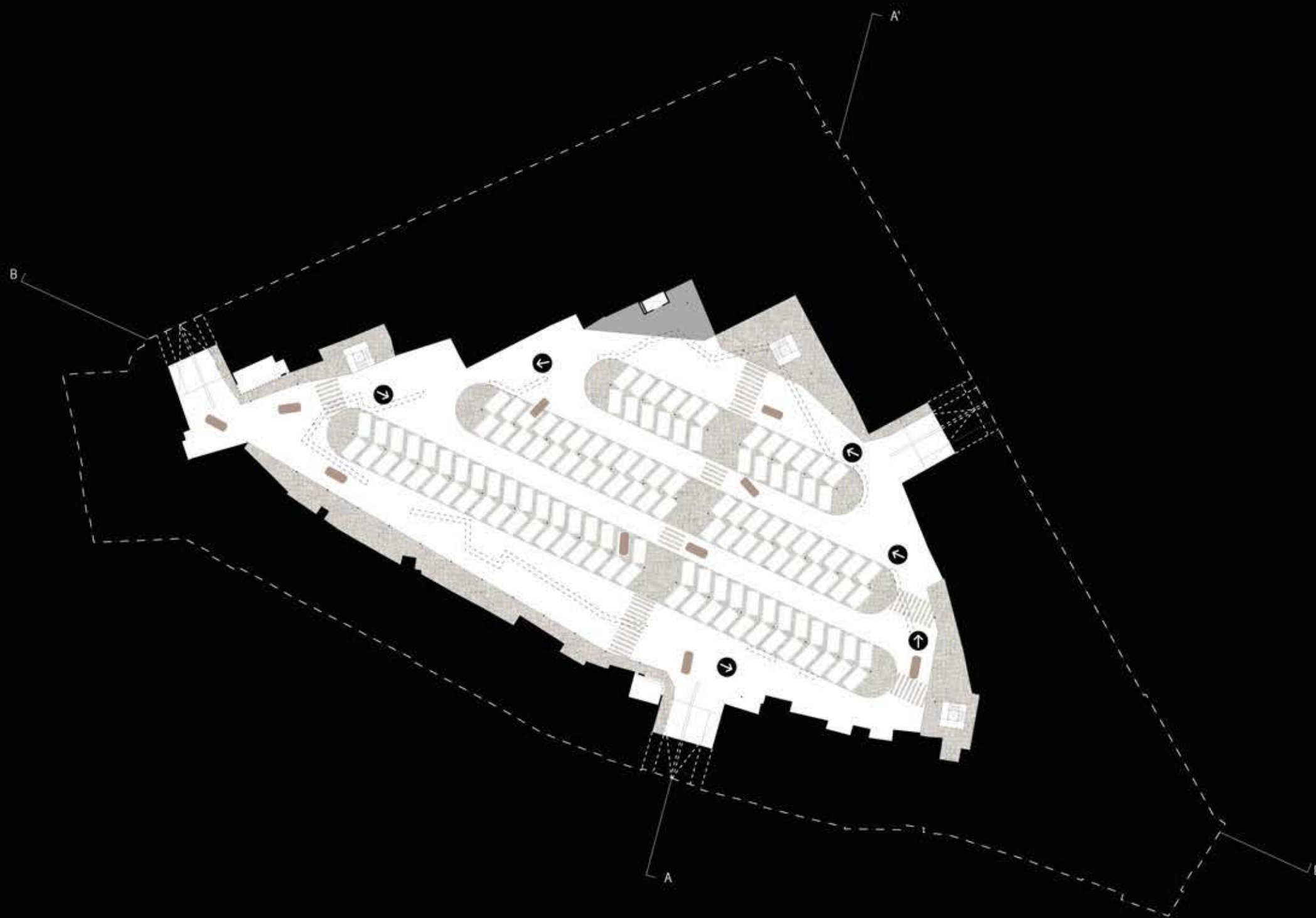
PROPOSTA
PLANTA PISO TÉRREO

5



PROPOSTA
PISO SUBTERRÂNEO

6



- CORTE
- CIRCULAÇÃO
- ENTRADA DE LUZ ZENITAL
- VIATURAS
- ZONA CARGAS/DESCARGAS

ESCALA 1/1000



0 1 5 10





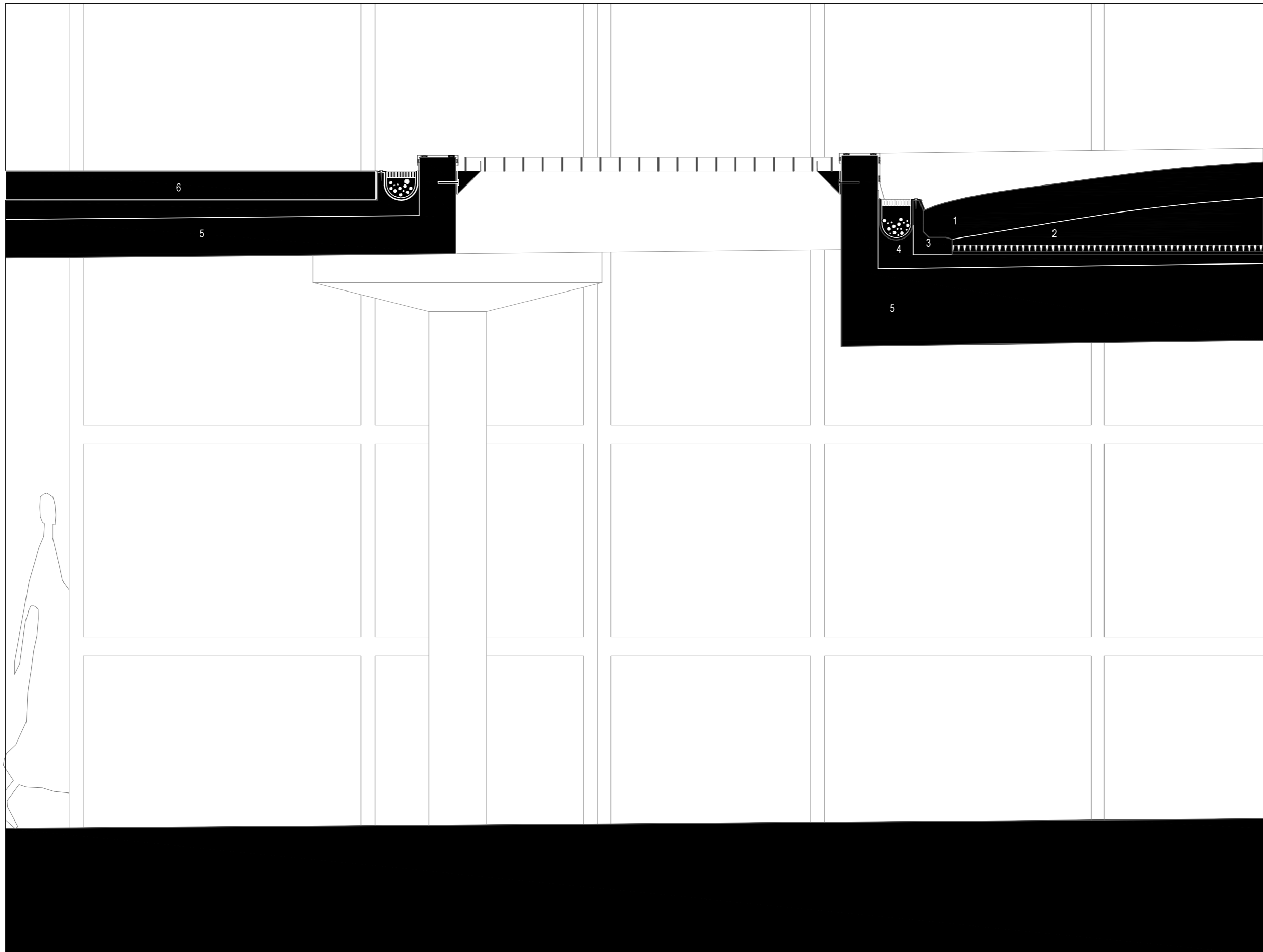
8

INTERVENÇÃO -
PORMENOR
CONSTRUTIVO DA
CONSTRUÇÃO
DAS LAJES

LEGENDA:
1 - SUBSTRATO
SUPERIOR DE TERRA
2- SUBSTRATO INFERIOR
DE TERRA
3-
4- CAMADA
REGULARIZADORA
5- LAJE BETÃO ARMADO
6 - CALÇADA
PORTUGUESA

ESCALA 1/10

NOTA: NO DESENHO APENAS
FORAM PORMENORIZADAS AS
LAJES, PELAS SUAS
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS -
COBERTURA AJARDINADA, COM
ÁRVORES



Conclusão

A resposta projectual desenvolvida ao longo da presente dissertação, levantou importantes questões relacionadas com a vivência das cidades contemporâneas, nomeadamente as apropriações e os usos que os seus habitantes fazem dos espaços urbanos.

O abandono dos centros históricos por parte dos seus utilizadores, situação esta pertencente a um ciclo conotado com alterações políticas, sociais e demográficas, faz com que as estruturas morfológicas, o seu património, a sua identidade e até a sua gente, sejam esquecidos e apenas registado na memória de quem os habitou.

No caso de uma cidade como a de Guimarães, que possui órgãos responsáveis pelo desenvolvimento de estratégias de reabilitação do centro histórico; e pela qual tem sido demonstrado interesse (primeiro com a nomeação de Património Cultural da Humanidade pela UNESCO®, depois com a Capital Europeia da Cultura e mais recentemente com a Capital Europeia do Desporto), bem como investimento, este processo tem de ser travado e novas soluções criadas.

Uma das soluções, a abordada na presente dissertação, passa pela análise crua a locais que perderam a sua identidade ao longo do tempo, quer por falta de interesse, ou por um crescimento e apropriação errados. Daqui resultam problemas que precisam de ser colmatados, de forma a devolver a sua força inicial.

O caso específico da dissertação, em que um 'miolo' de um quarteirão totalmente descaracterizado, se tornou não só num impulsionador de mudança da envolvente, como devolveu fortes factores de desenvolvimento passado, ajudou a perceber de que forma um habitante da cidade (conhecedor dos problemas) pode dar resposta a uma série de problemas relatados, com intuito de produzir uma proposta de elevado interesse para aplicações concretas futuras.

Por fim, a realização deste trabalho ajudou não só a incutir um espírito metódico de estudo e análise, bem como ajudou a desenvolver estratégias gráficas de comunicação, que certamente ficarão presentes no método de acção da próxima etapa da vida do autor.

Bibliografia

- Aguiar, José.** (1998). José Aguiar, Guimarães: (re)habitação e conservação do património urbano. *ReHabitat Centros Antigos*.
- Brandão, P. e Remesar, A.** (coords.) (2000). Espaço público e a interdisciplinidade. Lisboa: CPD
- Byrne, Gonçalo.** (2013). Retrieved 22/05/2013, 2013, from http://www.byrnearqu.com/?lop=projectos&list_mode=0&id=6f4922f45568161a8cdf4ad2299f6d23#.
- Choay, Françoise, & Merlin, Pierre** (eds.). (2010). *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement* Paris: puf.
- Corbusier, Le.** (2008). *Maneira de Pensar o Urbanismo*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Dicionário da Língua Portuguesa.** (2004). Porto. Porto Editora.
- Em Eckard, Franck; Morgado, Sodia** (eds.), Understanding the Post-Industrial City (pp.176-186)
- Goheen, Peter G.** (1998). Public space and the geography of the modern city. *Progress in Human Geography* 22,4.
- Guimarães, Câmara Municipal.** (1985). *Guimarães do passado e do presente*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães.
- Jorge, Pedro António Fonseca.** (2007). Vazios Úteis - Cerzir a Cidade. *Seminário de Estudos Urbanos - Vazios Úteis*.
- Kostof, S.** (1993). *The city shaped: urban patterns and meanings through history*: Bulfinch.
- Krier, Rob.** (2003). *Town Spaces : contemporary interpretations in traditional urbanism*. Basel: Birkhauser.
- Lamas, José M. R. Garcia.** (2011). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mattoso, José, Gaspar, Jorge, Frazão, Miguel, Aguiar, José, Moraes, Maria Adelaide Pereira, Pires, Óscar Jordão, & Ferrão, Bernardo.** (2002). *Guimarães Património Cultural da Humanidade* (C. M. d. G.-. GTL Ed. Vol. 1): Câmara Municipal de Guimarães - GTL.
- Meuron, Herzog & de.** (2002). Herzog & de Meuron 1998-2002. *El Croquis*.
- Ochoa, Rita** (2012). The importance of the walk in the analysis of public space. .
- Ortigão, Ramalho.** (1896). *Arte Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Pardal, Sidónio, Correia, Paulo, & Lobo, Manuel.** (1998). *Normas Urbanísticas - Desenho Urbano, Apreciação de planos, Perímetros Urbanos*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- RCR.** (2007). RCR ARQUITECTES, ARQUITECTURA ESPAÑOLA 2003-2007. *El Croquis*.
- Rossi, Aldo.** (2001). *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Edições Cosmos.